

Ana Beatriz Magno

A AGONIA DA REPORTAGEM

DAS GRANDES AVENTURAS DA IMPRENSA
BRASILEIRA À CRISE DO MAIS FASCINANTE DOS
GÊNEROS JORNALÍSTICOS:

uma análise das matérias vencedoras do
Prêmio Esso de Jornalismo

Brasília

2006

Ana Beatriz Magno

A AGONIA DA REPORTAGEM

DAS GRANDES AVENTURAS DA IMPRENSA BRASILEIRA À CRISE DO MAIS FASCINANTE DOS GÊNEROS JORNALÍSTICOS

Uma análise das matérias vencedoras do
Prêmio Esso de Jornalismo

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Comunicação da Faculdade de
Comunicação da Universidade de Brasília,
como requisito parcial à obtenção do título
de Mestre em Comunicação.

Área de concentração: Jornalismo e Sociedade

Orientador: Prof Dr. Luiz Gonzaga Figueiredo Motta

Brasília

Faculdade de Comunicação da UnB
2006

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO:
JORNALISMO E SOCIEDADE

Dissertação intitulada *A agonia da reportagem. Das grandes aventuras da imprensa brasileira à crise do mais fascinante dos gêneros jornalísticos: uma análise das matérias vencedoras do Prêmio Esso de Jornalismo*, de autoria da mestrande Ana Beatriz Magno, a ser julgada pela banca examinadora, constituída pelos seguintes professores:

Prof Dr. Luiz Gonzaga Figueiredo Motta - Orientador

Prof Dra Zélia Leal Adghirni- FAC/UnB

Prof Dra Maria Jandyra Cavalcanti Cunha IL/UnB

(Professor Substituto na Banca – Professor Dr. Murilo Ramos- FAC UNB)

Brasília, Setembro de 2006

Para minha mãe. Porque me ensinou a ouvir histórias, sumiu muito antes do último capítulo e me deixou em dúvida sobre a existência de finais felizes.

Para meu pai. Porque me mostrou que o final feliz é a parte menos importante da história.

Para Clara e João. Porque enchem minha vida de aventuras, torcem pelos heróis, mas querem entender os vilões.

Para Zé. Porque escreve comigo a mais antiga das fábulas, a do amor.

Para todos os que insistem no melhor ofício do mundo, o de ser repórter. Porque sabem que jornalismo é contar a história do presente - para tentar mudar o futuro.

Agradecimentos

Ao professor

Dr. Luiz Gonzaga Motta, pela perfeita tradução do “ser orientador” – aquele guia sem conduzir, aquele que mostra os caminhos, mas não escolhe a estrada.

À professora Dra Maria Jandyra Cavalcanti Cunha pela leitura rigorosa de cada linha desse trabalho, pela paciência, pelo profissionalismo e pelos conselhos.

À professora Dra Zélia Leal Adghirni, pelo carinho nos momentos em que a academia assustou minha alma acostumada com a loucura das redações.

Ao jornalista Ricardo Noblat, por ter me ensinado sobre as dores e delícias das redações.

Ao Correio Braziliense, especialmente à minha chefe, Ana Dubeux, pela compreensão de que a prática não vive sem a teoria e de que a formação do jornalista inclui temporadas de reaprendizado na universidade.

Aos organizadores do Prêmio Esso, pela presteza em me fornecer dados para a elaboração deste trabalho.

Ao querido e quase filho, Santiago Falluh Varella pela diagramação, pela revisão e pelos conselhos.

“El periodismo es una pasión insaciable que sólo puede digerirse y humanizarse por su confrontación descarnada con la realidad. Nadie que no la haya padecido puede imaginarse esa servidumbre que se alimenta de las imprevisiones de la vida. Nadie que no lo haya vivido puede concebir siquiera lo que es el palpito sobrenatural de la noticia, el orgasmo de la primicia, la demolición moral del fracaso. Nadie que no haya nacido para eso y esté dispuesto a vivir sólo para eso podría persistir en un oficio tan incomprensible y voraz, cuya obra se acaba después de cada noticia, como si fuera para siempre, pero que no concede un instante de paz mientras no vuelve a empezar con más ardor que nunca en el minuto siguiente”

Gabriel García Márquez

Resumo

O objetivo deste trabalho é responder à pergunta que mais me inquieta como profissional e que me empurrou de volta para a universidade: por que as reportagens brasileiras estão como estão ? Estão distante de suas raízes. Estão indigestas, pasteurizadas, declaratórias, agarradas ao discurso da objetividade, obcecadas pela cobertura do poder e fechadas entre os palácios de três cidades, Brasília, São Paulo e Rio. Significa que a grande imprensa brasileira está esquecendo o mais nobre dos gêneros jornalísticos, o único que combina densidade narrativa com capacidade reflexiva e valor documental. Significa também que os jornalistas já não vivem de contar histórias e leitores de lê-las.

Divido a dissertação em três partes. Na primeira discuto e diferencio os conceitos de notícia e reportagem. Na segunda, apresento um pouco da história da reportagem no Brasil e no mundo. Na terceira, mergulho na fase empírica da pesquisa, onde, através da metodologia de análise de conteúdo, examino as matérias vencedoras do Prêmio Esso de Jornalismo, desde sua criação em 1956 até 2005. É a premiação mais respeitada da imprensa brasileira, e, em que pesem as críticas ao processo de seleção dos textos premiados, não há dúvida de que os agraciados estão entre os melhores trabalhos produzidos anualmente pela imprensa brasileira. Ao analisá-los, portanto, estaremos examinando o que há de melhor em nosso jornalismo.

Concentro-me nas reportagens vencedoras da categoria principal do Esso. São 49 trabalhos em 50 anos e refletem cada momento do jornalismo no país, o que me permitiu caracterizar fases da produção jornalística brasileira. Para isso, defini categorias diferenciadas de matérias no que se refere ao tema, ao enfoque, ao texto e ao processo de produção. Classifico as reportagens em sete grandes áreas: 1. Sociais 2. Fiscalizadoras do poder 3. Internacionais 4. Policiais 5. Culturais 6. Esportivas 7. Econômicas.

A classificação por categorias temáticas revela que a reportagem brasileira está experimentando um profundo processo de mutação de seus fundamentos, desde a pauta até a publicação, passando pela apuração e pelo estilo do texto. A última reportagem

social que venceu o Esso foi em 1989 e tratava do assassinato de Chico Mendes. Desde então, com quatro exceções, um único tema é premiado na categoria principal: corrupção política no Legislativo, no Executivo e no Judiciário, e concentrada em São Paulo, Rio e Brasília. Os textos obedecem sempre a mesma fórmula: objetividade, poucos adjetivos, muito *off* e farta documentação comprobatória. É uma leitura sem viagem, um passaporte para o desencanto, num mundo sem heróis e comandado por bandidos.

No capítulo final do trabalho, concluo que está evidente a existência de uma franca concentração na abordagem política, em detrimento das grandes matérias com temáticas sociais e produzidas a partir de longas viagens, com orçamentos generosos e textos extensos. Ou seja o funeral da reportagem social é também o funeral da narrativa. Uma morte lenta, um calvário com covéis que seguem enterrando, um a um, os fundamentos do mais fascinante dos gêneros jornalísticos.

Abstract

The objective of this work is to answer to the question that uneasier that and me as professional pushed me in return for the university: why the Brazilian news articles are as are? They are distant of its origins. They are indigestible, pasteurized, declaratory, grasped to the speech of the objectivity, blinded for the covering of the power and closed between the palaces of three cities, Brasilia, Sao Paulo and Rio. Mean that the great Brazilian press is forgetting noblest them journalistic sorts, the only one that it combines density narrative with reflexive capacity and documentary value. It also means that the journalists already do not live to count to histories and readers to read them.

I divide the dissertation in three parts. In the first one I argue and I differentiate the concepts of notice and news article. In second, I present a little of the history of the news article in Brazil and the world. In third, diving in the empirical phase of the research, where, through the methodology of content analysis, I examine the substances winning of the Prize Esso de Journalism, since its creation in 1956 up to 2005. It is the respected awarding more of the Brazilian press, and, where they weigh critical to the process of election of the texts the awardees, it does not have doubt of that the awarded ones are between the best works produced annually for the Brazilian press. When analyzing them, therefore, we will be examining what it has of better in our journalism.

I concentrate myself in the winning news articles of the main category of the Esso. They are 49 works in 50 years and reflect each moment of the journalism in the country, what it allowed me to characterize phases of the Brazilian journalistic production. For this, I defined differentiated categories of substances as for the subject, to the approach, the text and the process of production. I classify the news articles in seven great areas: 1. Socials 2. Inspectors of power 3. Internationals 4. Cultural 6. Policies 6. Sportives 7. Economics.

The classification for thematic categories discloses that the Brazilian news article is trying a deep process of mutation of its beddings, since the guideline until the publication, passing for the verification and the style of the text. The last social news

article that won the Esso was in 1989 and dealt with the murder of Chico Mendes. Since then, with four exceptions, an only subject is awarded in the main category: corruption politics in the Legislative one, the Judiciary Executive and, and the intent one in São Paulo, Rio and Brasilia. The texts always obey the same formula: objectivity, few adjectives, and much off and satiated evidential documentation. It is a reading without trip, a passport for the disenchantment, in a world without heroes and commanded by outlaws.

In the final chapter of the work, I conclude that it is evident the existence of a frank concentration in the boarding politics, in detriment of the great thematic social and produced substances with from long trips, with generous budgets and extensive texts. Or either the funeral of the social news article is also the funeral of the narrative. A slow death, a Calvary with gravediggers who follow embedding, one by one, the beddings of most fascinating of the journalistic types.

Sumário

INTRODUÇÃO

(Ou epítáfio que a imprensa não publicou) 15

PARTE 1 – FUNDAMENTOS CONCEITUAIS:

**NOTÍCIA X REPORTAGEM: MAIS DO QUE UMA DIFERENÇA
DE TEMPO E ESPAÇO. UMA DIFERENÇA DE CONCEITO 20**

1. Notícia X Reportagem

1.1 Flertes preliminares 21

1.2 A versão das redações 22

1.3 Muito além dos manuais 24

2. E afinal, o que é reportagem ? 31

**PARTE II – RETROSPECTIVA HISTÓRICA: DA
UTOPIA AO DESENCANTO EM MENOS DE 100 ANOS 36**

3. Sementes americanas 37

4. Raízes brasileiras 42

5. Anos 50: tempos de aventuras 45

6. Anos 60: enfim, o Brasil nas páginas 48

7. Anos 70: acabou a brincadeira 53

8. Anos 80: jornalismo lento e gradual 57

9. Anos 90 e Século XXI: muito número e pouco texto 62

PARTE III - TRABALHO EMPÍRICO: A ANÁLISE DAS VENCEDORAS DO PRÊMIO ESSO	65
10. O Nosso Pulitzer	66
10.1 Por que o Esso ?	66
10.2 Mudanças no Prêmio e na Prensa	69
11. A escolha do método: o “o que” e o “o como”	73
11.1 O Objeto	73
11.2 A Hipótese	74
11.3 O Método	75
12. O mapa do pódio	76
13. Tabelas e Análises	82
CONCLUSÃO	
Por que as reportagens estão como estão	119
REFERÊNCIA	124
ANEXOS	
Matérias vencedoras do Esso - categoria principal	130
Matérias vencedoras do Esso - categorias regionais e outras	143

LISTA DE FIGURAS, QUADROS E TABELAS

A. QUADROS

QUADRO1	UMATRAGÉDIA BRASILEIRA	68
QUADRO2	GUTEMBERG EVOLUIU	70
QUADRO 3	ESPECIAL AMAZÔNIA	84
QUADRO 4	OS HOMENS DE BENS DA ALERJ	93
QUADRO 5	GOVERNADORES NEGOCIARAM PAGAMENTO A POLÍTICOS	96
QUADRO 6	CONTEI A LULA DO MENSALÃO	98
QUADRO 7	URGENTE ! URGENTE !	100
QUADRO 8	MAIS PERTO DA VERDADE	104
QUADRO 9	BARBA, DESEMPREGO E REPORTAGEM PREMIADA	108
QUADRO 10	FUTEBOL E FOME	110

B. TABELAS

TABELA 1	REPORTAGEM SOCIAL (ENFOQUE NACIONAL)	82
TABELA 2	REPORTAGEM SOCIAL (ENFOQUE LOCAL)	88
TABELA 3	FISCALIZADORAS DO ESTADO (ENFOQUE PODEROSOS)	89
TABELA 4	BASTIDORES DO PODER POLÍTICO (ENFOQUE PRESENTE)	99
TABELA 5	BASTIDORES DA PODER POLÍTICO (ENFOQUE PASSADO)	102
TABELA 6	REPORTAGENS INTERNACIONAIS	106
TABELA 7	REPORTAGENS CULTURAIS	107
TABELA 8	REPORTAGENS ESPORTIVAS	109
TABELA 9	REPORTAGENS POLICIAIS	111
TABELA 10	REPORTAGENS ECONÔMICAS	111

C.FIGURAS

CAPA: FOTO DE ACONTECIMENTOS DE ARAGARÇAS: DE CAMPANELA NETO
(de 1960. Primeira foto premiada no Esso. A partir de então, criou-se uma categoria específica de premiação para o fotojornalismo)

A doença atinge boa parte da imprensa brasileira. Em nome de um jornalismo moderno e objetivo, desprezou-se a reportagem – em especial, a reportagem em profundidade. A vida nos jornais é previsível e insossa como um sanduíche *fast-food*.

Igor Fuser em A Arte da Reportagem

INTRODUÇÃO

(OU O EPITÁFIO QUE A IMPRENSA NÃO

PUBLICOU)

Fazer jornalismo é contar uma versão da história do presente. Reportagem é a melhor versão, a mais completa, a que vai muito além do ontem. O ontem é o tempo da notícia. Reportagem pode passear por vários tempos, é lenta na investigação e longa na escrita. Exige olhos de surpresa durante a apuração e esmero na escritura. Enche de lama a alma do repórter e carrega o leitor para outras terras, mostra-lhe o perfume e o fedor, as marias, os josés e os senhores, o lixo e o luxo destas novas paisagens, retrata o real com tantas vozes e cenas que assanha a imaginação e a reflexão de quem lê.

Notícia informa. Reportagem forma. O verbo da notícia é relatar. Reportagem conta, narra. “Narrar é uma experiência enraizada na existência humana. Narrando construímos nosso passado, nosso presente e nosso futuro” (MOTTA, 2004). A notícia é analisada por centenas de estudos acadêmicos. A bibliografia da reportagem é magra. A notícia é o tema dos outros. A reportagem é o meu tema. Quero responder à dúvida que mais me inquieta como profissional e que me carregou de volta para a universidade: Por que as reportagens estão como estão ?

Estão distante de suas raízes. Estão indigestas, pasteurizadas, declaratórias, agarradas ao discurso da objetividade, obcecadas pela cobertura do poder e fechadas entre os palácios de três cidades, Brasília, São Paulo e Rio. Significa que os jornalistas já não vivem de contar histórias e leitores de lê-las. Significa também que a grande imprensa brasileira está esquecendo o mais nobre dos gêneros jornalísticos.

Tanto as definições mais apaixonadas como as mais ortodoxas, tanto as mais acadêmicas como as mais pragmáticas, tratam a reportagem como a jóia do ofício, a única que combina densidade narrativa com capacidade reflexiva e valor documental. O relato de Ubiratan Lemos e Mário de Moraes na revista *O Cruzeiro* sobre os paus-de-

arara que trocavam a caatinga pelo sacolejo incerto rumo ao *sul maravilha* é mais do que o exemplo da primeira vencedora do Esso, em 1956¹. É um exemplo do que a reportagem é capaz. Passado meio século, as palavras e as fotos continuam transportando o leitor para o mundo do sertanejo, suas cores, suas mãos, sua voz, seu drama.

Cremilda Medina foi uma das primeiras e poucas estudiosas das grandes reportagens no país e introduziu contornos políticos, discursivos e temporais na sua caracterização. Em entrevista concedida a Edvaldo Pereira Lima (Medina *apud* Lima², 2004, p.23), a professora da Universidade de São Paulo conceitua da seguinte forma:

“A reportagem é a forma de maior aprofundamento possível da informação social e, por outro lado, é aquela que responde melhor às aspirações de uma democracia contemporânea. É a pluralidade de vozes e a pluralidade de significados sobre o real que fazem com que a reportagem se torne um instrumento de expansão e instrumentação plena da democracia, uma vez que a democracia é polifônica e polissêmica”

A reportagem nasceu no século XIX nos Estados Unidos, só desembarcou no Brasil no final dos anos 40 e hoje é uma criatura agonizante. Respira pelos aparelhos de sua única versão publicável, o chamado jornalismo investigativo, pleonasma infeliz que tira do ofício a responsabilidade de investigar sempre e o que quer que seja – o erário, as autoridades, a cultura e os costumes. E mesmo isto que aprendemos a apelidar de jornalismo investigativo parece, às vezes, uma caricatura das grandes matérias. Amontoa números e documentos em textos de leitura entediante, sempre monotemáticos: todos tratam da mesma coisa, do mesmo desastre, o da corrupção, e pertencem a uma única escola, a do jornalismo enquanto fiscal do poder.

Para entender porque as reportagens estão como estão analisei as matérias vencedoras do Prêmio Esso de Jornalismo, desde sua criação em 1956 até 2005. Com o estudo conseguimos identificar ciclos e fases que caracterizam o processo de produção

¹ BELOCH, Israel; FAGUNDES, Laura (org). *Uma história escrita por vencedores*. Rio de Janeiro. Memória Brasil, 2006.

² Entrevista de Cremilda Medina ao autor de Páginas Ampliadas, Edvaldo Pereira Lima.

e a publicação dos textos jornalísticos no país. A análise dessas fases históricas nos levou à confirmação da premissa central, a de que a reportagem no país passou por profundas mudanças em menos de 100 anos e de que hoje ela vive um momento de crise e distanciamento de seus fundamentos conceituais. A pesquisa empírica está dividida em três capítulos. Primeiro, apresentamos um rápido histórico do prêmio. Depois falamos de “o quê” e “como” pesquisamos. Por fim, mostramos os resultados da pesquisa, com tabelas e análises de dados

Aplicamos sobre o pódio do Esso uma adaptação da pergunta-chave que, segundo Nelson Traquina (2002), marca o nascimento da teoria da notícia: Por que as notícias são como são? Aqui trocaremos o ser pelo estar. A notícia pela reportagem. Divido a dissertação em três partes. Na primeira discuto e diferencio os conceitos de notícia e reportagem. Na segunda, apresento um pouco da história da reportagem no Brasil e no mundo. Na terceira, mergulho na fase empírica da pesquisa.

Concentrei-me nas reportagens vencedoras da categoria principal do Esso. É a premiação mais respeitada da imprensa brasileira, e, em que pese as críticas ao processo de seleção dos textos premiados, os trabalhos vencedores estão entre os melhores produzidos anualmente no país. Ao analisá-los, portanto, estaremos examinando o que há de melhor em nosso jornalismo.

Nossa hipótese que, será mais largamente tratada na terceira parte dessa dissertação, é de que o perfil das matérias vencedoras do principal prêmio de jornalismo do país mudou profundamente nos últimos cinquenta anos e que essas transformações refletem fases da reportagem no Brasil. Identificamos cada uma dessas fases e mostramos que na última década há um enorme distanciamento dos fundamentos conceituais que caracterizam o mais nobre dos gêneros jornalísticos.

São 49 trabalhos em 50 anos, coincidem com um período histórico que vai da primeira infância à maturidade da reportagem brasileira e refletem cada momento do jornalismo e do país. Para decifrar essas fases, li todos os textos vencedores da categoria principal do Esso, arqueei os trabalhos vitoriosos de outras categorias e coletei artigos e documentos dos jurados, cujos trechos reproduzo ao longo da dissertação.

Foi uma pesquisa exaustiva, mas ajudou a caracterizar categorias diferenciadas de grandes reportagens, a partir de condições de apuração e de publicação. Cataloguei cada matéria a partir dos seguintes critérios:

- # Tema e enfoque
- # Espaço, tempo e local de apuração
- # Relação com a fotografia
- # Fontes
- # Estilo do texto
- # Publicação: veículo e espaço

A associação desses seis quesitos abriu o caminho para um novo recorte de análise dos trabalhos premiados pelo Esso e, conseqüentemente, para a classificação dos trabalhos premiados, de acordo com sete categorias diferentes de reportagens:

1. Sociais
2. Fiscalizadoras do Estado
3. Internacionais
4. Culturais
5. Policiais
6. Esportivas
7. Econômicas.

A pesquisa empírica mostrou que a reportagem brasileira está se distanciando de seus fundamentos e experimentando um profundo processo de mutação desde a pauta até a publicação, passando pela apuração e pelo estilo do texto. A última reportagem social com enfoque nacional que venceu o Esso foi publicada em 1989. Tratava do assassinato de Chico Mendes e foi assinada por Zuenir Ventura, no Jornal do Brasil, com texto que virou livro, e que carrega o leitor para o faroeste amazônico, o Acre, com suas guerras pela terra, e com seus amores pela floresta. Leituras assim sumiram da imprensa e dos pódios.

Desde 1997 um único tema fatura o Esso: corrupção política no Legislativo, no Executivo e no Judiciário, e concentrada em São Paulo, Rio e Brasília. Os textos obedecem sempre a mesma fórmula: objetividade, poucos adjetivos, muito *off* e farta documentação comprobatória. É uma leitura sem viagem, um passaporte para o

desencanto, num mundo sem heróis e comandado por bandidos que se revezam no poder e nos escândalos revelados diariamente por incansáveis coberturas que fiscalizam os poderosos, mas que não conquistam o coração e a mente do leitor, como caracteriza o espanhol Tomaz Eloy Martinez: “O jornalismo nasceu para contar histórias e parte desse impulso inicial está se perdendo” (1999, p.7).

Claro que fiscalizar é uma função importante da imprensa, mas não é a única. Tampouco a fiscalização do poder deve se resumir ao papel de fantasma escandaloso que assombra políticos inescrupulosos. Da mesma forma que a natureza dos grandes problemas brasileiros não pode ser resumida ao maniqueísmo da corrupção. Está na utopia fundadora do jornalismo a tarefa de apresentar ao leitor os problemas do mundo, do país, da cidade, da rua e do homem (GENTILLI, 2006).

As grandes reportagens são capazes disso. Produzem uma identidade única entre os opostos, é o lugar do encontro, de classes, de preto e branco, de rico e pobre, de urbano e rural, de jornalista e leitor, de vida vivida e vida contada. Assim, o leitor se reconhece no outro, um se vê no outro. E, o meio, o veículo, o agente desse encontro é o mais humano dos símbolos – a palavra. O antropólogo catalão, Lluiz Duch ensina que a palavra humaniza (DUCH, 2002). Logo, se há um empobrecimento do texto, há também um empobrecimento de sua capacidade de humanizar – quem lê e quem escreve.

Espero mostrar nas próximas páginas que a crise da reportagem é também a crise narrativa no jornalismo, uma agonia fúnebre que começou no final dos anos 80. É uma morte lenta, um calvário com coveiros que seguem enterrando, um a um, os pré-requisitos fundamentais para a produção do mais fascinantes dos gêneros jornalísticos. Por fim, pretendo desvendar os estágios desta crise e mostrar que ela é muito mais séria do que apenas a decadência de um gênero jornalístico e que tem resultados dramáticos para o ofício, para o leitor e para a construção da cidadania. É uma dissertação com mais dúvidas do que certezas, e ainda muito marcada pela minha incorrigível natureza – a de repórter apaixonada pela tarefa de contar histórias.

PARTE I

FUNDAMENTOS CONCEITUAIS

**Notícia X Reportagem:
Mais do que uma diferença de tempo
e tamanho. Uma diferença de conceito**

1 Notícia X Reportagem

1.1 Flertes Preliminares

Reportagem e notícia não são sinônimas. Notícia mora na superfície. Reportagem é mergulho. Notícia é seca, reportagem está impregnada com a umidade de perfumes e suores. Notícia é o olhar do repórter sobre o fato. Reportagem tem que explicar o fato, ir além dele. Notícia é urgente, rápida. Reportagem carece de tempo para apurá-la. Notícia não precisa de fotos. Reportagem casa com fotojornalismo. Notícia vem da fonte, pode ser captada através do telefone, da internet, da entrevista. A fonte preferencial da reportagem são os olhos e os ouvidos do repórter. Notícia significa conhecimento. Reportagem é um jeito de conhecer.

Para quem deseja conhecer a Segunda Guerra Mundial um bom caminho é mergulhar nos arquivos do *New York Times*. Eles guardam preciosidades como a edição de 18 de abril de 1945, no qual o correspondente Gene Corre oferece ao leitor o cheiro, a cor e as sombras dos campos de concentração. Essa capacidade de seduzir quem lê pela profundidade da investigação e conseqüente riqueza da descrição, características essenciais das reportagens, chegou ao jornalismo pelas mãos de grandes escritores do passado, como conta o espanhol Tomaz Eloy Martinez (1997, p.4):

“Os primeiros grandes narradores foram grandes jornalistas. Entendemos muito melhor como foi a peste que assolou Florença em 1347 através do **Decameron** de *Boccaccio* que através de todas as histórias que se escreveram depois. A lição de Boccaccio, como a de Dickens, Defoe, Balzac e Proust, pretende algo muito simples: demonstrar que a realidade não nos passa diante dos olhos como uma natureza morta, mas sim como um relato em que há diálogos, enfermidades, amores, a despeito de estatísticas e discursos”.

Essa contaminação entre o texto e os sentidos do leitor é uma das mágicas essenciais da reportagem e uma das diferenças importantes entre ela e a notícia. Notícia informa, reportagem ajuda a entender. A leitura do trabalho de Gene Corre no *NYTimes* revela que a imprensa é capaz de entregar aos leitores muito mais do que o relato frio de quando e quantos morreram, indagações próprias da fórmula clássica do *lead*. Significa que a reportagem difere de notícia também do ponto de vista do que se passa com o leitor ao lê-las.

Notícia conta a fábula do presente (MOTTA, 2004). Tem duas vozes, um lado e outro lado, e uma moral. Reportagem conta uma história com personagens. Notícia pode ser curta, a outra tem que ser longa. Uma é objetiva, substantiva. A outra é gênero. Notícia é datada. Reportagem pode ser eterna. Notícia persegue a objetividade, a reportagem quer seduzir o sujeito com as curvas da palavra.

Notícia vem do latim *Notitia*, significa conhecimento. Reportagem é um jeito de conhecer. De reconhecer. O dicionário etimológico de Antonio Geraldo da Cunha ensina que a origem é latina, *reportare*³, de narrar, recontar, voltar a contar, transportar, como se coubesse à narrativa levar o ouvinte até o fato. “Notícia é o relato mais curto de um fato. Reportagem é o relato mais circunstanciado do fato”, resume o jornalista Ricardo Noblat (2002, p.130).

1.2 A versão das redações

Os conceitos de notícia e de reportagem estão cercados de polêmica tanto no território acadêmico quanto no mundo do mercado. Os manuais de redação, bíblias que “orientam” as rotinas produtivas⁴ de repórteres, editores, fotógrafos e diagramadores, diferenciam as duas há mais de 20 anos. O Manual da Folha, editado em 1996, sob a coordenação de Carlos Eduardo Lins e Silva e Mario Vitor Santos, recita o evangelho da objetividade e recorre a idéias instrumentais para distingui-las. Na visão da Folha de São Paulo:

³ CUNHA Antonio Geraldo da, *Dicionário Etimológico*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001

⁴ O conceito de rotinas produtivas usado aqui está em MOLOTCH, Harvey e LESTER Marilyn. *As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico dos acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos* in TRAQUINA, Nelson (org.) *Jornalismo: Questões, teorias, estórias*. Lisboa (Portugal) Vega. P.34-53.

Notícia⁵ é a informação que se reverte de interesse jornalístico; puro registro dos fatos, sem comentário nem interpretação. A exatidão é seu elemento-chave[...] A definição do interesse jornalístico depende de critérios flexíveis que variam em função do tempo, lugar de publicação, etc..." (1996, p.30):

“**Reportagem**⁶ é o núcleo essencial do jornalismo, deve sempre conter a descrição do fato, todas as versões das partes envolvidas e se, possível a opinião de especialistas. O repórter deve sentir e registrar o ambiente para poder relatá-lo. A qualidade do texto final depende, em grande parte, do rigor da apuração. É recomendável que o repórter estude o tema a que a reportagem se refere” (1996, p.122).O

O tradicional Manual de Redação e Estilo *de O Estado de S. Paulo*⁷, organizado pelo jornalista do Eduardo Martins, do grupo Estado, e publicado em 1995, vai mais além do que a Folha e também separa os dois conceitos:

“A reportagem pode ser considerada a própria essência de um jornal e difere da notícia pelo conteúdo, extensão e profundidade. A reportagem busca mais: partindo da própria notícia, desenvolve uma seqüência investigativa que não cabe na notícia. Assim, apura não somente as origens do fato, mas suas razões e efeitos. A notícia não esgota o fato; a reportagem pretende fazê-lo" (MARTINS org., 1995, p. 254).

Os manuais revelam um pouco do estado das redações e mostram que os jornalistas ainda estão reféns do perigoso triângulo amoroso entre notícia, realidade e verdade, mito que durante anos sustentou a teoria de que as notícias são como são

⁵ Grifo nosso

⁶ Grifo nosso

⁷ O manual de O Estado de S. Paulo foi escrito pelo jornalista de O Estado de S. Paulo, Eduardo Martins, e é referência cotidiana nas redações brasileiras.

porque espelham a realidade. É uma idéia equivocada e ultrapassada, como demonstra Gonzaga Motta (2001, p.113):

“A notícia não é um relato em linguagem objetiva que reflete a realidade como um espelho, como defende a maioria dos manuais de redação dos jornais e livros escolares de introdução ao jornalismo. Ao contrário, a notícia é produto de uma percepção consciente ou inconscientemente seletiva da realidade por parte do jornalista a partir de seus critérios profissionais, pessoais ou institucionais. É uma das diversas versões possíveis do mundo que, partindo dos cânones da profissão, privilegia a ruptura (ou o conflito) na observação e relato da realidade. A notícia é, portanto, um *constructo* cultural relativo a uma determinada ordem de coisas, relativo a uma determinada estabilidade social e histórica institucionalizada”.

Além de uma concepção equivocada de notícia, a teoria do espelho⁸, presente nos manuais de redação, oferece também uma idéia errônea de reportagem, mistifica o papel do jornalista - um deus capaz de captar “todas as dimensões de um fato” - e minimiza o significado do real, ao dizer que ele é capturável. Por fim, reduz o conceito de reportagem a uma mera idéia pragmática de que ela faz aquilo que a notícia não conseguiu fazer. A reportagem seria apenas uma notícia maior, mais longa. A seguir, tento escapar desses reducionismos e apresento o que alguns respeitados estudiosos discutem sobre notícia e reportagem.

1.3 Muito além dos manuais

Há pouquíssima reflexão acadêmica no Brasil sobre a gênese e a história da reportagem no país. “A bibliografia a respeito do tema, além de escassa, é apenas pontual. Se restringe a momentos de produção jornalística, quase sempre desconexos com o traçado de uma possível linha de coerência ou possíveis momentos de ruptura” (FARO, 1999, p. 71).

⁸ Teoria do Espelho prega que aquilo que o leitor ou o telespectador lê ou vê no noticiário corresponde fielmente ao que se passou na realidade.

Os primeiros pensadores do tema foram os “uspianos” Cremilda Medina e José Marques de Melo, um dos patriarcas dos estudos de comunicação no país. Ele considera que o que separa a notícia da reportagem é justamente a abordagem, o foco. Segundo Melo (1985, p.49): “A notícia é o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. A reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística”.

Já Cremilda Medina acrescenta contornos políticos, discursivos e temporais ao debate. A pesquisadora que, nos anos 70 esboçou na Escola de Comunicação e Artes da USP um projeto para resgatar o passado das grandes reportagens brasileiras, mas que não conseguiu financiadores para a empreitada, considera que:

“A reportagem é a forma de maior aprofundamento possível da informação social e, por outro lado, é aquela que responde melhor às aspirações de uma democracia contemporânea. Pois é justamente a pluralidade de vozes e a pluralidade de significados sobre o imediato e o real que fazem com que a reportagem se torne um instrumento de expansão e instrumentação plena da democracia, uma vez que a democracia é polifônica e polissêmica” (*apud* LIMA, 2004, p.23)⁹

A notícia, ao contrário da reportagem, não requer essa sinfonia de sentidos e vozes complementares. A notícia tem formato de fábula, com duas vozes e uma lição moral, concepção criada por Gonzaga Motta (2004). As duas vozes são o binômio, o conflito, que sustenta a racionalidade noticiosa, o acusado x o acusador, o bandido x a vítima, as políticas públicas x a realidade, o governo x a oposição. O texto da notícia organiza esse confronto como uma fábula entre o bem e o mal, e ainda que não esclareça para o leitor a moral final, ela estará presente.

Na narrativa das grandes reportagens o processo é diferente. O caleidoscópio de fontes e de temas para a elaboração de uma grande matéria provoca um alargamento nos limites do tempo e do espaço - e isso representa algo muito maior do que apenas períodos maiores para apurações e dimensões mais generosas de publicação. Significa

⁹ Entrevista de Cremilda Medina ao autor de Páginas Ampliadas, Edvaldo Pereira Lima

que o tema abordado numa reportagem deve ir além da rigidez do “ontem” típica da notícia.

O jornalista terá que passear com seu tema pelo tempo, observando o que se passou evolutivamente com o assunto. Ao final, esse passeio oferecerá ao leitor conexões entre passado e presente, necessárias para fundamentar reflexões sobre o assunto, legitimando assim a missão cidadã do jornalismo: ajudar a pensar o presente e a mudar o futuro. Cremilda Medina foi uma das primeiras autoras a perceber esses traços temporais típicos da reportagem, identificando inclusive que, ao se livrar da ditadura do ontem, o jornalista se liberta também das amarras do acontecimento ocorrido num momento específico. De acordo com Medina ¹⁰ (apud Lima, 2004, p.20):

“Enquanto a notícia fixa o aqui, o já, o acontecer, a reportagem determina um sentido desse aqui num circuito mais amplo, reconstitui o já no antes e no depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal ou menos presente”

Essa relação particular com o tempo e com o acontecimento pode produzir sobre o leitor e sua visão de mundo uma relação diferente daquela determinada pela notícia e caracterizada pelos pais da teoria do agendamento, McCombs e Shaw. Segundo eles¹¹, (apud Traquina, 2001, p.32). o modelo teórico que criaram “é consideravelmente mais do que a clássica asserção que as notícias nos dizem sobre o que pensar. As notícias também nos dizem como pensar. Tanto a seleção de objetos que despertam a atenção como a seleção dos enquadramentos para pensar esses objetos” agendam a temática e o enfoque que o leitor terá de um determinado assunto.

Ou seja, de maneira geral os jornais oferecem um mapa para conhecer o mundo. No entanto, conhecer o mundo pelas janelas dos jornais não é enxergar a realidade com os próprios olhos. É conhecê-la pelas lentes alheias, as do repórter, as do editor, as do dono do jornal. Significa que o conhecimento sobre o mundo oferecido pelos jornais é o conhecimento sobre uma versão do mundo. Uma versão fortemente influenciada por

¹⁰MEDINA, Cremilda. *Interpretar os Fatos é Construir o Real*, Cadernos de Jornalismo e comunicação, 44, s/d, p.39-45

¹¹ MCCOMBS, Max.; SHAW Donald. *The Evolution of Agenda Setting Research: twenty of five yerars in the Market Place of Ideas*. Journal of Comunicattion, vol 43. número 2

um quebra-cabeça de fatores (a ideologia do meio, a intenção do jornalista, a conjuntura política, as limitações técnicas).

Essa versão do mundo chega ao leitor pelos diferentes gêneros publicados num jornal: crônica, editorial, charge, artigo, fotografia, notícia e reportagem. As notícias factuais, aquelas chamadas nas redações “de matérias do dia”, contam a história do mundo de ontem. Na verdade, contam a história de uma versão do que aconteceu no mundo de ontem. Para as reportagens o ontem é muito pouco.

Elas, como já dissemos, têm o tempo alargado, passeiam pelo presente e pelo passado, buscam abordagens múltiplas, conseguem escapar do dualismo da notícia e o jornalista tem a “benção” de ser sua primeira e melhor fonte. O repórter de reportagem não fala apenas com o bandido, com a vítima e com a polícia. Ele tem que “ver” o crime, contextualizá-lo, estudá-lo além da noite da morte, enxergá-lo além da monstrualização do assassino e da vitimização da vítima. Por fim essa outra postura diante do “acontecimento” consegue suavizar o agendamento típico das notícias. Ou seja, a reportagem agenda menos e relativiza mais.

Os arquivos do Prêmio Esso, pelo menos até um determinado período, estão recheados de exemplos dessa viagem quase etnográfica que a reportagem é capaz. Um deles é uma série de matérias que começou em outubro de 1972 e termina fevereiro de 1973 no Estadão. O repórter José Marqueiz cobriu a expedição dos irmãos Villas-Boas de primeiro contato com os índios gigantes, os Kranhacarore, no coração da Amazônia. Do dia a dia das viagens, nasceram relatos do gênero:

“Corpos atléticos e pintados de preto com tinta de jenipapo. Os índios tinham entre 1,70 e 1,80. O cabelo é cortado bem rente à cabeça e têm diversos cortes cicatrizados do peito até a altura do umbigo. Nas duas coxas, os mesmos sinais.”

“Os indígenas tinham se interessado não pelo fogo, mas pelo fósforo utilizado para acendê-lo.”

“15 minutos depois, menos arredios se aproximaram e retribuíram com presentes com mais flechas e brincos.”

Textos assim são, nas palavras do jurado do Esso, Adonias Filho, os de “uma reportagem autêntica”, onde o “repórter deixando-se guiar pela experiência do sertanista, não sacrifica a própria percepção. Vê, anota, registra e comenta” (FILHO, 1999, p.109). Adonias é autor do artigo “Quando o Repórter se Aproxima do Etnólogo”, onde analisa a série de reportagens *Expedição de Contactação dos Índios Kranhacarore*, publicada entre outubro de 1972 e fevereiro de 1973, e assinada por José Marqueiz, repórter de *O Estado de S. Paulo*, que acompanhou as expedições dos irmãos Villas Boas pela Amazônia.

O resultado da leitura do trabalho de Marqueiz é uma imagem muito mais multifacetada sobre a vida dos índios do que as notícias que se resumem aos cortes orçamentários da FUNAI, onde o leitor termina atordoado por números e declarações, mas não consegue imaginar um único olhar de um índio. Essa é uma constatação importante e que empresta nuances políticas para a reportagem. Ela é uma opção ideológica (FUSER, 1996, p. 16):

“É o gênero jornalístico que, dentro todos, mais dá espaço para aos oprimidos. A reportagem, embora também contemple os grandalhões, é por excelência o lugar dos humildes, dos anônimos, dos que só aparecem no jornal uma vez na vida”.

Os que aparecem nas páginas todos os dias, estão nas notícias *hard news*, nas entrevistas pingue-pongue, pergunta e resposta. Reportagem é o endereço dos que não têm voz e da denúncia sobre os deslizes daqueles que têm voz. Mas, como veremos na parte III desta dissertação, o reportariado moderno está surdo para os ânimos, aprendeu que fonte é gente que tem cargo e que o auge da profissão é ser repórter de gabinete ou editor de repórter de gabinete.

“O reportariado do século XXI sofre de carência verbal” e acha, segundo Mino Carta¹², que a “língua portuguesa tem apenas 50 palavras.” (NOBLAT, 2002, p.82).

¹² Mino Carta é jornalista, nascido na Itália. Trabalhou desde jovem na imprensa brasileira. Criou *Veja*, *IstoÉ*, *Jornal da Tarde*, *Quatro Rodas* e *Carta Capital*, onde hoje é diretor de redação. Ricardo Noblat trabalhou sob o comando de Mino Carta em 1993, na *IstoÉ*, e numa reunião de pauta, em Brasília, ouviu do chefe a frase sobre a pobreza lingüística do reportariado moderno.

Com elas, copiam declarações e pesquisas, entrevistam documentos. Não há homens ou mulheres em suas matérias. Há nomes, idades e cifras.

Não significa que reportagem cultue o beletismo nem que apenas os adeptos da escola do “*new journalism*”, estão aptos a “reportear”, verbo criado pela mexicana Alma Guillermoprieto (1999, p.59). “Escrever bonito é fácil, a reportagem é o difícil, mas é o que vale. Reportear é o esqueleto, sem esqueleto não há corpo que fique em pé”. A carne que cobre esse esqueleto são palavras nascidas do incômodo, do estranhamento, da perplexidade, e quase sempre pontuados por uma indignação secreta.

“O processo de criação narrativa é a transformação do demônio em tema”, como caracteriza magistralmente o jornalista e escritor Mário Vargas Llosa, no famoso *Historia de um Deicidio*, 650 páginas escritas em 1971 sobre García Márquez. Na realidade o livro de Vargas Llosa é muito mais do que apenas a biografia do escritor e jornalista colombiano. É um tratado sobre a pulsão que alimenta a fúria do texto, tanto do repórter quanto do escritor:

“Esse homem ou essa mulher, em determinado momento sentiram-se incapazes de admitir a vida tal como era entendida em seu tempo, em sua sociedade, sua classe ou sua família, e se descobriram em discrepância com o mundo” (LLOSA, 1971, p.85)

Vargas Llosa era um dos melhores amigos de Gabriel García Márquez, porém há 30 anos, os dois sul-americanos não se falam - brigaram por razões políticas. No começo dos anos 90, García Márquez criou uma instituição em Cartagena de Índias para refletir os rumos do jornalismo e resgatar a paixão pela reportagem e o respeito pela palavra, temas que vêm preocupando um dos mais badalados integrantes da equipe de professores da *Fundación Nuevo Periodismo Iberoamericano*, o argentino Tomás Eloy Martínez.

Diretor do prestigiado jornal espanhol *El País* e criador de sua universidade interna, Martínez mostra em *Periodismo y Narración: Desafios para El Siglo XX*, que há uma especificidade na narrativa da reportagem e que nem todos os repórteres sabem manejar esse jeito próprio de narrar. “Não há nada pior do que uma notícia em que o repórter se finge de romancista e o faz mal”, sentencia. “E o mais importante: nem todas

as notícias se prestam a serem narradas como uma reportagem”. Martinez, no entanto, celebra a narrativa da reportagem como a redentora da crise do jornalismo:

“Quando um jornal vende menos não é porque a televisão ou a internet lhe roubou leitores. É porque os jornais dão a notícia de forma menos atrativa. Não estou preconizando que se escrevam novelas nos diários, nada disso. E muito menos estou defendendo a linguagem florida e adjetivada usada por jornalistas que se improvisam romancistas. A avidez de conhecimento do leitor não se sacia com o escândalo, mas sim com a investigação honesta; não é aplacada com golpes de efeito senão com a narração de cada fato dentro de seu contexto e de seus antecedentes. Não se distrai o leitor com fogos de artifício.” (MARTINEZ, 1997, p.4)

2 Afinal, o que é reportagem ?

De todas as definições de reportagem que escutei em 14 anos de profissão e de todas que pesquisei nos dois anos de mestrado, nenhuma se compara ao do mestre Cláudio Abramo ¹³ (2002, p.110):

“A reportagem é uma narrativa, simplesmente uma narrativa. Ela depende muito do poder de observação do narrador, da maneira de transmitir essa observação em palavras e de saber concatenar bem a forma de expressá-la. Uma observação cuidadosa não é necessariamente uma boa reportagem. Mas uma reportagem é necessariamente o fruto de uma observação cuidadosa. Uma observação cuidadosa de um fato histórico pode se constituir história e uma observação cuidadosa de um fato não histórico é tipicamente uma reportagem. Tucídies, por exemplo, na Guerra do Peloponeso, fez uma observação tão cuidadosa da peste de Atenas que foi possível, na Idade Moderna, identificar qual foi a doença que atingiu seus habitantes”

Abramo prioriza três eixos para caracterizar uma reportagem: observação cuidadosa durante a apuração, narrativa articulada e produto final com valor de documento. É uma espécie de triunvirato mágico que carrega o leitor para um novo mundo. A palavra é a guia, o passaporte e o meio de transporte dessa aventura. Uma

¹³ Claudio Abramo nasceu em 1923 e morreu em 1987. Foi um dos mais brilhantes jornalistas da imprensa brasileira. Não tinha diploma de graduação. Em 1948 começa a reformar o jornal *O Estado de S. Paulo*. Reduz o tamanho da página, implanta sistemas de controle da publicidade e do fechamento do jornal. Em 1967, vai para a *Folha de S. Paulo* e, depois de ser preso e afastado da direção de redação, retorna em 1975 e reforma também a *Folha* até que, em 1997, o ministro do Exército, Silvio Frota, impõe seu afastamento. Ao escrever seu currículo em 1984 a pedido da Universidade de São Paulo que o convidara para dar aulas, Cláudio Abramo se autodefine da seguinte forma: “Viajou muitíssimo, escreveu muitíssimo, assinando o nome ou não assinando, ou assinando com pseudônimo. Não é membro de academias ou clubes. Fez o curso primário e os cursos de madureza do ginásio e do colégio, estes depois de maduro. Não tem curso universitário. Fala corretamente cinco línguas. Escreve em português e inglês corretamente. Nunca publicou livros. Nunca fez poesias. Nunca escreveu ficção, nem a jornalística. Nunca entrevistou atrizes de cinema, cantores, Jânio Quadros, João Paulo II ou Winston Churchill. Nunca ocupou cargos públicos. Plantou muitas árvores. Tem três filhos e sete netos.

viagem através de relatos detalhados, de apuração tão minuciosa que assanha o imaginário do leitor.

O texto da reportagem, de certa forma, eterniza a descrição - como se, através de cada grande matéria, o jornal perdesse um pouco sua sina efêmera, congelasse um assunto no tempo e ganhasse status de documento histórico, de história de um presente específico, o do mundo contemporâneo, um estranho lugar, onde graças às novas tecnologias de comunicação, o presente adquiriu um sentido histórico.

“Passamos a viver sob o signo do acontecimento e de seu eco, a cobertura...Não mais o acontecimento objetivo da história positivista, marcado apenas por guerras e heróis. Mas, o acontecimento enquanto significação. O jornalismo assim ganha status de historiador do presente, de uma história falada e escrita pelos jornalistas. Se em algum lugar pulsa o coração da história contemporânea não é nos arquivos silenciosos, mas no barulho das redações” (MOTTA, 2004, p.23).

A força dessa pulsação da história do presente depende, lógico, do próprio presente, mas também da maneira como o narramos, como contamos esse presente. Daqui a 100 anos, se algum estudioso abrir o jornal de hoje e ler uma notícia sobre o assassinato de um comerciante na periferia de Brasília dificilmente terá um retrato da violência na capital do Brasil. Em compensação, os interessados em entender o mosaico de problemas da Amazônia terá na revista Realidade, de outubro de 1971, uma excelente fonte, uma grande reportagem, como todos os elementos que caracterizam o mais nobre dos gêneros jornalísticos.

Sob o comando de Raimundo Rodrigues Pereira, 16 jornalistas e fotógrafos passaram cinco meses em terras e águas amazônicas. Visitaram 131 localidades, percorreram mais de 1.200 horas de barco e 184 mil quilômetros de avião. Juntos produziram 30 mil fotografias e edição especial da revista, cuja carta ao leitor, assinada pelo editor-chefe Audálio Dantas, traduz a empreitada. Na carta ao leitor, Dantas afirma que a edição especial de Realidade sobre a Amazônia foi realizada “com a maior equipe e o maior orçamento para a cobertura de um único assunto em toda a história de

Realidade, e possivelmente da imprensa nacional. Nossa mais longa, custosa e apaixonada reportagem”.

O trabalho ganhou dois Essos – o prêmio principal e uma menção honrosa. São 320 páginas, recheadas de fotos e com um texto precioso, onde se consegue enxergar a mata e a morte, a sofrida lida dos ribeirinhos que regem a vida pelo ritmo das águas e os faraônicos e fracassados projetos governamentais na região. “Reportagem é exige a reconstituição minuciosa do fato para que o leitor conheça o assunto como se estivesse estado no lugar dos fatos” (MÁRQUEZ, 1999, 101-132).

Esse efeito de transposição do leitor até “o lugar dos fatos” produz algo muito mais importante do que apenas a sensação de uma viagem imaginária. Produz identidades entre opostos, promove encontros de classes, de preto e branco, de rico e pobre, de urbano e rural, de jornalista e leitor, de leitor e realidade. O leitor se reconhece no outro, se vê no outro, se vê na realidade.

Essa identidade aparentemente mágica entre o leitor e o que ele está lendo só ocorre porque o texto de reportagem não é uma fórmula gramatical estática. “A escrita jornalística, como qualquer outra escritura, é uma atividade verbal dinâmica entre interlocutores” (MOTTA, 2004, p.4). E ainda que imperem as regras dos manuais da redação e os dogmas deontológicos da objetividade, o jornalista que opta pelas grandes narrativas tem, a favor de seu talento, a natureza da escrita:

“O texto escrito é uma atividade de natureza criativa e pragmática que envolve dois interlocutores sujeitos-indivíduos, mas envolve também dois interlocutores subentendidos, o enunciador e o destinatário, tanto no momento de sua produção como no momento de sua leitura...É justamente na linguagem jornalística, um reduto exacerbado do racionalismo, que os fantasmas, as fantasias, os desejos e as ilusões do ser humano vêm habitar, como um complexo *oppositorum*. Ali, onde a intenção é expressar com rigor a realidade tal como ela é, sem ilusões, sem fantasias nem invenções, a presença do *mythos* converte subversivamente o discurso racional em seu contrário”. (MOTTA, 2004, p.12)

A mexicana Alma Guillermoprieto, jornalista do *staff* da revista *New Yorker*, Meca mundial da reportagem, se dedica anualmente à cruzada de 40 dias para seduzir jovens repórteres pela aventura de trocar os tapetes do poder e as telas dos computadores pelo calor das ruas. Alma coordena uma oficina para novos jornalistas na *Fundación Nuevo Periodismo*. Os resultados são publicados periodicamente nos *Cuadernos Del Taller de Periodismo*. A edição de 1999¹⁴ é um tesouro editado e organizado por Ana Maria Cano. Tem textos de Alma, de García Márquez e de estudiosos e jornalistas dos principais jornais do mundo:

“Reportagem não é escavar papéis. Reportagem é ir à vida. Não que não se necessite investigar documento, mas para trabalhar temos que ir onde está a vida, ao lugar onde estão se passando as coisas. Sou repórter porque estou mais viva do que o investigador documental. Tenho que aproveitar esse privilégio. Reportagem é tempo, vida. E é também complexidade, porque a vida é complexa e contraditória”.(GUILLERMOPRIETO, 1999, IN CANO, org, p.60)

Apesar de ser um objeto de trabalho e de pesquisa tão fascinante e complexo, a grande reportagem enquanto gênero jornalístico ainda é muito pouca estudada no Brasil. As raras obras se resumem a coletâneas de matérias. Nas universidades brasileiras, muitos autores se dedicam a entender a lógica da notícia, mas poucos investigam a essência da reportagem.

Edvaldo Pereira Lima¹⁵ é um deles. Lima (2004) caracteriza a reportagem no que chama de um modelo de “jornalismo interpretativo” e identifica cinco características comuns às reportagens que, somadas, oferecem “uma abordagem multiangular, para uma compreensão da realidade que ultrapassa o enfoque linear, ganhando contornos sistêmicos no esforço de estabelecer relações entre as causas e as conseqüências de um problema contemporâneo” (*ibidem*, p.21). Essa abordagem multiangular só é possível se o texto final das reportagens oferecer os seguintes “ingredientes” para leitor, segundo Edvaldo Pereira Lima (2004, p21-22),:

¹⁴ Cuardenos Del taller de Periodismo, v.1. Medellín, Colombia, 1999

¹⁵ Professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo

CONTEXTO: “Para que o leitor tenha uma visão clara de toda a rede de forças, naquele fenômeno localizado, que lhe determina, impele, faz, ser como é”;

ANTECEDENTES. “Para resgatar no tempo as origens do problema, como veio crescendo até o eclodir do fato que se examina ou a maturação que se aborda”;

SUPORTE ESPECIALIZADO: “Para dar a sustentação que evita a informação oca - entrevistas com especialistas, testemunhas do assunto em questão e pesquisa mediante enquête, pesquisas de opinião pública.

PROJEÇÃO: “Para inferir do presente e do passado os desdobramentos do caso, suas conseqüências possíveis, seu alcance futuro”;

PERFIL. “É a humanização da reportagem Para transmitir um retrato completo dos temas que aborda.”

Evidente que essas cinco características apresentadas por Lima não compõem um quadro rígido e que há reportagens que não cumprem alguns desses itens, mas em geral eles estão lá. Aliás, de maneira geral, estão lá desde o nascimento da reportagem na imprensa mundial, nos Estados Unidos, nos anos 20, como mostramos a seguir.

PARTE II

RETROSPECTIVA HISTÓRICA

Da utopia ao desencanto em menos de 100 anos

3 Sementes Americanas

A reportagem tem raízes na guerra, berço nas revistas e antepassados nos antigos relatos de viagem, escritos por aventureiros, naturalistas e desbravadores que, a partir do século XIII, a exemplo de Marco Pólo, registravam a saga das descobertas mundo afora. Esses tradutores das misérias e delícias humanas são os ancestrais dos repórteres modernos e nos deixaram heranças preciosas: a comichão pelo flunar, a inquietação com o novo, a necessidade quase física de registrar o que vê, o que ouve e o que descobre. Jornalistas que respeitam estes ensinamentos têm sangue de repórter nas veias: a cada pauta viajam para as entranhas de um novo mundo e ao descrevê-las transformam matérias em descobertas.

Apesar do parentesco com os relatos literários da Idade Média e da Era das Descobertas, no século XVI, a reportagem só saiu dos livros e chegou aos jornais nos anos 20 do século XX, quando o mercado da notícia já estava consolidado e o texto jornalístico configurado pelas amarras da objetividade e da concisão.

O professor português Nelson Traquina se debruçou sobre o século XIX para identificar as condições históricas que permitiram a consolidação do jornalismo na sociedade ocidental no século XIX. Segundo Traquina (2005, p.35), “uma visão mais global da história do jornalismo na democracia aponta para três vertentes fundamentais para seu desenvolvimento”, sem as quais os jornais jamais seriam o que são hoje:

1. A expansão dos meios de comunicação;
2. A comercialização a partir do século XIX com a emergência de uma nova mercadoria, a informação, ou melhor dito, a notícia ;
3. Emergência do pólo intelectual com a profissionalização dos jornalistas e uma conseqüente definição das notícias em função de valores e normas que apontam para o papel social da informação numa democracia.

Os jornais explodiram no final do século XIX. Os franceses, por exemplo, tinham 73 jornais em 1867 e 220 em 1881. Nos Estados Unidos, enquanto a população aumentou 33% entre 1830 e 1840, a circulação dos jornais cresceu 187% (SCHILLER, 1979, p.35 *apud* Traquina, 2005). A multiplicação das novas tecnologias editoriais foi fundamental para viabilizar esse boom.

Nos tempos de Gutenberg, no século XV, as técnicas existentes permitiam a impressão de 50 páginas por hora. A partir dos prelos com cilindros, criados por Koenig, em 1814, era possível imprimir 1.110 páginas por hora. E já no final do século XIX, em 1871, as rotativas de Marinoni anunciavam uma revolução gráfica: conseguiam imprimir 95 mil páginas por hora.

Muito mais do que isso sacudia o mundo editorial há 140 anos. A reprodução de imagens com a fotogravura, a invenção da máquina fotográfica e, “os avanços na rapidez da transmissão da informação, em particular o telégrafo em 1844 e o telégrafo por cabo em 1866, seriam o sinal de uma nova era do jornalismo” (*ibidem*, p.38).

A efervescência na imprensa provocou a criação de novos empregos e o surgimento de trabalhadores que se dedicavam integralmente ao jornalismo que, àquela altura, ganhava, portanto um novo objetivo: “fornecer informação e não propaganda” . Tratava-se de uma tremenda mudança de paradigma e marcou o nascimento dos valores que ainda hoje sustentam a atividade jornalística: “a procura da verdade, a independência, a objetividade e uma noção de serviço público – uma constelação de idéias que dá forma à uma nova visão do pólo intelectual do campo jornalístico” (*ibidem*, p.34)

Paralelamente às mudanças técnicas, ocorriam importantes mudanças sociais que influíam no enraizamento do jornalismo. A principal delas foi a massificação da leitura graças a um acelerado processo de alfabetização, em curso na Europa e nos Estados Unidos a partir de meados do século XIX. O homem comum aprendia a ler e virava um devorador de notícias.

Para satisfazer esse apetite insaciável por informações sobre o que se passava na esquina e do outro lado do planeta, os jornalistas começaram a esboçar uma

preocupação com a objetividade, inexistente até então porque a imprensa era declaradamente partidária (AMARAL, 1996, p.25).

“É dos primeiros 30 anos do século XIX na Inglaterra, França e Estados Unidos a passagem da imprensa politizante para uma imprensa comercializada. A partir de então, a objetividade, ou melhor, aquilo que mais tarde ganharia o nome de objetividade passa a se identificar com uma mistura de estilo direto, imparcialidade, faturalidade, isenção” (*ibidem*, p.26).

Os primeiros portos que acolheram e espalharam essa nova mentalidade foram as agências de notícias, como a Havas, de 1835, mais tarde chamada de *France Presse*, e a *Harbour News Association*, de 1848, depois *Associated Press*. As agências nasceram para agradar a Deus e ao Diabo. Vendiam notícias por atacado para governos, banqueiros, diplomatas, negociantes e para satisfazer a uma clientela tão diversa foram obrigadas a manter um certo grau de imparcialidade. “Passaram a vender notícias uniformes. Daí a adoção do conceito que mais tarde seria chamado de objetividade e que alguns autores creditam especificamente à *Associated Press*” (*ibidem*, p.28)

A idéia básica desse novo e revolucionário empreendimento que entrou para a história do jornalismo com o nome de *Penny Press* era vender informação sem paixão, livre de contaminação panfletária. O negócio deu certo. Surgiu o conceito moderno de notícia, os jornais passaram a se interessar pelo que se passava no cotidiano da comunidade, seus crimes, suas alegrias, seus problemas. A *Penny Press* mandou o repórter para a rua, o contratou, se livrou do aluguel do *freelancer*.

No final da década de 60 do século XIX, surgiram as primeiras entrevistas com personalidades públicas e vinte anos depois já optavam por contratar jovens formados. Eram doutrinados com o evangelho da imparcialidade e treinados para informar e não para comentar. Steffen Lincolns lembra em Schudson¹⁶ (*apud* Amaral, p.31) os dias de treinamento que teve no *Evening Post*, em 1890. “Os repórteres tinham de redigir maquinalmente os fatos como eles aconteciam, sem preconceito, sem cor e sem estilo;

¹⁶ STEFFENS, Lincoln. *The Autobiography of Lincoln Steffens*. New York. Simon & Schuster, 1974.

tudo a mesma coisa. Humor ou qualquer sinal de personalidade em nossas matérias eram suprimidos”.

Foi então que, grudado numa parede do *Chicago Tribune*, em 1892, se viu pela primeira vez um cartaz com os mandamentos que reinaram nos textos jornalísticos de todo o ocidente por mais de 100 anos. O Quê ? Quem ? Quando ? Onde ? Como ? Por que ? Era o princípio da tirania do *lead*.

Cartazes semelhantes surgiram nos murais do *New York Herald*. Junto, um aviso: Exatidão ! Exatidão ! Exatidão ! Os fatos ! Os fatos ! Em pouco tempo, a imprensa americana via a celebração da objetividade passar de um sucesso de vendas a um desencanto dos leitores, já cansados do vendaval de notícias rápidas fornecidas pelas agências, através da fórmula amarrada do *lead*. Surpreendidos pela eclosão da Primeira Guerra, os americanos compreenderam que as notícias rápidas e secas não davam conta de saciar sua sede de explicação sobre um mundo que se tornava a cada dia menor e mais confuso.

Com o fim da Primeira Guerra Mundial, a circulação dos jornais americanos estacionou e logo depois passou a cair. A luz vermelha dos empresários acendeu. Tinham que reconquistar o leitor e responder às críticas de que as notícias eram superficiais e incompletas

Estávamos nos anos 20, safra de grandes escritores que precisavam da redação como ganha pão, mas que começavam a perceber que queriam “algo mais” do que a concisão do *lead*. Pronto, estava o montado o cenário ideal para nascer a reportagem: de um lado, a gana empresarial disposta a estancar a debandada dos leitores. De outro, o talento profissional dos jornalistas insatisfeitos com o serviço mecânico que faziam.

Foi justo neste momento, segundo Lima, que as grandes reportagens chegaram às páginas americanas. O novo estilo jornalístico deveria:

“Atender a necessidade de ampliar os fatos, de colocar para o receptor a compreensão de maior alcance, é que o jornalismo acabou por desenvolver a modalidade de mensagem jornalística batizada de reportagem. É a ampliação do relato simples, raso, para uma dimensão contextual. Em especial, esse patamar de maior amplitude é alcançado quando se pratica a *grande reportagem*, aquela que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto,

oferecendo a seu autor ou a seus autores, uma dose ponderável de liberdade para escapar aos grilhões normalmente impostos pela fórmula convencional do tratamento da notícia, com o *lead* e as pirâmides já mencionadas” (LIMA, *ibidem*, p.17):.

Os primeiros anos da reportagem na imprensa coincidem com a criação das revistas semanais de informação. Elas adotam esse novo jeito de escrever e apurar (MEDINA, 1978) e prometem ao leitor informações diferenciadas, relatos de bastidores e uma leitura mais aprofundada da realidade contemporânea. A pioneira é a americana *Time* que chegou às bancas em 1923. A essa altura a transmissão de notícia por telégrafo através de cabo submarino já era corriqueira, as agências noticiosas funcionavam a pleno vapor e os leitores dos Estados Unidos recebiam consideráveis doses de informações diariamente (LIMA, 2004).

Muita informação, muitos fatos, mas pouca conexão entre eles, até que em, 1914, o país governado por Thomas Woodrow Wilson se surpreendeu com o começo da Primeira Guerra Mundial. “Descobriu-se então que a imprensa estava muito presa aos fatos, ao relato das ocorrências, mas era incapaz de costurar uma ligação entre eles, de modo a revelar ao leitor o sentido e o rumo dos acontecimentos” (MEDINA, 1978, p. 39)

A *Time* nasceu com a difícil missão de se libertar do dia-a-dia e de oferecer algo mais do que “os fatos de ontem”. Seu leitor deveria receber explicações sobre os fatos e conexões entre eles, modelo que depois foi seguido por publicações nos quatro cantos do mundo, como a *Der Spiegel*, na Alemanha, a *Cambio 16*, na Espanha, a *L'Express*, na França, a *L'Europeo*, na Itália. A imprensa brasileira só entrou nessa “onda” quase duas décadas mais tarde. E quando entrou também começou pelas revistas – *Cruzeiro*¹⁷, *Diretrizes*, *Manchete*, *Realidade*, *Veja*. Todas mangedouras da reportagem no Brasil.

¹⁷ A Revista O Cruzeiro nasceu sem o artigo O e chamava-se Cruzeiro. A primeira edição chegou às bancas em 10 de novembro de 1928 e tinha tiragem de 50 mil exemplares. Na primeira linha da apresentação, o diretor Carlos Malheiro escrevia o seguinte: “Depomos nas mãos do leitor a mais moderna revista brasileira”. Já nos anos 30, a revista passa se chamar O Cruzeiro.

4 Raízes brasileiras

As reportagens chegaram ao Brasil em meados do século XX, mas desde o Segundo Império intelectuais brasileiros já ensaiavam esse novo jeito de retratar a realidade. O primeiro foi Euclides da Cunha, com *Canudos*, na Bahia, em 1897. Escritor, engenheiro e ex-oficial do Exército, ele publicara no jornal o *Estado de S. Paulo* dois artigos contrários à guerra santa de Antonio Conselheiro, onde comparava os seguidores do beato aos camponeses monarquistas que um século antes duelaram contra a Revolução Francesa.

Júlio Mesquita, diretor do jornal, se encantou com a erudição do escritor e o convidou para cobrir o confronto na Bahia. Euclides da Cunha topou e publicou as 30 matérias que entraram para os livros de jornalismo como a primeira grande reportagem brasileira, mas *Os Sertões*, não conseguiram estabelecer um “novo padrão” de cobertura jornalística. Euclides da Cunha foi exceção em seu tempo, assinou uma excepcionalidade numa imprensa ainda muito marcada pelo perfil panfletário.

“Euclides da Cunha não é um jornalista, embora tenha produzido material sobre *Canudos* que é visto como pioneiro da reportagem. Produziu sua correspondência para um jornal, é certo, mas faltava-lhe o compromisso com a estrutura e a vocação do órgão de informação. Sua genialidade é isolada e solitária” (FARO, 1999, p. 74).

José Salvador Faro mostra que, além de Euclides da Cunha, o boêmio e artesão das letras João do Rio, também ocupa a pré-história da reportagem verde e amarela. O jornalista carioca, tratado por muitos sociólogos como o Walter Benjamin brasileiro, escreveu uma série de matérias, ricas em detalhes, construída com fontes oficiais e com personagens do cotidiano, sobre as transformações sociais e urbanísticas da capital carioca nos anos 20. Mas João do Rio sofreu a mesma sina do criador de *Os Sertões*. Nasceu à frente de seu tempo. Sua maneira de narrar as noites e os dias do Rio de Janeiro não estabeleceu uma tendência na imprensa.

“João do Rio é sem dúvida pioneiro na abordagem em profundidade , mas deve ser visto como precursor e não chega a indicar uma tendência no período em que escreveu. Tais reservas, ainda que não pretendam desconhecer o mérito de ambos os autores (João do Rio e Euclides da Cunha) para as origens da narrativa jornalística verticalizada servem para indicar que não está no início do século XX aquilo que pode ser definido como o início da reportagem na imprensa brasileira” (FARO, 1999, p.74)

Entre Euclides, João e os anônimos repórteres que enraizaram a reportagem no cotidiano da imprensa brasileira se passaram mais de duas décadas. Foi só nos anos 40, quando os jornais incorporaram novas tecnologias, começaram a se profissionalizar e ganharam alguma liberdade editorial que as grandes coberturas passaram a ocupar sistematicamente as páginas dos jornais e revistas do país. Alberto Dines (1974) caracteriza este momento histórico, como a fase da “organização de talentos” num espaço físico chamado redação.

Nessa época surgiram os primeiros cursos de jornalismo e os jornais começaram a incorporar padrões industriais de eficiência. Sumiram o lápis, a borracha e o linotipista, profissional raro que traduzia para os equipamentos de linotipia¹⁸ os garranchos dos antigos homens de imprensa. Eles já não podiam escrever suas matérias à mão. Tinham que se render às novidades tecnológicas da época, a mais odiadas delas, uma barulhenta geringonça de ferro chamada máquina de escrever, terror dos jornalistas de cabeça branca.

Depois das máquinas de escrever com suas “pretinhas” (assim eram chamadas as teclas) “seguiram-se muitas outras inovações na estrutura organizacional das redações, e conseqüentemente, no sistema de produção industrial dos jornais e revistas” (LUZ, 1980, p.13). Eram transformações visíveis até na paisagem das redações.

Nos anos 40 desapareceram as “figuras legendárias dos chefes de reportagem que trabalhavam com bonés de bico-de-pato sobre mesas iluminadas com refletores que hoje só existem em salões de sinuca” (*ibidem*, p.14) No lugar deles, chegaram os editores-chefes e os editores de área, os jornais começavam a ser divididos em áreas e a

¹⁸ Máquina de linotipia inventada pelo alemão Ottmar Merghenthaler, em 1879 e seu princípio consistia em juntar, com ajuda de um teclado, as matrizes de letras num único bloco.

redação também: seções de cidade, política, polícia, economia, esporte, internacional, “uma divisão racional do trabalho capaz de oferecer melhores condições de conhecimento específicos aos elementos de cada equipe” (*ibidem*, p.14).

As mudanças não foram apenas técnicas. Em meados dos anos 50, os jornais brasileiros se renderam à fórmula americana e incorporaram o *lead* no lugar do “nariz de cera”. O jornalista Pompeu de Souza foi o pioneiro. Trabalhava no *Diário Carioca* e, em 1950, comandou um vendaval de mudanças. Introduziu o *lead* no texto jornalístico, criou o primeiro manual de redação e montou a primeira equipe de copidesques do país - queria garantir que as matérias obedecessem à padronização de seu Manual.

Pompeu acabara de voltar de uma temporada nos Estados Unidos, onde essas medidas já completavam quase 100 anos e as adaptou para a realidade brasileira. As novidades de Pompeu contaminaram a grande imprensa carioca. Os repórteres ganharam importância. O jeito de escrever também mudou. Os "circunlóquios" foram condenados ao escárnio – “esculápio” virou médico; advogado deixou de ser “causídico”, os “heróicos soldados do fogo” minguaram para bombeiros e o “indigitado matador" recebeu tratamento de assassino.

As transformações no cotidiano jornalístico, desde novas condições empresariais, profissionais e lingüísticas, semearam o terreno propício para o surgimento da reportagem, segundo analisa J.S Faro, em sua tese de doutorado na USP:

“A reportagem na imprensa brasileira é fruto desse processo. Ela se destaca da produção literária ficcional porque é cotidiana e especializada, mas guarda dessa produção os traços do criticismo que está na base da formação da intelectualidade brasileira. Ela também não é mais esporádica, como os exemplos de Euclides da Cunha e João do Rio. Reportar, a partir dessas transformações, é uma atividade que exige técnica associada à investigação” (FARO, 1999, p.75-76)

5 Anos 50: tempo de aventuras

A reportagem desembarcou na imprensa brasileira quase duas décadas depois de cativar os leitores americanos. Encontrou aqui um cenário bastante diferente daquele em que surgiu nos Estados Unidos, nos anos 20. Lá, o nascimento da reportagem foi uma resposta às críticas à superficialidade e à massificação do texto das notícias. No Brasil, *lead* e reportagem chegaram às páginas no mesmo período, o de profissionalização dos jornais, a partir de 1950.

O país precisava dos jornalistas para cobrir a Segunda Guerra Mundial, para mostrar as mazelas do Estado Novo e para espalhar os ventos da modernização que movimentavam tanto a imprensa quanto o país. A revista *O Cruzeiro*, de Assis Chateaubriand foi a primeira a traduzir este momento. Criada em 1928, a publicação de Chatô era apenas uma publicação de amenidades nas vésperas da Segunda Grande Guerra quando seu dono resolveu patrocinar uma guinada editorial. Duplicou o número de profissionais e experimentou uma revolução gráfica e editorial nos meados dos anos 40. Entre 1941 e 1944, a revista passou de uma “publicação mixa com cheiro de barata”, e que vendia 11 mil exemplares por semana, para um sucesso nas bancas com 150 mil compradores em média, como conta o biógrafo e jornalista Fernando Morais (1994) em *Chatô, o Rei do Brasil*

Chatô sabia ganhar dinheiro. Contratou gente que pensava profundamente diferente do padrão, como Millôr Fernandes, Joel Silveira e os comunistas Otto Maria Carpeaux e Rachel de Queiroz. A grande novidade veio d’além-mar: Jean Manzon, fotógrafo francês importado da Paris Match, e o “turco” David Nasser. Juntos inauguraram no país a dobradinha fotógrafo-repórter no país.

Manzon ficara impressionado com o “atraso” da imprensa brasileira em relação ao que se passava nos periódicos europeus e decidiu implantar em *O Cruzeiro*, algo absolutamente inédito no Brasil, mas já corriqueiro nos Estados Unidos e na Europa: a parceria em que um jornalista só escreve e outro só fotografa. Até então os jornalistas tupiniquins se desdobravam entre as duas funções.

Na primeira vez em que os nomes de Manzon e Nasser apareceram numa matéria, *O Cruzeiro* esgotou nas bancas. Foram 18 páginas com “fotos jamais vistas de selvagens (xavantes) atacando a flechadas e golpes de borduna, a poucos metros de distância, um avião” (MORAIS, 1994, p. 418)

David Nasser entrou para história do jornalismo pela porta da aventura, mas saiu pelo atalho do embuste. “Esse brasileiro que nasceu na cidade paulista de Jaú, viveu uma infância pobre no Rio e uma adolescência difícil em Caxambu foi também outra evidência de que um mesmo indivíduo pode exibir, simultaneamente, muito talento, bastante sensibilidade, nenhum escrúpulo, alguma misericórdia e excessiva brutalidade”, resumiu o jornalista Augusto Nunes, em artigo no *Jornal do Brasil*¹⁹.

Nasser costumava dizer que a melhor forma de contar a realidade é apimentá-la com elementos da ficção. Espalhou esse costume por seu trabalho na revista *O Cruzeiro*, mas não contaminou grandes jornalistas que passaram pela publicação e que foram fundamentais para as primeiras décadas da reportagem. Caso de Joel Silveira, que conquistou respeito dos colegas e dos leitores ao acompanhar os passos da FEB na Itália.

Joel virou estrela do jornalismo na concorrente de *O Cruzeiro*, a revista *Diretrizes*, de Samuel Wainer, publicação que pagava salários menores do que os da publicação de Chatô, mas que compensava os repórteres com o prazer de trabalhar numa empresa com fama de “liberal”. *Diretrizes* foi criada em 1938 com franca tendência anti -Vargas e reuniu a nata da intelectualidade – Otávio Malta, Jorge Amado, Rubem Braga. Todos ficaram sem emprego depois que Silveira publicou uma entrevista com Monteiro Lobato, em que o criador do *Sítio do Pica Pau Amarelo* pedia a redemocratização do país e dizia que “o governo deve sair do povo como fumaça da fogueira”.

Vargas saiu de si ao ler a matéria. Mandou fechar *Diretrizes*, Wainer se recolheu no exílio nos Estados Unidos e Silveira fugiu para sua terra, a cidade de Lagarto, em Sergipe, onde segundo ele, “nem Lampião nem o DIP de Vargas conseguiriam entrar” (MORAIS, 1994. p.423). Ao saber que Joel Silveira estava desempregado, Chatô o levou para *O Cruzeiro*. Era o segundo convite que o dono dos *Associados* fazia ao jornalista. O primeiro, foi em 1943, quando Chatô se encantou com o perfil que Silveira publicara em *Diretrizes* sobre o *high-society* paulistano, escrito com acidez e ironia.

¹⁹ Augusto Nunes. *Já não se faz imprensa assim*. *Jornal do Brasil*, 15 de dezembro de 2001

Logo depois da publicação sobre a cafonice da granfinagem, o imperador dos Associados convidou Joel para trabalhar no Cruzeiro, mas o jornalista declinou: “Não vou. Estou bem em *Diretrizes* e não quero trabalhar numa empresa como os Associados, que não tem e nunca tiveram bandeira. Uma empresa que, ao contrário de *Diretrizes* é a favor de tudo”, respondeu Joel ao candidato a patrão (SILVEIRA, 2003, p. 58).

Em 1944, Joel Silveira ouviu pela segunda vez a voz de Chatô. De novo, lhe convidava para trabalhar nos Associados. Joel se rendeu, estava há mais de 12 meses sem salário e se conformou em servir às empresas de Assis Chateaubriand, sob a chefia de Carlos Lacerda²⁰. “A partir de hoje você é funcionário, ou seja, repórter, da Agência Meridional, da qual sou diretor”, explicou Lacerda. “É de mim que você receberá ordens, mas não se limite a esperar por elas. Você já deve ter algumas idéias para reportagens. Sente ali na máquina e bote tudo no papel” (*ibidem*, p. 60).

Diretrizes e *O Cruzeiro* marcaram as primeiras décadas da reportagem no Brasil. As matérias se pareciam com o país. Queriam desbravá-lo no ritmo 50 anos em 5 de JK e marcaram a fase das reportagens heróicas, autorais e muito mais marcadas pela determinação dos repórteres em emplacar seus trabalhos do que numa política empresarial de bancá-los. Mário de Moraes, jornalista vencedor do primeiro Prêmio Esso, lembra detalhes daquela época (1980, p.22):

“Ser repórter de *O Cruzeiro* era praticamente ter porta aberta em toda parte. Na verdade era raro o profissional que não desejava entrar para aquele semanário. David Nasser, alguns anos antes, inovara na reportagem, abordara assuntos inusitados, passara a escrever em linguagem diferente, mas nem por isso menos humana. Jean Manzon, por sua vez, dera personalidade ao fotógrafo de imprensa, retirando-o da condição simples de acompanhante do repórter, sempre pronto a acatar as ordens do homem da escrita, e o transformara num verdadeiro profissional”

²⁰ Carlos Lacerda, jornalista e político do Rio de Janeiro

6 Anos 60: enfim, o Brasil nas páginas

Os debates sobre Vietnã, Kennedy e Fidel Castro sacudiam os jornais americanos. A imprensa europeia cobria a rebeldia libertária do movimento estudantil e descobria a perversidade de suas autoridades nas guerras coloniais na África, e em particular, na Argélia. Abaixo do Equador, os jornalistas experimentavam novas técnicas e linguagens jornalísticas e aprendiam a driblar a censura para revelar ao leitor os paradoxos sociais e políticos sul-americanos, a miséria do continente, a voz da contracultura e ações de golpistas e guerrilheiros. Foram assim os anos 60 nos jornais e nas ruas do Ocidente.

Em 1960, o Brasil se despediu do desenvolvimentismo de JK, inaugurou Brasília e “elegeu o bizarro Jânio Quadros”, como descreve o brasilianista Thomas Skidmore(1998). A década que começou com Jânio e terminou com Médici na presidência experimentou três fases distintas, segundo Skidmore. A primeira, marcada pela efervescência cultural e pelas tensões políticas geradas pela renúncia de Jânio e pelas reformas de Jango.

Na segunda fase, inaugurada pelo golpe militar de 64 quando a frágil democracia brasileira sucumbiu diante da fraqueza do governo Jango e da articulação social dos generais golpistas, a grande imprensa oscilou entre apoiar o regime e criticá-lo através de projetos editoriais ousados que inventaram um novo jornalismo, feito de grandes reportagens sociais. A censura ainda era tímida na administração de Castelo Branco, o marechal que assumiu a presidência prometendo faxina moral no país e retorno rápido dos civis. Só retornaram 20 anos depois.

A ditadura foi endurecendo ano a ano, até que em 1968, sob o mando de Costa e Silva, veio a terceira e pior fase da década. Sob as rédeas do AI-5, silenciada pela censura e silenciosa sobre a tortura, a grande imprensa chegou ao governo Médici, iniciado em agosto de 69. Foi um período politicamente difícil, porém rico em matéria de dilemas para o jornalismo impresso. Teve que aprender a conviver com a

popularização da televisão e encontrar uma linguagem jornalística para reconquistar seus leitores encantados com o brilho e a velocidade da telinha.

O jornalista Hideo Onaga, fundador da *Gazeta Mercantil* e um dos primeiros redatores da revista *Realidade*, caracteriza as transformações que a tecnologia impôs à imprensa dos anos 60 no artigo *Repórter ainda é a peça essencial* (Onaga, 1980, p.57).

“A transmissão via satélite, a disseminação dos sistemas DDD e DDI imprimiram velocidade maior às notícias e reportagens, reduzindo o tempo entre a constatação do fato pelo jornalista e o conhecimento do leitor. No caso da televisão, tornou-se possível reduzir a zero o tempo entre o acontecimento e o conhecimento”

A introdução do “ao vivo” colocou sobre a máquina de escrever dos homens de imprensa a recorrente polêmica que toda nova tecnologia impõe – se o novo vai destruir o velho. No caso em questão, se o jornalismo televisivo acabaria com o jornalismo escrito. Os jornalistas dos anos 60 conseguiram resolver o dilema de forma. Inventaram uma série de publicações que tinha muito mais a oferecer ao leitor do que “transmissão ao vivo do fato”. Os principais jornais do país realizaram reformas ou lançaram “títulos vespertinos, abrindo espaço para a reportagem mais bem trabalhada, o uso de grandes fotografias e de novas tipologias de letras” (SEABRA, *op. cit.*, p.40) .

O *Jornal da Tarde* foi um deles. Criado pelo grupo do Estadão em janeiro de 1966, o JT seguiu o modelo do jornal-revista *Herald Tribune*, sucesso de vendas nas bancas dos Estados Unidos. Seu primeiro diretor de redação, o italiano Mino Carta inovou na diagramação, na pauta e no texto. Recebeu sinal verde para contratar os melhores profissionais²¹ e colocou nas bancas um misto de jornal diário com revista semanal.

²¹ Citado por Ivan Ângelo em *O Jornal da Era de Aquário*. Suplemento Especial do Jornal da Tarde. 28/01/91

A redação do JT era uma farra criativa, lembra seu antigo editor Ivan Ângelo (apud in FARO, 1999, p. 97) :

“Na diagramação, os próprios editores desenhando, inventando, experimentando como artistas visuais. Na reportagem, a valorização da visão pessoal do repórter, com trânsito livre para um texto mais literário. Na reportagem policial o fim do jargão, estímulos às histórias nos estilos dos contos e romances policiais.”

Mas, o melhor retrato do novo texto de reportagem vinha da Editora Abril, na revista Realidade, lançada em 1966. Ali não havia espaço para a ditadura do “*lead* e *sublead* com parágrafos corridos, e entretítulos a cada 20 linhas”, definição de José Maria Mayrink (1992) para a fórmula usada pelas matérias que seguiam “à risca a técnica da pirâmide invertida, que teoricamente permitia cortar o texto pelo pé, sem maior prejuízo”.

Para a felicidade de repórteres e leitores não era essa a receita que Realidade queria em suas páginas. Pretendia uma versão verde e amarela do “*new journalism*”, estilo que, naquele momento, já encantava jornalistas nos Estados Unidos, como Truman Capote, Gay Talese.

Tom Wolfe²², outro cadetrático do “*new journalism*” conta os bastidores desse período em *Radical Chique*, cuja capa carrega dizeres mágicos para amantes das grandes matérias jornalísticas. Está lá com letras coloridas: *Radical Chique: O Novo Jornalismo, e o espírito de uma época em que tudo se transformou, inclusive, o jeito de fazer reportagem*. Segundo Wolfe, o *new journalism* não era nenhum movimento. (2004, p.40):

“Não havia manifestos, clubes, salões, nenhuma panelinha: nem mesmo um bar onde se reunissem os fiéis, visto que não era nenhuma

²² Tom Wolfe nasceu na Virgínia em 1930 e doutorou-se em estudos americanos pela Universidade Yale. Começou a carreira de jornalista na edição dominical do *New York Herald Tribune* e escreveu livros como *Fogueira das vaidades* e *Um homem por inteiro*

fê, nenhum credo. Na época, meados dos anos 60, o que aconteceu foi que, de repente, sabia-se que havia uma espécie de excitação artística no jornalismo. Essa descoberta, modesta no início, consistia em tornar possível, um jornalismo que fosse lido como uma novela. Nos anos 60, essa forma narrativa ultrapassou os limites convencionais do jornalismo, mas não simplesmente no que se refere à técnica. A forma de recolher o material, era muito mais ambiciosa”

As reportagens de *Realidade* seguiam essa mesma tendência. “A estrutura do texto era nova. Contava-se os acontecimentos através de histórias. Era um romance real”, explica Woile Guimarães, secretário de redação de Realidade, em depoimento dado ao jornal do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de São Paulo, em março de 1976²³.

Até hoje Realidade é lembrada como a Meca da reportagem brasileira, tese que J.S Faro defendeu no doutorado na Universidade de São Paulo, sob orientação de José Marques de Melo, e que mais tarde virou livro – *Revista Realidade: Tempo da Reportagem na Imprensa Brasileira*. “No quarto ou quinto número, *Realidade* já era o sonho de todo jornalista. Cada exemplar era estudado nas redações e despertava vontade de fazer jornalismo em pessoas que até então consideravam escrever uma ocupação menor”, explica o ex-redator-chefe de Realidade, José Hamilton Ribeiro (IN FARO, p.101):

“As reportagens que Realidade publicou abrangeram uma pauta extraordinariamente variada de temas. A revista estendeu a visão de seus repórteres pelo universo dos valores do comportamento, da política internacional e nacional. Para cada grandes áreas de abordagem, a revista trazia personalidades que solidificavam essa visão. Essa variedade temática rompia com padrão convencional do jornalismo informativo”

Realidade chegou a vender 500 mil exemplares e ocupou um nicho de mercado que as três principais revistas da época, Manchete, Fatos & Fotos, e Cruzeiro, não alcançavam. Manchete e Fatos e Fotos “primavam por um jornalismo que se esgotava

²³ Jornal Unidade, ano 1, número 8. Sindicato dos Jornalistas Profissionais de São Paulo, março de 1976.

no visual de suas ilustrações; não chegavam a ser publicações de reportagens verticalizadas e sua periodicidade, limitada ainda mais pelas deformações do que deva ser a atualidade no jornalismo, representava obstáculo praticamente insuperável para suas redações. O Cruzeiro era diferente” (FARO, 1999, p. 93):

“A revista dos Diários Associados carregava consigo o pioneirismo de reportagens instigantes sobre questões nacionais, mas padecia de dificuldades de outra ordem: era uma revista que oscilava ao sabor do poder unipessoal de Assis Chateaubriand, permanentemente instrumentalizando os veículos de seu império em torno de seus interesses políticos”.

Realidade, Cruzeiro, o Jornal do Brasil, o Jornal da Tarde, além de uma série de publicações da chamada imprensa alternativa como o Pasquim, refletiam o clima de inquietação intelectual que o país vivia nos anos 60. E, apesar das marés políticas de Chatô, a grande imprensa em geral, e Realidade em particular, emprestaram uma marca fortemente social às reportagens sobre um país que se descobria espremido entre miséria nas ruas, novidades na cultura, gerais no poder e telejornal na sala de jantar, como caracteriza Roberto Seabra, no artigo Dois Séculos de Imprensa no Brasil (IN MOTTA org., 2002, p.31-47) :

“A ditadura do *lead* ainda impera nas redações na década de 60, mas a concorrência com o rádio, e principalmente, com a TV, leva os jornais, a repensar práticas e abrir espaço para novos estilos. Antevendo o momento de ruptura, algumas empresas investem nas revistas de reportagem, espaços em que são permitidos textos mais reflexivos e interpretativos. O melhor exemplo é a revista *Realidade*”.

7 Anos 70: acabou a brincadeira

“A censura à imprensa foi o grande fato político e social da década. A partir dela tudo é possível em termos de coerção e cerceamento”. A frase de Antônio Callado resume o que se passava na imprensa e no Brasil durante a “década de 70 e em particular entre 68 e 76” (*apud* BRAGA, 1991, p.45). Nos 20 anos de ditadura, o governo não silenciou por completo as redações, mas conseguiu baixar muito seu tom entre 68 e 76.

Com o AI-5, o Brasil descobriu os coturnos e as armas dos homens que o governava há quatro anos. O noticiário político passou a ser censurado sistematicamente. Cláudio Abramo, um dos mais brilhantes da história do jornalismo brasileiro, personagem raro em erudição e responsável pela reforma da *Folha de S. Paulo*, caracterizou em *A Regra do Jogo*, os primeiros dias dessa temporada de sombras:

“Veio o ato institucional número cinco e quando recebi na minha mesa o telex dando conta do seqüestro do embaixador americano, no Rio, em 1969, percebi que a coisa ia engrossar, que se passava a outro estágio. De 1969 a 1972, a *Folha*²⁴ (*Folha de S. Paulo*) atravessou um período negro, em que não havia espaço político algum no jornal. Na verdade, o jornal não tinha condições de resistir a pressões do governo e por isso não provocava.” (ABRAMO, 2002, p.87)

Para Cyro Siqueira (1980, p.92), integrante da Comissão de Premiação do Prêmio Esso, os dias sem lei que marcaram as redações na primeira metade da década de anos 70, tiveram um marco fundamental: em maio de 1970, a Câmara dos Deputados ratificou o Decreto que estabelecia a censura prévia nos livros e periódicos.

²⁴ O jornal *Folha de S. Paulo* usa em sua primeira página a abreviatura do nome de sua cidade sede. Fica, portanto, *Folha de S. Paulo*. O jornal *O Estado de S. Paulo* recorre ao mesmo recurso. Para efeito dessa dissertação usaremos, doravante, os termos populares referentes a cada um dos jornais - *O Estadão e a Folha*.

A partir dali, ficou muito complicado honrar o direito básico à informação. “Jornalistas tinham sua prisão preventiva decretada, acusados de ligação com movimentos considerados subversivos” (*ibidem*).

Para quem estava na trincheira da notícia política diária o trabalho se transformou num vai-e-vem de negociações entre repórter-editor-censor. Para os profissionais que se dedicavam às grandes reportagens, ainda havia uma pequena possibilidade de recorrer aos temas sociais para mostrar um Brasil diferente daquele celebrado pelo discurso do milagre econômico.

Outra possibilidade era o auto-exílio na imprensa alternativa, no *Pasquim*, no *Coojornal* e ou no *Opinião*, por exemplo. Eram pequenos, com poucos recursos para grandes reportagens, mas compensavam com ingredientes reflexivos e críticos. Nos grandes jornais o clima era outro. Quanto mais o regime endurecia, mais o jornalismo amolecia.

Em 1976, o jornalista Wladimir Herzog foi assassinado sob a guarda do Estado no DOI-CODI em São Paulo e os militares alegaram suicídio. Só *O Globo* publicou – com exagerada parcimônia e discrição, aliás. Era como se a imprensa brasileira estivesse de costas para o Brasil e para o que se passava na imprensa mundial.

Em 30 de junho de 1971, a Suprema Corte dos Estados Unidos autorizou, por seis votos contra três, o *The New York Times* e o *Washington Post* a publicar os chamados “Papéis do Pentágono”, uma bombástica coleção de documentos encomendados pelo então superpoderoso secretário de Defesa, Robert McNamara sobre os processos de decisões dos Estados Unidos no Vietnã desde a II Guerra Mundial.

A decisão da Suprema Corte Americana foi importantíssima. Primeiro, porque incendiou a opinião pública contra a guerra. Segundo porque valorizou a liberdade de imprensa como um direito fundamental e constitucional em contraposição à postura arbitrária do governo dos EUA que queria impedir a publicação. E por fim, a divulgação dos papéis secretos mostrou para os americanos o papel do jornalismo enquanto fiscal do poder.

Já do lado de cá, era o poder que fiscalizava o jornalismo. Luiz Orlando Carneiro, chefe do *Jornal do Brasil* durante trinta anos e por várias vezes integrante das

comissões de julgamento do Prêmio Esso compara os jornais brasileiros e americanos dos anos 70 e conclui (CARNEIRO, 1980, p. 99):

“Se nos países do ocidente desenvolvido, a imprensa destacava-se, em 1971, pelo aprimoramento de sua capacidade investigadora, no Brasil ela era obrigada a se submeter aos caprichos de uma censura tão eficiente como a “espada de Dâmocles” do Ato Institucional número cinco. Assim é que as grandes matérias de investigação morriam muitas vezes em plena gestação (...)”

As conseqüências para as grandes reportagens do endurecimento do regime militar nos anos 70 ficam evidentes quando se examina o que se passou com as publicações que na década anterior investiram em grandes coberturas. *Realidade* é o melhor exemplo. A revista teve uma primeira fase de 66 a 68, a “fase do espanto”, da revelação que mexia com a realidade brasileira. Em 1968, a ditadura começou endurecer, a reportagem perdeu fôlego e amplitude no cardápio investigativo e a revista iniciou um fúnebre ciclo, como conta Audálio Dantas, editor de *Realidade* em seus mais tristes dias:

“Em 72 já havia censura dentro da empresa (...). Não havia censores dentro da revista. Havia na direção alguém encarregado de levar as matérias para a censura. No começo, a pauta de Realidade era um *happening*, um verdadeiro *brainstorming* para selecionar as matérias. O repórter só saía depois de discutir o assunto.(...). A revista investia, deixava o repórter um mês dedicado ao seu trabalho (...).O repórter vivia o problema como um personagem do fato. Ia viver numa fazenda, por exemplo...A grande marca que a revista deixou na imprensa brasileira foi o jornalismo de texto, a busca de um texto jornalístico que se impunha por si mesmo...A revista tinha importância pedagógica, era instrumento de vulgarização de problemas e um documento para a História do Brasil” (DANTAS²⁵ IN FARO, 1999, p.279)

²⁵ Audálio Dantas relatou sua experiência em entrevista a J.S. Faro. O relato está no livro Tempo da Reportagem na Imprensa Brasileira.

Realidade parou de circular em 1976. O último número,120, chegou às bancas em janeiro de 1976 e vendeu 120 mil exemplares. Oficialmente a Editora Abril alegou que o fechamento da revista visava o lançamento de uma revista semanal de televisão. Mas a verdade é que “a revista da Editora Abril já não podia manter a fidelidade a seu projeto original em vista do cerceamento das liberdades públicas imposto pelo governo militar” (FARO, *idem*, p.278).

O regime militar acabou com a liberdade de informação, baixou a censura e espalhou o fantasma da autocensura. “O círculo se fechava e a **Censura**²⁶ tendo gerado o medo e a autocensura podia quase descansar. Não se podia, pois, ser verdadeiramente informativo nos primeiros anos setenta” (BRAGA, 1991, p.45). O que o professor José Luis Braga chama de autocensura é ainda hoje uma das pragas das redações brasileiras e serve como esconderijo para jornalistas deixarem de tentar uma cobertura diferenciada e se desculparem com a clássica frase - não adianta fazer diferente porque não será publicado.

²⁶ Grifo do autor

8 Anos 80: jornalismo lento e gradual

A década de 80 começou dois anos antes com a declaração do presidente recém-escolhido João Figueiredo de que sob suas rédeas o Brasil experimentaria a abertura democrática. “É para abrir mesmo e quem quiser que eu não abra, eu prendo e arrebento”, disse Figueiredo, em entrevista à *Folha de São Paulo*, em abril de 1978²⁷.

A gestão do cavalariano no Palácio parecia à primeira vista bem mais rígida do que a dos “generais-intelectuais” de Geisel, arquiteto da “abertura lenta e gradual”. As aparências enganaram. Geisel fechou o Congresso com o Pacote de Abril em 1977, impôs eleições indiretas para os governadores, inventou os senadores biônicos nomeados diretamente pelo presidente e criou Estado de Emergência. Sob seu comando e do “bruxo” Golbery, o Brasil enterrou o operário Manoel Fiel Filho e o jornalista Vladimir Herzog, assassinados nas dependências do Estado, no DOI-CODI em São Paulo. Foi também na administração Geisel que os censores vetaram 290 letras de música e tiraram das prateleiras 400 obras literárias em 1976.

Os efeitos do arbítrio dos anos 70 sobre o jornalismo dos anos 80 ficam evidentes em dois movimentos aparentemente contraditórios, mas complementares: o retorno da cobertura política engatinhando na investigação do que se passava nos porões do regime e um enfraquecimento das reportagens sociais que tentavam driblar a censura mostrando retratos das mazelas e misérias brasileiras.

O primeiro sinal dos novos tempos que viriam ocupar a imprensa pelas décadas seguintes aconteceu ainda em abril de 1978 quando a *Folha de São Paulo* publicou uma entrevista exclusiva de Figueiredo, o candidato preferencial do governo Geisel. Figueiredo topou ser entrevistado, mas proibiu os jornalistas Getúlio Bittencourt e Haroldo Cerqueira Lima de anotar e de gravar. Foi a primeira entrevista de verdade de um presidente da república, após 13 anos de regime militar e de censura. Com Fala

²⁷ Arquivos da Folha. Essa entrevista ganhou o Esso de 78

Figueiredo, os repórteres²⁸ ganharam o Esso de 78 e inauguraram um novo ciclo de grandes reportagens no país, o das matérias fiscalizadoras do poder, como mostraremos no capítulo seguinte e que se sustenta em dois pilares: a fiscalização dos poderosos e a fiscalização dos bastidores do poder.

Luiz Cláudio Cunha construiu sua carreira nessa mesma tendência. Aos 27 anos foi um dos primeiros fiscais dos bastidores do poder. Ele mergulhou nos segredos dos governos do Brasil e do Uruguai em setembro de 1978 e trouxe à tona um pedaço da história da América Latina. O jornalista gaúcho publicou uma série de matérias na *Veja* sobre o seqüestro de militantes de esquerda uruguaios por policiais brasileiros em Porto Alegre e revelou os primeiros indícios de que havia uma sistemática colaboração entre as ditaduras latino-americanas e que mais tarde ficou conhecida como Operação Condor.

O repórter ganhou o Esso de 1979 e seu trabalho entrou para os arquivos do prêmio com a seguinte legenda²⁹: “corajosa cobertura revelava a estreita colaboração existente na época entre os serviços de repressão política das ditaduras do Cone Sul, a Operação Condor, como mais tarde ficaria conhecida”.

Enquanto nas ruas e redações dos anos 80, os jornalistas da grande imprensa passavam a vasculhar os pecados do regime, a administração dos jornais experimentava profundas mudanças. Surgiram novas editorias e novas tecnologias, como a telefoto, o

²⁸ Getúlio Bittencourt e Haroldo Cerqueira Lima demonstraram rigor profissional para entrevistar e publicar a matéria com João Batista Figueiredo. Proibidos pelo general de usar gravador e anotar, os dois repórteres correram para a redação assim que a entrevista terminou e cinco horas depois o texto estava pronto. O material virou manchete da Folha nos dois dias seguintes. Primeiro com o título Fala Figueiredo e depois, com a frase aspeada. “Privatizar não é fácil”.

A entrevista começou às 16h40 de 4 de abril de 1978. Figueiredo era o chefe do Serviço Nacional de Informações, o SNI e se preparava para assumir o cargo mais importante do país. Os militares não gostaram do que leram, como conta Boris Casoy, na edição de comemoração dos 80 anos da Folha. Casoy era editor responsável pelo jornal. "Os militares não questionavam o conteúdo da conversa, que expressava exatamente o que ocorrera no encontro, mas diziam que os repórteres haviam enganado Figueiredo, que o gravaram às escondidas. Acontece que Getúlio, um jovem promissor de 26 anos, transcreveu as frases de memória, com uma precisão assombrosa."

Getúlio batia os trechos à máquina, e Haroldo ia conferindo. "Acredite: realmente reproduzi a conversa de cabeça", sustenta Getúlio, mineiro de Tarumirim.. "Desde menino, treino muito a memória. Já cheguei a decorar a filmografia inteira do diretor John Ford, com mais de cem títulos. Sabia o nome dos atores, dos roteiristas e dos músicos de cada produção."

²⁹ *Uma História Escrita por Vencedores: 50 anos do Prêmio Esso de Jornalismo*. Rio de Janeiro, Memória Brasil, 2005.

fax, os computadores nas redações. Foi o período em que os jornais impressos se transformaram “em tevês de papel” (QUEIROZ, 1990)

Significa que os jornais dos anos 80 mudaram de cara. Incorporaram gráficos, infografias, cores na parte interna e redução brusca do tamanho dos textos, o que ajudava a contornar a crise provocada pelo aumento do preço do papel no mercado internacional. A argumentação editorial para tantas mudanças na embalagem da notícia era de que o leitor já não tinha tempo para a leitura de grandes reportagens e que a nova cultura visual imposta pela tevê determinava um novo jeito de ler jornais. Esse “novo jeito de ler” é, na verdade, um novo jeito de ver jornais. Tendência fortemente influenciada pela reforma do *USA Today*, o supercolorido jornal americano impresso no mundo inteiro. “O desenho gráfico e a edição de textos do *USA Today* foram pensados para uma geração que cresceu ouvindo o rádio e assistindo à TV” (SEABRA, *op. cit.*, p. 42).

Um bom exemplo desse turbilhão técnico-ideológico que varreu a imprensa a partir dos anos 80 está na carta que o jornalista Luiz Claudio Cunha, o mesmo que venceu o esboço em 1980, enviou em 28 de março de 2006 ao seu editor em IstoÉ e que tratava do projeto editorial da revista, fortemente marcado pela mediocrização do jornalismo. Segundo Cunha:³⁰

“Neste quadro recessivo (o da imprensa e da economia), ³¹que inquieta patrões e assusta empregados, é natural o surgimento do “jornalismo de resultado” e seus profetas – os executivos moderninhos que prometem redações baratas, revistas idem, amenidades muitas e reflexão zero. Apostam no padrão do leitor que consome mas não pensa, no perfil Homer Simpson(...) Para este tipo de leitor, com tanto a comprar e tão pouca disposição para ler, o jeito é o modelito *USA Today*, o jornalão *fast food* destes tempos midiáticos para uma leitura rápida, calórica e saborosa como um Big Mac. Assim, nossas semanais sofrem cada vez mais a tentação de atender a este novo mercado emergente, abdicando de sua função primordial: o texto mais consistente, mais abrangente, para refletir e ponderar sobre a salada de informações frenéticas e redundantes que o dia-a-dia de jornais, rádios, TVs e internet enfia goela

³⁰ A] integra da carta de Luiz Claudio Cunha pode ser lida no site do Observatório da Imprensa, www.observatorio.ultimosegundo.ig.com.br. O Observatório se dedica a refletir sobre o papel da mídia.

³¹ Parênteses nosso

abaixo do cidadão. A revista, que devia ser o oásis de reflexão para ajudar o pobre leitor a atravessar esta overdose semanal de notícias e mais notícias, abdica de seu papel e mergulha no turbilhão do jornalismo rápido e rasteiro. Tudo induz uma leitura ligeira, quase leviana, para não afrontar o relógio e a agenda do nosso leitor tão apressado.. Alguém está enganando alguém neste jogo (CUNHA, 2006)”

Esse campeonato pela conquista do leitor esquentou a partir dos anos 80 quando a indústria da informação se consolidou como um grande negócio. Foi o período de explosão dos grandes jornais, de enfraquecimento das pequenas publicações e da formação de conglomerados para atender perfis de diferentes de consumidores, como mostra Isabel Travancas em sua dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O mais importante estudioso da história da imprensa no país, Nelson Werneck Sodré, resume numa frase o que se passou nas redações (e na administração delas) durante o século XX. “A oficina de um grande jornal moderno, no nosso país, é inteiramente diferente do que era há meio século” (SODRÉ, 1998, p. 11). Suas análises estão fortemente influenciadas pela leitura marxista e enfatizam um olhar econômico em detrimento de uma reflexão sobre a natureza das notícias e do jornalismo. Segundo sua avaliação da gestão empresarial das redações:

“Gerou-se no Brasil, conglomerado empresarial agrupando ‘ jornal – revista, em alguns casos – rádio e televisão. O caráter concentrador do avanço do capitalismo brasileiro, consideravelmente acentuado com a etapa neoliberal em curso, impediu que se generalizasse a composição de agrupamento de jornal e televisão, em alguns casos. A concentração de poder, nos casos em que esse agrupamento ocorreu, foi extremamente agravada e assinalou um traço novo no desenvolvimento da imprensa brasileira. O número de grandes jornais reduziu-se acentuadamente”. (*ibidem*, p. 11-12)

Folha, O Globo, Jornal do Brasil e Estadão se consagraram como os quatro grandes jornais do país e *Veja* como a maior revista. Os cinco concentrados no eixo Rio-São Paulo. Os únicos, salvo as poucas exceções regionais, como a *Zero Hora*, no Rio Grande do Sul, e o *Estado de*

Minas e Correio Brasilense, do grupo dos *Diários Associados*, com condições financeiras e estruturais para patrocinar as grandes reportagens.

No meio da década, com a campanha das Diretas, a *Folha* encontrou seu lugar no mercado. O jornal da família Frias percebeu a simpatia popular às Diretas e passou apoiar declaradamente à campanha, num movimento antagônico aos das organizações *Globo* que, sequer noticiavam os comícios tomados pela multidão, como reconhecem a própria direção das Organizações Roberto Marinho, no livro *Jornal Nacional: A notícia faz história* (FIÚZA org., 2004, p.154). Mas mesmo sem mostrar o que se passava nas ruas, *O Globo* encerrou os anos 80 com três mil funcionários, sendo 500 jornalistas e uma tiragem de 450 mil exemplares aos domingos.

9 Anos 90 e século XXI:

muito número e pouco texto

Há muitos anos não acontece, entre nós, o aparecimento de um grande jornal”. A frase de Werneck Sodré foi escrita em 1999³² e se aplica também à qualidade editorial do que está nas bancas brasileiras desde os anos 90. O resultado da cultura do *USAToday* foi dramático para o texto jornalístico e ainda mais grave para quem gosta de ler jornais e não apenas de vê-los.

A grande imprensa se pasteurizou, ficou concentrado em poucos veículos, obcecada pela cobertura da agenda do poder, escravo do telefone e dessa nova mídia de nome internet. Materializa-se em textos curtos que privilegiam estatísticas e declarações de autoridades e confina as grandes reportagens a uma única missão: fiscalizar os bastidores do poder, tarefa que o jornalismo brasileiro passou a realizar com destreza a partir de 1992 quando ajudou a derrubar o ex-presidente Fernando Collor.

Mudou o jornalismo e mudaram os jornalistas. Ganharam diploma e perderam a paixão. Falam três línguas, mas já não ouvem com os próprios ouvidos. Quase nada vêem, o pouco que enxergam não anotam. Desprezam a rua, vivem de gravador nas mãos, estão viciados em telefone. São repórteres que não reportam. Trocaram os relatos pelos relatórios (FUSER, 1996).

Igor Fuser é autor de uma das coletâneas mais importantes do país, *A Arte da Reportagem*, com 652 páginas e 55 textos assinados por nomes clássicos como Charles Dickens³³, Victor Hugo, John Reed, Gay Talese, além de brilhantes repórteres brasileiros contemporâneos como José Hamilton Ribeiro, Dorrit Harazim e Raimundo

³² Edição especial do livro *História da Imprensa no Brasil*, Rio de Janeiro, Mauad, 1999, onde Werneck Sodré escreveu uma nova apresentação de seu clássico, com uma análise da imprensa contemporânea

³³ Charlens Dickens (1812-1870) é autor dos clássicos como *David Copperfield* e *Oliver Twist*. Vixtor Hugo escreveu obras como *Os Miseráveis*. O amaericano John Reed cobriu a revolução bolchevique e assinou a reprotagem que mais tarde viraria livro e filme - Red. Gay Talese é vivo ainda hoje, tem 70 anos e ajudou a fundar o Novo Jornalismo, estilo com o qual escreveu o célebre perfil de Frank Sinatra e diversas crônicas sobre desconhecidos moradores de rua de Nova York.

Rodrigues Pereira. Fuser reúne matérias de temáticas diferenciadas, esporte, guerra, corrupção, saúde, e mostrando que é possível fazer reportagem sobre qualquer assunto desde que se respeite:

1. A qualidade da narrativa
2. A profundidade da apuração
3. A amplitude do foco temático

Esses três elementos que, segundo Fuser (1996), desapareceram das páginas brasileiras em nome de um jornalismo moderno” e “objetivo”. Para ele a grande imprensa contemporânea brasileira despreza a reportagem – “em especial, a reportagem em profundidade – para dar lugar a um enfoque que privilegia as estatísticas como medida suprema de verdade” .

“Pesquisas de opinião substituem a realidade viva, perturbatória, contraditória. Infográficos ocupam o lugar dos textos. Os problemas urbanos se resumem à quilometragem dos congestionamentos, aos decibéis do barulho e às medições da poluição do ar. Taxas de inflação e de desemprego bastam para retratar a situação do povo, supõe-se. Quando se fala em crimes, a fórmula favorita é: com quarenta e sete mortos, o fim de semana foi o terceiro mais violento do ano. Mortos sem nome, crimes sem história.” (FUSER, 1996, p.14)

O esvaziamento e empobrecimento da narrativa não é uma patologia exclusiva do jornalismo brasileiro. Essa mesma tendência foi identificada na imprensa latino-americana pelo Nobel Gabriel García Márquez (1999, p. 130):

“A verdade é que os repórteres ainda que quisessem fazer reportagens não têm tempo para fazê-las. Os mandam para rua para que estejam de volta dentro de tantas horas para um trabalho de duas colunas. Vão, regressam e já não são nem duas colunas porque entrou um anúncio. Quando se diz que queremos voltar ao jornalismo, creio que o gênero estrela para o qual deveríamos voltar é o gênero da reportagem”

A seguir, para compreender o que aconteceu com o “gênero estrela” no Brasil, passamos a examinar as matérias vencedoras do Prêmio Esso de Jornalismo, o mais importante do país, e que portanto seria o lugar “natural” da reportagem brasileira. O pódio do Esso não é um espelho exato de nossos jornais e revistas, mas ainda assim oferece um excelente recorte de análise, na medida em que estão ali apenas os melhores trabalhos da imprensa. Significa que, o que ocorre no Esso, ocorre de maneira ainda mais acentuada no dia-a-dia das publicações.

PARTE III

TRABALHO EMPÍRICO

**Análise das matérias vencedoras do Prêmio Esso
de Jornalismo de 1956 até 2005**

10 O nosso Pulitzer

A partir daqui entramos no coração da dissertação, a parte empírica, o momento de dissecar o objeto de pesquisa para verificar se ele confirma a hipótese central. É um desafio que requer obediência aos rigores do processo de construção do conhecimento científico, um universo árido para pesquisadores iniciantes como eu, mas que com alguma humildade e muita paciência, trilho, certa de minhas limitações e convencida de que, “para o aluno aprender de verdade, precisa pesquisar e elaborar com mão própria” (DEMO, 2003, p.1).

Vamos analisar as matérias vencedoras do Prêmio Esso de Jornalismo desde sua criação em 1956 até 2005 com o objetivo de identificar ciclos e fases que caracterizem o processo de produção e a publicação desses textos. A hipótese é de que a reportagem no país passou por profundas mudanças em menos de 100 anos e de que hoje ela vive um momento de crise e distanciamento de seus fundamentos conceituais. A pesquisa empírica está dividida em três capítulos. Primeiro, apresento um rápido histórico do prêmio. Depois falamos de “o quê” e “como” pesquisamos. Por fim, mostramos os resultados da pesquisa, com tabelas e análises de dados.

10.1

Por que o Esso ?

Porque o Prêmio Esso é considerado a principal premiação do jornalismo brasileiro. Conquistá-lo é o sonho de todo repórter, mas poucos conseguem. Nas últimas cinco décadas os jurados examinaram cerca de 20 mil matérias, mas escolheram apenas 49 para receber o troféu de melhor trabalho jornalístico do ano. Na realidade deveriam ser 50 vencedores em 50 anos, porém em 1966 a comissão julgadora resolveu não premiar ninguém.

Os jurados alegaram falta de qualidade dos trabalhos, como informa um dos integrantes do júri, Guimarães Padilha, em *Quando Foi Preciso Não Dar O Prêmio Maior* (IN LUZ, p.77). “A Comissão Nacional do Prêmio Esso de Jornalismo, após uma reunião de mais de seis horas, decidiu não conceder o prêmio máximo por considerar que o nível dos trabalhos não estava á altura da láurea do jornalismo brasileiro”.

Os jurados escolhem suas preferências a partir de dez critérios, alguns mais subjetivos do que os outros. São eles:

1. Importância do tema focalizado;
2. Interesse que desperta no público;
3. Boa técnica de redação;
4. Esforço do repórter;
5. Ineditismo;
6. Ética;
7. Apresentação geral da matéria;
8. Condições em que o trabalho foi realizado;
9. Veracidade da informação,;
10. Contribuição social e sentido construtivo do tratamento a ele dispensado.

O prêmio é anual e hoje tem 15 categorias diferentes, uma delas é de telejornalismo, mas as reportagens televisivas jamais receberam o troféu principal. O fotojornalismo já. Em 1964, o fotógrafo Walter Firmo venceu com uma extensa fotorreportagem sobre a Amazônia, publicada no Jornal do Brasil.

O Esso foi criado em 1956, inspirado no Pulitzer³⁴ americano, e implantado no Brasil por Ney Peixoto do Valle, um cidadão obstinado que se empenhou tanto para criar a premiação quanto para demover as resistências dos jornalistas em participar de algo promovido por uma multinacional de petróleo. “Na festa da primeira edição havia mais garçons do que jornalistas”, lembra Guilherme Duncan, atual coordenador do

³⁴ O Prêmio Pulitzer foi criado nos Estados Unidos em 1917.

Prêmio Esso, em seu artigo *Caminhando Junto com as Redações* onde faz uma ligeira retrospectiva histórica do Prêmio.. Segundo Duncan (2005, p.8):

“Salvo poucas exceções, as reportagens de maior sucesso na época [...] Serviam mais ao sensacionalismo, ao escândalo e à promoção pessoal do que ao interesse público [...] Não era isso que o Prêmio Esso pretendia reconhecer. A intenção dos organizadores era a de exaltar o trabalho do profissional de Imprensa respeitável e contribuir para o aprimoramento do gênero. A primeira premiação já sinalizava nesse caminho”

A primeira reportagem campeã chamava-se *Uma Tragédia Brasileira: os paus-de-arara* e foi publicada em 1955, na extinta revista O Cruzeiro. O autores, jornalistas Mário de Moraes e Ubiratan Lemos, não revelaram sua identidade profissional, e durante 11 dias sacolejaram incógnitos desde Salgueiro, em Pernambuco, até Duque de Caxias, no Rio de Janeiro. Mário era o responsável pela documentação fotográfica e Ubiratan pelo texto.

A dupla viajou num caminhão pau-de-arara junto com outros 102 cidadãos e no melhor dos estilos do

jornalismo heróico, tentou mostrar a lida dos homens e mulheres que atravessavam o Brasil com a esperança de dias melhores no “sul maravilha”. No país de Juscelino Kubitschek os nordestinos representavam 46,35% dos 11 milhões de migrantes rurais que trocaram de endereço na década 50, período de maior migração inter-regional da história brasileira.

QUADRO 1

Fonte: O CRUZEIRO

UMATRAGÉDIA BRASILEIRA: OS PAUS DE ARARA

Pela altura da Bahia, o choque maior... Prostíbulos à beira da estrada. O caminhão parado, à espera do conserto. Os “araras”, homens e sozinhos, andando à toa, jejuns de mulher. E elas, mais miseráveis que eles, oferecendo seus corpos esqueléticos.

- 15 cruzeiros, moço...

Alguns foram, mesmo com o risco de perder o caminhão, que não esperava pelo sexo . A infeliz, de filho nos braços, entregava a criança a uma companheira, e ia para o quarto de taipa e cortinas rasgadas. Alguns instantes de prazer imundo e comprado. E a volta ao caminhão, sob a chacota dos machos, e a vergonha das fêmeas”.

O texto da reportagem de Mario e Ubiratan (leia trechos no quadro ao lado) ocupou sete páginas da revista e revelou muito mais do que os números da seca e da migração. Revelou que a estiagem era só mais um dos problemas de tragédias sociais, detonadas pela miséria. Mário pegou tifo durante a apuração e ainda se recuperava da doença, quando ouviu pelo rádio, num barbeiro do subúrbio carioca, o resultado do Esso. O jornalista não resistiu e desmaiou de emoção. Não foi fácil publicar a matéria.

Assim que voltaram de viagem, os dois jornalistas escreveram a reportagem, entregaram para a chefia, mas o editor resolveu engavetá-la e substituí-la por uma matéria paga. Era assim a imprensa dos anos 50. De um lado, ainda engatinhando no profissionalismo e refém das jogadas do patrão – no caso de Mário, o polêmico Chateaubriand. Do outro, oxigenada pela garra e pela disposição aventureira dos repórteres. “O Prêmio Esso foi um marco na minha carreira. A partir do Esso, me senti mais profissional e mais seguro”, explica Mário de Moraes³⁵, hoje com 79 anos, e ainda sempre presente nas festas de premiação do Esso. “Com o Prêmio, eu passei a ter orgulho da profissão e a cavar mais reportagens. As reportagens daquela época eram diferentes das de hoje. A gente tinha que ir atrás mesmo”.

10.2

Mudanças no Prêmio e na Prensa

A primeira edição do prêmio teve 200 concorrentes e apenas uma categoria. A comissão julgadora era formada pela elite do jornalismo e da literatura. A presença entre os cinco jurados de Otto Lara Rezende, como representante da Manchete, e Antonio Callado, como representante do Diário da Manhã, confirmam que o jornalismo ali ainda era o ganha pão dos principais intelectuais do país.

No ano seguinte, os organizadores incorporaram duas categorias regionais, uma para o Sul e outra para o Norte, além do prêmio principal e uma

³⁵ Depoimento pessoal, dado durante entrevista, na solenidade de comemoração pelos 50 anos do Esso, em dezembro de 2005.

menção honrosa. A vencedora de 1957 foi escrita na primeira pessoa, coisa rara no jornalismo brasileiro de hoje, fortemente influenciado pelos dogmas da objetividade, tanto em sua narrativa quanto em relação ao fato apurado.

Na década de 50, no entanto, o exercício da profissão respirava boemia por textos de Antonio Maria, Nelson Rodrigues, Sergio Porto e transpirava romantismo e aventura pelas reportagens de Davi Nasser, Joel Silveira, Antonio Callado. Não havia necessidade de diploma, ganhava-se pouco e terminava-se a jornada no bar, ou na máquina de escrever para realizar o sonho do livro publicado ou em reuniões de negociatas onde jornalistas inescrupulosos vendiam seu silêncio, como lembra Otto Lara Rezende, no artigo *Gutenberg Evoluiu, Mas Vai Bem Obrigado*.

O artigo foi escrito em 1980 para homenagear os 25 anos do Esso, não perdeu uma vírgula para atualidade e o texto (no quadro abaixo) é uma aula de jornalismo e que publico um trecho no quadro a seguir.

QUADRO 2

GUTENBERG EVOLUIU MAS VAI BEM, OBRIGADO

Otto Lara Resende (1980)

Sempre se disse que a reportagem é a alma do jornal. Em certo sentido, o repórter é a personagem mais importante da imprensa, porque dele depende a notícia, a informação, matéria-prima do jornalismo...O esforço da reportagem não dispensa porém o conhecimento da arte de escrever. Bom repórter é o que procura, acha e escreve com clareza...

Até há poucos anos, o jornalismo era profissão ingrata, instável, sem status. Lembro-me de um banco que, no centro do Rio, tinha dependurado um aviso: Não Se Empréstia Dinheiro a Jornalista. A lei do salário mínimo enquadrou a profissão que foi perdendo o caráter de bico e hoje, um jornalista pode viver do seu trabalho, sem recurso ao emprego público, sem o apoio de duvidosas facilidades. Jornais não são mais folhas de partido ou molduras pessoais; são empresas. Seria o caso de indagar se a reportagem se inibiu. Muita coisa mudou. Mas o repórter continua essencial

FONTE: Publicado em 25 anos de Imprensa no Brasil, editora Esso, 1980

Otto Lara era um visionário. Há 26 anos, já identificava um possível movimento futuro de inibição da reportagem. O escritor mineiro participou da comissão julgadora do Esso que premiou em 1957 o trabalho “180 dias na Fronteira da Loucura”, onde o jornalista José Leal, alcoólatra assumido, descrevia sua saga numa clínica de tratamento do alcoolismo.

Otto Lara Resende votou no trabalho de Leal, publicado no Globo, e 23 anos depois os motivos da escolha e sugere que a ela não se repetiria na década de 80:

“Tecnicamente a reportagem deixa a desejar; é repetitiva, aqui e ali confusa, desordenada. Mas dá o seu recado. A leitura do texto de José Leal permite um cotejo com o que hoje se lê na imprensa. Mudou muito; o estrelismo desapareceu, ou pelo menos se transformou. De modo geral, a qualidade elevou-se. A técnica de contar está hoje apurada. Creio que o Prêmio Esso pode ser um aferidor desse caminho de evolução e mudança pelo qual passou a imprensa, e logicamente, pelo qual também passou a reportagem” (IN LUZ, p. 28-29)

Se os 23 anos que separam a reportagem de José Leal do artigo de Otto Lara Resende indicam mudanças na narrativa das grandes matérias e na estrutura dos jornais brasileiros, as outras duas décadas posteriores são ainda mais impressionantes, como analisa o coordenador do Esso, Guilherme Duncan (IN BELOCH; FAGUNDES *org.*, 2005, p.9):

“A influência do moderno jornalismo europeu e norte-americano organizou melhor as redações, que foram divididas em seções e editorias. O todo-poderoso chefe de reportagem saía de cena, por uma porta quase ao mesmo tempo em que os primeiros formandos de jornalismo entravam nas redações. Surgiam as editorias especializadas. O Prêmio Esso acompanhou a transformação acrescentando ao seu regulamento novas categorias como Informação Econômica e Informação Científica” .

Em 2005, já existiam 17 categorias diferentes, incluindo Primeira Página, Criação Gráfica, Fotojornalismo, Telejornalismo e seis categorias regionais, sendo uma delas, a de Interior - para veículos que não estão sediados nas capitais estaduais. A escolha das vitoriosas ainda é cercada de polêmica, mas sem dúvida os finalistas e os vencedores estão entre os melhores trabalhos publicados por ano no país.

11 A escolha do método: “o o quê” e “o como”

11.1 O Objeto

Meu objeto de pesquisa é concreto: 49 reportagens vencedoras do Prêmio Esso de Jornalismo desde sua criação em 1956 até 2005. Ao todo, nossa base de análise cobre quase que completamente a segunda metade do século XX, um período histórico privilegiado porque abrange a adolescência da reportagem no Brasil, seu apogeu e sua decadência.

A pesquisa ficou focada apenas nas campeãs da categoria principal, mas consegui a listagem de todas as matérias vencedoras das outras categorias do Esso e publico em anexo. De maneira geral, as premiadas das outras categorias, acompanham as tendências da categoria principal.

O trabalho de campo ficou concentrado no Esso, como uma forma de escapar do infantil pecado metodológico da abrangência exagerada, aquela de querer examinar o intocável, o que em nosso caso seria o ‘tudo que ocorreu na reportagem brasileira nos últimos 100 anos’. Essa opção equivocada seria aquela a que Demo (2003, p.5) chama de “tema da vida” em seu texto Vícios Metodológicos:

“Tema de pesquisa não é “tema da vida”. Alguém pode ter como tema da vida representações sociais. Mas no mestrado só poderá tratar alguma parte, alguma dimensão, dentro da lógica do mestrado: precisa terminar em dois anos, supondo tratamento metodológico e teórico com relativa autonomia apenas”

O foco nas vencedoras do Esso, no entanto, permite uma extensão da análise para uma realidade mais ampla do que o próprio prêmio. As reportagens premiadas funcionam, assim, como uma espécie de estrada, de guia do que se passa num aspecto

mais global nas publicações do país. De certa forma, elas resumem o que se passa na imprensa brasileira. Resumem pelo lado bom. O Esso é nosso Pulitzer e os trabalhos que conseguem conquistá-lo costumam ser melhores do que a média do que se publica diariamente no país.

11.2

A Hipótese

Segundo Demo (ibidem, p.4), “a escolha de bom tema e principalmente de hipótese certa é a primeira arte do texto”. Para o autor, “uma boa hipótese levanta questões que o autor se propõe a tratar, antevendo caminho possível. Este caminho pode mostrar-se, depois, inviável, mas já é resultado pertinente em termos metodológicos.”

Significa que o sujeito que se propõe a percorrer a estrada da ciência deve saber que as hipóteses escolhidas não são rodovias sem retorno e que o erro tem valor científico. “Tendemos, é claro, a esperar que a promessa da hipótese se cumpra, para nosso goáudio em especial, mas, mantendo-se hipotética, pode revelar o contrário, e isto também pode ser bom resultado da pesquisa.” (ibidem, p.5).

A hipótese que escolhemos é de que o perfil das matérias vencedoras do principal prêmio de jornalismo do país mudou profundamente nos últimos cinquenta anos e que essas transformações refletem fases da reportagem no Brasil. Caracterizamos cada uma dessas fases e revelamos que na última década há um franco distanciamento dos fundamentos conceituais que caracterizam o mais nobre dos gêneros jornalísticos. Ao final, espero ter cumprido humildemente aquilo que Pedro Demo assinala em Vícios Metodológicos:

“A criação de hipóteses inspiradas, inovadoras não surge por acaso. Depende de experiência com pesquisa, muita leitura e conhecimento de autores e teorias, além de imaginação” (ibidem, p.6).

Método

Como não se perder num labirinto formado por montes de conceitos e 49 reportagens escritas em meio século ? Método é a palavra mágica. Um dos maiores pensadores do século XX, o sociólogo e filósofo alemão Jürgen Habermas explica que o método é a maneira, o jeito, como cientista social se aproxima do que está investigando. Para ele, “o modo como o pesquisador aborda seu objeto de investigação é imposto pelas dificuldades específicas de seu objeto” (HABERMAS, 2003, p9).

A filósofa da ciência Marilena Chauí (1998) ensina que “*methodos*” implica um planejamento prévio e racional determinado para conhecer alguma coisa. Este planejamento, no entanto, não deve ser uma camisa de força, mas sim uma espécie de mapa que ajude o pesquisador a compreender seu objeto.

Nosso mapa metodológico é a análise de conteúdo. A escolha foi definida a partir da natureza do objeto, vasto em quantidade, histórico por definição, e com múltiplas possibilidades de leitura e recorte – tempo de apuração da reportagem, espaço de publicação, natureza do veículo, qualidade do texto, tema da matéria, ângulo de abordagem.

A análise de conteúdo, como toda opção teórico-metodológica, tem limitações. Ela surgiu no século XVII (BARDIN, 1977), mas ganhou forte apelo acadêmico no final do século XIX nos Estados Unidos, como um contraponto à falta de racionalidade e excesso de subjetividade das análises de texto. A forma que os americanos encontraram para concretizar esse contraponto foi a matematização das análises, com uma obsessão pelos métodos quantitativos. No que diz respeito aos estudos sobre os meios de comunicação essa obsessão se traduziu, segundo L. Bardin, num “fascínio pela contagem e pela medida (superfície de artigos, tamanho dos títulos, localização da página)”

No campo da comunicação, o primeiro nome a recorrer à análise de conteúdo em suas pesquisas é o famoso Harold Lasswell³⁶, em 1915, em trabalhos que entraram para a história como os primeiros estudos sobre a sociedade de massa, mas que estavam marcados por uma forte necessidade de aplicação dos métodos das ciências exatas às humanidades. Não é esse nosso enfoque aqui.

Optamos pela análise de conteúdo porque ela permite uma abordagem quantitativa e qualitativa dos dados, o que Martin W. Bauer (2004) chama de “uma técnica para produzir interferências de um texto focal pelo seu contexto social de maneira objetivada”. Segundo Antonio Carlos Gil (1994), em *Métodos e Técnicas em Pesquisa Social*, a execução dessa técnica prevê uma pré-análise dos dados através do que ele chama de “leitura flutuante e da escolha de documentos, além da formulação das hipóteses e da preparação do material para análise”. Só a partir daí, o pesquisador pode mergulhar em seu material e no “tratamento dos dados que é a ação tornar significativos os dados através de quadros, tabelas, diagramas que sintetizem os resultados” (GIL, 1994).

Nas próximas páginas, apresento uma radiografia das vencedores do Esso, desde sua criação.

³⁶ Um dos patriarcas dos estudos sobre comunicação nos Estados Unidos. Nasceu em 1902 e morreu em 1978. Tinha formação em psicologia e criou um modelo de análise da comunicação, baseada na fórmula quem diz o quê a quem, por que canal e com que efeito.

12 O mapa do pódio

A pesquisa de campo parte de uma amostra com 49 reportagens, publicadas em revistas e jornais brasileiros de 1956 até 2005. Concentrei-me na coleta, leitura e análise apenas das reportagens vencedoras da categoria principal do Esso porque, do contrário, o universo ficaria extremamente vasto. Também dediquei-me a ler os artigos dos jurados da categoria principal sobre as matérias vencedoras. São documentos preciosos e assinados pelos grandes nomes do jornalismo brasileiro.

Minha análise restringe-se às reportagens vencedoras da categoria principal, cujo exame realizo nas próximas páginas. Também apresento a listagem de matérias vitoriosas nas outras categorias do Esso, e sobre as quais realizei algumas observações pontuais que detalho mais à frente. A principal delas é que, ao contrário do que se supunha na fase inicial da pesquisa, os textos vencedores dessas categorias seguem as mesmas tendências observadas com os premiados na categoria principal.

De maneira geral, as 49 matérias refletem cada momento do jornalismo no país, períodos esses já caracterizados na segunda parte da dissertação, sob o título *Retrospectiva Histórica: Da utopia ao Desencanto em menos de 100 anos*. Dividi o trabalho de campo em três fases: coleta das reportagens vencedoras, leitura de cada um dos textos e exame de artigos históricos assinados pelos jurados e organizadores do Esso sobre a premiação de cada ano³⁷.

A partir daí, consegui demarcar características comuns e antagônicas entre os trabalhos, o que naturalmente me levou a definir “tipos” diferenciados de grandes reportagens no país. Para chegar a essa classificação recorri ao cruzamento de sete quesitos objetivos referentes às condições de apuração e às condições de publicação.

Os sete quesitos escolhidos para observar as matérias são:

³⁷ Apresento nos quadros das páginas seguintes trechos de alguns dos textos dos jurados e das matérias vencedoras.

- A. Tema e enfoque
- B. Estilo do texto – se relatorial, explicativo ou se narrativo
- C. Veículo de publicação
- D. Espaço de publicação
- E. Parceria com a fotografia
- F. Fontes
- G. Viagens e custos da apuração

Com base nos quesitos citados acima, classifiquei as matérias por categorias diferentes de reportagens, com os respectivos subtipos:

1. Reportagens Sociais

1.a Enfoque nacional

1.b Enfoque local

Tratam das grandes temáticas sociais do país e podem adotar enfoque nacional ou local. Costumam estar nas páginas das editorias de Brasil ou de Cidades e incluem a cobertura de políticas públicas, sob uma ótica que inclui a visão do cidadão e da autoridade. Sempre estão acompanhadas de fotorreportagem e no caso daquelas com enfoque nacional, demandam viagens na etapa de apuração. Os textos costumam ser narrativos e longos. A publicação pode ser no formato de série, de caderno especial e ou uma única matéria.

2. Reportagens Fiscalizadoras do Estado

2.a. Fiscalização dos poderosos

2.a.1. Poderosos políticos

2.a.2. Outros poderosos (juizes, delegados...)

2.b. Fiscalização dos bastidores do poder político

2.b.1. Enfoque na atualidade

2.b.2. Enfoque no passado

Tratam do exercício do poder tanto no Executivo, quanto no Legislativo e no Judiciário, incluindo as relações do setor público com privado. Há dois tipos de matérias nessa área: as que fiscalizam a conduta dos poderosos na gestão do Erário e as que mostram os bastidores do poder, o que compreende desde as crônicas políticas da atualidade à investigação sobre momentos nebulosos do passado. As fontes das reportagens fiscalizadoras do poder são autoridades em *on* ou em *off*. Há farto uso de documentos comprobatórios, fitas, gravações e recomenda-se ouvir sempre o acusado. Os textos são explicativos e não narrativos. As matérias ocupam espaço generoso e geram grande repercussão.

A publicação costuma ser no formato de série ou de cobertura diária, geralmente na editoria de Política. Não há necessidades a priori de grandes viagens, o custo da apuração é barato, porém ela é sistemática, envolve toda uma equipe de trabalho. Não há parceria regular entre os responsáveis pelo texto e pela foto – muitas vezes, as circunstâncias de captação da imagem não tem qualquer relação com a denunciada no texto. As imagens são ilustrativas ou comprobatórias, jamais ensaísticas. Também é comum nessa categoria a “foto roubada”, sem a autorização do fotografado.

3. Internacionais

Tratam dos temas internacionais e vão além dos despachos noticiosos das agências. São feitas por correspondentes ou por enviados especiais. Têm características comuns à reportagem social nacional, porém com cenário estrangeiro, mas com menos espaço de publicação e com pouca repercussão. Incluem desde a cobertura de guerras e catástrofes, passando pela política internacional, até as reportagens temáticas sobre um determinado país ou região. As fontes são mistas e a apuração exige viagens e investimento financeiro alto. A parceria com o fotógrafo é costumeira.

4. Policiais

Tratam dos grandes crimes com repercussão nacional. As reportagens costumam partir de uma cobertura diária de um fato policial e pelo trabalho investigativo do repórter alcançam uma abordagem consolidada de um tema que vai além do próprio crime. As fontes são autoridades e cidadãos comuns, há muito recurso de *off*, as matérias são seqüenciais e ocupam um espaço moderado nas páginas, porém a publicação, na maioria das vezes, ocorre em páginas pouco nobres – nunca no primeiro caderno. Não há um padrão único de textos, podem ser narrativos ou explicativos.

5. Esportivas

Tratam de temas esportivos e fogem do olhar cotidiano das notícias sobre o calendário das competições. Costumam oferecer um enfoque social e inédito sobre temas pouco conhecidos do público. Os textos são narrativos.

6. Culturais

6.a Arte

6.b Comportamento

São as reportagens que enxergam a cultura, além do espetáculo. São matérias, no modelo pensata, que incluem reflexão sobre mudanças de comportamento e debates sobre movimentos artísticos. Não estão necessariamente confinadas no segundo caderno e podem ocupar outros espaços de publicação, como suplementos especiais e até matérias de fôlego em editoriais mais tradicionais, como cidades, nacional e política. São matérias de apuração barata, com fontes múltiplas e espaço razoável nas publicações. Têm boa leitura e pouca repercussão. Os textos são narrativos.

7. Econômicas

Tratam dos temas econômicos, tanto do ponto de vista da política econômica quanto da ótica do consumidor. As primeiras têm fontes oficiais e as segundas misturam cidadãos comuns com autoridades. Os textos são explicativos e as matérias ocupam páginas nobres dos veículos, apesar de não serem longas. É raro o casamento com a fotografia durante a apuração e não há uma necessidade prévia de viagens.

A seguir, a classificação por categorias das 49 reportagens vencedoras do Esso, desde 1956 até 2005 e as análises dos resultados.

15 Tabelas e Análises

TABELA 1: Reportagem social. Enfoque Nacional

Ano	Título da matéria	Veículo
1956	Uma tragédia brasileira: os paus-de-arara	O Cruzeiro
1957	180 dias na fronteira da loucura	O Globo
1959	Diário de um flagelado das secas	O Estado de SP
1960	Um rio desafia o Brasil	Folha de SP
1961	Adote uma criança	Jornal do Brasil
1963	Guapé será apenas um retrato na parede	O Cruzeiro
1964	Cem dias na Amazônia de ninguém	Jornal do Brasil
1972	Edição especial sobre a Amazônia	Revista Realidade
1973	Expedição de contato dos Kranhacarore	O Estado de SP
1989	As pistas perdidas no Acre de Chico Mendes	Jornal do Brasil
	Total	10 matérias

ANÁLISE DOS DADOS – TABELA 1

- ✓ São 10 matérias e nove temas sociais diferentes: migração, doença mental, seca, integração regional, infância, habitação, meio ambiente, índio e conflitos agrários, respectivamente. O cardápio da temática social é, portanto, muito vasto, o que o diferencia do “jornalismo fiscal do poder”, sempre focado na corrupção política.
- ✓ Nove das 10 matérias exigiram viagens para a apuração. A reportagem social é desbravadora, mostra para o leitor outras terras, outros costumes e outros dramas que vão além dos que ele vê da janela. Para fazê-la o repórter tem que gastar sola de sapato e a empresa tem que gastar dinheiro.
- ✓ Todas as dez foram publicadas em jornais ou revistas do Rio de Janeiro e de São Paulo. Aqui há várias leituras diferentes e possíveis, desde a mais improvável, a de que o Esso é tendencioso e só premia o Rio e São Paulo, em detrimento de grandes matérias produzidas Brasil afora. Menos discutível, no entanto, é o fato de que as grandes reportagens com enfoque nacional são empreitadas caras e apenas os grandes veículos têm condições de bancá-las.
- ✓ Todas as dez matérias, apesar das temáticas diferenciadas, abordam mazelas da pobreza. Num país com 40 milhões de miseráveis, a reportagem tem também uma função social: mostrar o Brasil pobre para o Brasil rico, apresentar para a elite as faces do principal drama brasileiro, a desigualdade.
- ✓ Das 10 reportagens, oito tiveram textos longos e com rico vocabulário, tanto em substantivos quanto em adjetivos, sendo que uma delas, a de 89, virou livro. Há textos preciosos, como a da

edição especial sobre a Amazônia, publicada na *Realidade*, depois de cinco meses de viagem, 30 mil fotografias e 16 jornalistas no meio da selva (leia quadro abaixo) A importância da reportagem social fica evidente no texto abaixo O repórter carrega o leitor para dentro da Amazônia. Carregou em 1972 e carrega ainda hoje - prova de que a narrativa típica das grandes matérias pode romper com a efemeridade da notícia e virar um documento sobre determinado tema. Mas isso, só ocorre, diferentemente da literatura, graças a uma apuração rigorosa das informações e não apenas pela beleza das palavras.

Para realizar a matéria sobre a Amazônia, por exemplo, 16 repórteres de *Realidade*, sob o comando de Raimundo Rodrigues Pereira, navegaram 1.200 horas de barco, voaram 184.000 quilômetros de avião e, “quando não havia meio de transporte, abriram na selva as picadas que lhes permitiam atingir os objetivos

da grande aventura jornalística”, conta o editor-chefe da revista na época, Audálio Dantas em artigo publicado em livro organizado por Olavo Luz (1980).

O próprio Dantas assinou a carta ao leitor que acompanhava a mega-edição especial sobre a Amazônia com 320 páginas. Em poucas palavras, ele resumiu sua receita da reportagem: equipe, tempo, dinheiro, viagem, talento e paixão. “Nas páginas seguintes estão cinco meses de viagem pela Amazônia feitos com a maior equipe e o maior orçamento para

QUADRO 3

FONTE: Revista Realidade Outubro de 1971

ESPECIAL AMAZÔNIA

Élcio vem saindo de uma picada da mata, um saco de borracha nas costas – 15 quilos de látex -, um balde nas mãos, calça cortada acima dos joelhos, mancando do pé esquerdo. Entra numa palhoça pequena, a frente triangular toda aberta e o teto de duas águas coberto de palmeira trançada caindo até o chão...

Teresa, sua mulher, está sentada num banco ao lado do forno, girando uma massa branca grudada num pau apoiado pelas pontas em duas forquilhas...O ambiente é quase irrespirável, a luz pouquíssima. Élcio encosta o balde, despeja o látex numa bacia ao lado da mulher, tira o sapato de borracha, cheio de sangue.

Machucou o pé num graveto, logo depois do almoço, fez a estrada toda mancando. Seu rosto jovem, quase sem barba, não demonstrava dor. Mas sua fala é amarga:

-É rapaz, a vida de seringueiro não é boa, não. É a vida mais filha da p...

Élcio Nunes, 25 anos, seringueiro, filho de seringueiro, sabe que é batizado, mas não tem carteira de identidade, título de eleitor nem serviu ao Exército”.

a cobertura de um único assunto em toda a história de *Realidade* e, possivelmente da imprensa nacional. Nossa mais longa, custosa e apaixonada reportagem”.

- ✓ Toda as dez reportagens ocuparam espaço generoso nas páginas dos jornais e revistas, sendo que seis foram no formato de série e as outras quatro numa única publicação. A reportagem social privilegia a narrativa, atrai profissionais que sabem e gostam de escrever e, inevitavelmente, demanda um bom espaço de publicação.
- ✓ Todas tiveram fontes mistas: autoridades e brasileiros anônimos. Há raros recursos de *off*. Há três categorias de fontes nas reportagens sociais: os olhos do repórter, a voz dos cidadãos comuns e a versão das autoridades. Estão todas no mesmo texto e isso faz uma enorme diferença para quem lê. Mostra que a realidade não é feita apenas pela opinião, pelos erros e acertos das autoridades.
- ✓ Das dez reportagens, apenas uma é posterior a 1980. Três são nos anos 50, quatro nos anos 60 e duas na década de 70. A de 1989 é sobre Chico Mendes, uma série de matérias assinadas por Zuenir Ventura.

A concentração de premiados está entre os anos 50 e 70, período que corresponde ao nascimento e ao amadurecimento da reportagem no país. Das dez premiadas, há três publicadas durante a ditadura, sendo duas nos anos de chumbo, o que representa outro dado importante: o de que, com a censura, os jornalistas procuravam a reportagem social para dizer, de alguma forma, que as coisas não estavam indo tão bem no regime militar. O último ano em que uma matéria social com enfoque nacional venceu foi 89, ano da eleição de Collor e o início do ciclo das grandes denúncias sobre corrupção na política.

- ✓ Todas as dez reportagens estavam acompanhadas de fotorreportagem, sendo que a de 64 ela mesma já era um ensaio fotográfico. O casamento foto e texto é uma característica fundamental da reportagem social, o que a diferencia daquela que fiscaliza o poder, onde muitas vezes a imagem é apenas um acessório comprovante do texto. Na reportagem social a multiplicidade de linguagens ajuda no mergulho no tema e não há necessariamente uma hierarquia da palavra sobre a foto. A vencedora do Esso de 64 é um exemplo disso. O prêmio foi para a série de fotografias de Walter Firmo sobre a Amazônia.

“O Prêmio Esso não é apenas um retrato na parede, e embora alguns veículos de informação teimem determinar a fotografia como linguagem acessória, ela é mais que universal pelo seu grito que se encerra no silêncio”, analisa Firmo, em de *Malta ao Prêmio*, artigo publicado na coletânea *27 anos de Fotojornalismo, publicado em 1988, pela Esso*.

Curiosamente, os jurados do Esso premiaram no ano do golpe militar uma reportagem que não tem texto e não trata de política. Um dos integrantes da comissão julgadora, Wilson Figueiredo, escreveu sobre o assunto no artigo *Prêmio de 64 reflete conjuntura política* (IN LUZ, 1980, p.69): “O Prêmio Esso de 64 foi sem dúvida o mais distante do sentido da atualidade que insufla o jornalismo diário”.

- ✓ O jornalista é personagem de metade das matérias e escreve na primeira pessoa. Em três delas, os repórteres optaram pelo anonimato e não se identificaram durante a apuração. A reportagem social é a casa do repórter que escreve bem, mas que pode, como todos os outros, cair nas armadilhas da vaidade, um critério absolutamente subjetivo que não há como comentar. Por outro lado, os textos em primeira pessoa refletem também um estilo comum nos anos 50 e 60, ainda marcados pelo jornalismo de autor.

Sobre a não identificação dos repórteres durante a apuração, não é uma técnica exclusiva da reportagem social e foi muito usada no Estados Unidos pelo grupo do “*new journalism*”, que defendia a invisibilidade do repórter como uma forma de minimizar a interferência na realidade que está observando. Ainda hoje há uma imensa discussão ética sobre o assunto.

- ✓ Das dez reportagens, apesar da importância da temática, nenhuma gerou escândalos ou mudanças sociais. Este não é um problema da reportagem. É um problema do Brasil, onde as mazelas sociais jamais escandalizam as autoridades e portanto jamais deixam de ser mazelas.

Tabela 2. Reportagem Social. Enfoque Local

Ano	Título da matéria	Veículo
1971	Receita para São Paulo	Jornal da Tarde
1995	Viver nas ruas de São Paulo	O Estado de SP
	Total	2 matérias

ANÁLISE DOS DADOS – TABELA 2

- ✓ As duas matérias tratam de São Paulo, sede do dois jornais onde foram publicadas. A reportagem social local trata do cotidiano do leitor preferencial do jornal, o morador da cidade-sede do veículo. São matérias fortemente comprometidas com os problemas sofridos pela comunidade em que o jornal está inserido.
- ✓ A vencedora de 1971 é assinada por José Maria Mayrink. A de 1995 foi publicada em *O Estado de SP* por Rebeca Kritsch e pelo fotógrafo Vidal Cavalcanti. Por cinco dias, a dupla se “transformou” em moradores de ruas, pediram esmolas, cataram lixo e experimentaram o que milhares de brasileiros experimentam todos os dias: dormir nas calçadas. São reportagens sociais, mas com pés locais. De maneira geral, com exceção do item sobre viagens, trabalhos de reportagem social com enfoque local, têm as mesmas características que os de enfoque nacional. Os textos são narrativos, demandam tempo razoável de apuração e espaço farto para a publicação. Têm parceria com a fotografia e tratam de temáticas fortemente influenciadas pela pobreza.

Ao todo, registramos 12 reportagens sociais, sendo 10 com enfoque nacional (a última em 1989) e duas com enfoque local (a última em 95).

Tabela 3: Reportagem Fiscalizadora do Estado. Enfoque nos poderosos

Ano	Título da matéria	Veículo
1962	Fraude eleitoral	Jornal do Brasil
1976	Assim vivem nossos superfuncionários	Folha de SP
1987	Concorrência da ferrovia Norte-Sul foi uma farsa	Folha de SP
1988	A lista da fisiologia	Folha de SP
1992	Cobertura do caso PC-Collor	Veja
1994	Nilo ajudou Betinho a receber doação de bicheiro	O Globo
1997	Mercado do voto	Folha de SP
1998	O Teste do Guaraná	O Globo
1999	Mortes de PC e Suzana Marcolino	Folha de SP
2000	Caso Luiz Estevão	Correio Braziliense
2001	Fraude do Painel de Votação do Senado	IstoÉ
2002	Sentenças Suspeitas	O Globo
2003	Traficantes nos Quartéis	O Globo
2004	Os Homens de Bens da Alerj	O Globo
2005	Denúncia do Mensalão (entrevista de R. Jefferson)	Folha de SP
Total		15

ANÁLISE DOS DADOS - TABELA 3

- ✓ Todas as 15 matérias denunciam desvios de recursos e de conduta no exercício dos cargos públicos, sendo que 11 tratam especificamente de corrupção política. Os 15 trabalhos se inserem na tradição do chamado jornalismo investigativo, um pleonasma já que todo repórter deveria investigar dos costumes aos esportes, mas que no Brasil se converteu numa tendência específica da cobertura dedicada a fiscalizar o exercício do poder e denunciar desvios.

- ✓ Na última década, de 1995 a 2005, de onze premiados, nove ganharam o Esso com denúncias sobre desmandos dos poderosos. De 2000 a 2005, dos seis vencedores quatro denunciaram políticos corruptos. Há em curso uma evidente tendência a favor do jornalismo fiscal do poder. Isso não é uma tendência só do Esso. É uma tendência do jornalismo brasileiro contemporâneo.

- ✓ A matéria de 1976 de *O Estado de SP* é a primeira a usar o termo mordomia. É a primeira vez que o jornalismo enxerga o poder também pela ótica da administração pública e não apenas do exercício político. A repercussão do trabalho popularizou a expressão "mordomia" e estabeleceu um novo nicho para o jornalismo político. O da vigilância da administração pública, não pela vertente da execução das políticas públicas, mas pelo mau uso dos cargos.

- ✓ Das 15 reportagens, apenas quatro se debruçaram sobre poderosos que não são políticos e apenas uma investigou um tema relacionado a políticas públicas - a de 1998 que denunciou a incompetência e o descaso da rede de laboratórios de análises químicas no Rio de Janeiro. Os laboratórios receberam potes com guaraná no lugar de exames de urina e ao emitir seus laudos não identificaram a mudança e sequer acusaram a presença do refrigerante. A campeã de 1976 tratou de mordomias de servidores do Executivo, em Brasília. A de 2002 revelou uma máfia de juízes cariocas que vendia sentenças judiciais.

O jornalismo brasileiro não prioriza a relação entre a política e o cidadão comum. As reportagens denotam uma prioridade absoluta das denúncias contra políticos em detrimento de investigações contra autoridades que lesam diretamente o cidadão, seja com roubalheira, incompetência ou descaso.

- ✓ A matéria de 1962 é a primeira premiada com característica de jornalismo político investigativo e a primeira publicada em série. Assinada pelo então 'foca'³⁸, José Gonçalves Fontes, a reportagem publicada no Jornal do Brasil não estabeleceu um padrão de valorização da cobertura investigativa do poder. Só 15 anos mais tarde uma nova série contra as delícias do poder seria premiada, inaugurando então uma nova fase para o jornalismo e para o Brasil.
- ✓ Das 15 matérias, todas denunciaram esquemas criminosos sediados em Brasília, Rio de Janeiro ou São Paulo, sendo que apenas seis não trataram de quadrilhas sediadas na capital do país. Com exceção da cobertura da morte de PC³⁹, nenhuma das reportagens exigiu grandes

³⁸ Apelido usado nas redações para os jornalistas iniciantes na profissão.

³⁹ Paulo Cesar Farias, o PC, foi tesoureiro da campanha presidencial do presidente Fernando Collor em 1989 e com a vitória de seu candidato, PC assumiu, mesmo sem cargo oficial, o papel de "intermediador

despesas com viagens, no máximo deslocamento de repórteres entre as três capitais.

O jornalismo investigativo é mais barato do que a reportagem social. São matérias da terra do leitor para a terra do leitor. Foram produzidas nas sedes ou grandes sucursais dos jornais e revistas, mobilizaram grandes equipes, mas não implicaram em longas aventuras pelo país. Não há viagem nem para o repórter nem para o leitor. Ele recebe um passaporte para uma leitura árida e numérica.

- ✓ Nenhuma, com exceção da cobertura do caso PC, ouve cidadãos comuns. O jornalismo investigativo não tem personagens. Tem denunciante, denunciado e uma moral. Ele é uma fábula (MOTTA, 2004). Não é feito de histórias como as reportagens sociais, onde personagens de origens diferentes se encontram e ajudam o leitor a formar uma idéia sobre um assunto.

A reportagem social é quase como uma obra aberta – a maneira de fechá-la depende de cada um. Já as fiscalizadoras do poder atormentam os meliantes, cobram justiça das autoridades, mas interagem menos com quem lê. Quando o leitor começa a leitura de uma denúncia já sabe que encontrará mais um caso de roubalheira, e que ao final, não importa qual roubalheira, a diferença estará em quem roubou e em como roubou.

OS HOMENS DE BENS DA ALERJ

Um levantamento inédito revela que 27 deputados do Rio aumentaram em mais de 100% seu patrimônio, de 1996 a 2001. A análise mostra que quase 80% dos parlamentares, que forneceram ao Tribunal Regional Eleitoral (TRE) pelo menos duas declarações de renda no período, tiveram algum crescimento nos bens, provando que, além de bons de voto, muitos são empresários bem-sucedidos.

Dezessepe deputados conseguiram a façanha de superar todos os outros investimentos do mercado no mesmo período. O levantamento faz parte de uma série de reportagens, iniciada hoje pelo GLOBO [...]

O líder do PMDB e um dos homens mais influentes do parlamento fluminense, o deputado Paulo Melo diz que o ingresso na política pesou a seu favor. “Ser notório dá credibilidade. Tenho certeza de que sou um bom deputado. Mas eu sou um empresário bem-sucedido” [...]

A série de reportagens mostrará, ao longo desta semana, que há deputados que afirmam não ter bens, mas usufruem de alto padrão de vida.

- ✓ Nas 15 reportagens que denunciam a corrupção política, as fotografias são apenas ilustrativas do texto. O texto comanda a leitura no jornalismo investigativo. As fotos no máximo são a prova do crime - casos das imagens de documentos, das fotos de fachadas de casas, de retratos de acusados. Na maioria das vezes, as fotografias apenas ilustram e referendam o que está escrito - o retrato de um acusado, a foto de um promotor. Em muitos casos, as fotos são feitas em contexto totalmente diferente da apuração do texto, e o editor apenas escolhe imagens que se encaixam com pessoas citadas nas matérias. Ou seja, as matérias que fiscalizam o poder prescindem da dupla repórter-fotógrafo, incorporada à imprensa brasileira na mesma época em que as grandes reportagens chegaram ao Brasil.

- ✓ Nenhuma das 15 matérias narra observações do repórter sobre uma cena testemunhada. Todas tratam do que o repórter não viu, mas que

conseguiu confirmar depois. Têm textos objetivos, explicativos e entrecortados por declarações de autoridades.

Há muitos *offs*, documentos comprobatórios. Todas ouviram o outro lado. A matéria de O Globo (no quadro abaixo) sobre falcatruas na Assembléia Legislativa é um bom exemplo. Tem texto seco, direto, com os dois lados da denúncia, fontes em *on* e em *off*, um calhamaço de documentos, nenhuma aspa do cidadão comum, frases secas, sem adjetivos, sem encantamento do leitor, porém com informações precisas.

A objetividade do texto, sua clareza e capacidade explicativa são características fundamentais para o jornalismo investigativo. Como as matérias revelam redes complexas de corrupção, o repórter tem que explicar didaticamente, o passo a passo da roubalheira. São textos comprobatórios, quanto mais claros, quanto mais didáticos, melhor para entender o caso.

- ✓ Nenhuma das matérias é escrita na primeira pessoa. O jornalismo investigativo não é um jornalismo de autor, no sentido da autoria do texto. A habilidade do repórter não é explicitada pela escrita, mas sim pela apuração. Ele não é um “quase escritor” como aquele do período da reportagem social. O jornalista investigativo é um “quase promotor” - ou na pior das hipóteses um "quase policial".
- ✓ Todas as 15 reportagens foram publicadas em série, foram manchetes ou ocuparam espaços importantes na primeira página e no restante do primeiro caderno. Todas tiveram repercussão nos outros veículos e, das 15, apenas duas foram de revista, a de 1992, na *Veja*, com a cobertura do esquema Collor-PC, e a de 2001, na *IstoÉ*, com a fraude no painel de votação no Senado. Há duas análises importantes nesse item: a primeira é de que há uma crise no mercado de revistas no

Brasil. Na última década, apenas um dos onze vencedores saiu de revista – da *IstoÉ*, em 2001.

Como já mostramos nos capítulos anteriores, as revistas, aqui e nos Estados Unidos, são as pioneiras da reportagem. O outro aspecto importante é que o jornalismo investigativo é um trabalho continuado, sequenciado, onde uma descoberta, gera muitas outras. Gera CPIS, escândalos, discursos, inquéritos. Daí porque a publicação em série.

- ✓ As fontes de todas as matérias são parecidas: autoridades com poder, sem poder, ou interessadas no poder. Algumas têm tanto interesse que entregam para o jornalista o trabalho quase pronto. Caso, da matéria de 1997, em que o jornalista da Folha recebeu as fitas que provavam fraudes na votação da emenda pela reeleição de FHC (quadro abaixo).

A partir de 1997, o jornalismo passa a usar gravações e dossiês como provas do crime”, mas jamais conta para o leitor como estes materiais chegaram em suas mãos, o que abre brechas para questionamentos éticos - ainda que isso não livre o erro do acusado. Um dos primeiros a levantar a voz sobre os problemas éticos desse tipo de reportagem foi o jornalista Alberto Dines que, classifica essa modalidade de jornalismo, como “jornalismo fiteiro” (DINNES, 1998):

“Levando-se em conta o significado geral do verbo reportar (contar, referir-se...) a matéria da Folha pode ser considerada reportagem. Mas na linguagem profissional, estrita, técnica, uma reportagem pressupõe a busca de informações sobre algo acontecido. Aqui deu-se o contrário, as informações foram buscar o jornal”

QUADRO 5

FONTE Folha de São Paulo: 13/5/1997

GOVERNADORES DO ACRE E AMAZONAS NEGOCIARAM PAGAMENTO A POLÍTICOS

Fernando Rodrigues (Da Sucursal de Brasília)

As conversas do deputado Ronivon Santiago sobre a votação da emenda da reeleição foram captadas ao longo de vários meses, em diversas oportunidades. Essas conversas ocorreram todas depois da votação do primeiro turno da emenda, em 28 de janeiro passado.

Segundo as gravações em posse da Folha, os governadores do Acre, Orleir Cameli (sem partido), e do Amazonas, Amazonino Mendes (PFL) foram os responsáveis pela compra dos votos de cinco deputados acreanos.

Para não despertar suspeitas, a pessoa que fez as gravações falou sobre assuntos variados. São conversas pessoais, que se arrastam às vezes por cerca de uma hora. Partes das gravações foram condensadas ou suprimidas. Isso foi feito porque a divulgação completa dos diálogos poderia permitir a identificação do interlocutor de Ronivon. A Folha vai preservar o nome do interlocutor de Ronivon. Ele está identificado como "SenhorX".

A reportagem teve acesso às fitas originais. As datas e as circunstâncias em que se deram esses diálogos não serão reveladas também para preservar a identidade da pessoa que se dispôs a fazer as gravações.

- ✓ Todas se transformaram em escândalo nacional e ocuparam a imprensa durante longo período, como o caso do mensalão denunciado por Roberto Jefferson. O jornalismo investigativo conferiu à imprensa credibilidade social e, em determinados momentos de inoperância das instituições governamentais, fez dos jornais um substituto das tarefas do Estado.
- ✓ Das 15 reportagens fiscalizadoras do poder que venceram o Esso, apenas uma foi publicada durante o regime militar, a de 1976, sobre as mordomias dos funcionários públicos. Doze delas são posteriores à campanha das Diretas, em 1984. E apenas uma é anterior ao golpe

– a matéria de 1962 sobre fraude eleitoral. Jornalismo investigativo só consegue ser feito sob a democracia. Ele é resultado da imprensa livre.

- ✓ Das 15 matérias, 14 são regidas pelo princípio da prova do crime. A única exceção é de 2005, uma entrevista pingue-pongue com o então deputado Roberto Jefferson, onde o ex-líder do governo Collor denunciava o chamado mensalão (leia trechos no quadro abaixo). Jefferson escolheu a Folha de São Paulo para falar. A Folha abriu seu microfone e Jefferson jogou uma bomba sobre o governo e iniciou a mais grave crise política da gestão Lula.

A jornalista Renata Lo Prete, editora do Painel da Folha, e responsável pelas primeiras matérias com Jefferson resistiu bravamente às vaias que recebeu quando subiu no palco da premiação do Esso de São Paulo. Muitos colegas não aceitavam que o principal prêmio de jornalismo fosse para um *pingue-pongue*⁴⁰ em que o entrevistado escolheu para quem, como iria falar e o quê iria falar⁴¹.

Renata argumenta que seu trabalho foi árduo e checkou boa parte dos dados informados por Jefferson. Independentemente da versão da jornalista, o caso Jefferson revela uma perigosa lógica: os critérios básicos de checagem, são minimizados em determinados casos, pelo impacto das denúncias. Em casos de pingue-pongue não há documentos, mas também não há *off*, o que garante aos jornais um resguardo jurídico, na medida em que a responsabilidade sobre as acusações fica inteiramente na boca do acusador.

⁴⁰ Termo jornalístico para as entrevistas de pergunta e resposta

⁴¹ A própria jornalista revelou os bastidores de sua entrevista e contou que o primeiro contato foi feito pelo ex-deputado Roberto Jefferson

CONTEI A LULA DO 'MENSALÃO', DIZ DEPUTADO

Em sua entrevista à Folha, Roberto Jefferson afirma que levou a questão do "mensalão" a vários ministros do governo Lula e ao próprio presidente. Ele acredita que a prática só foi interrompida após Lula ser informado por ele, o que teria acontecido em duas conversas no princípio deste ano. (RENATA LO PRETE)

Folha - A quem no governo o sr. denunciou a situação?

Jefferson – Fui ao ministro Zé Dirceu, ainda no início de 2004, e contei: "Está havendo essa história de mensalão. Alguns deputados do PTB estão me cobrando. E eu não vou pegar. Não tem jeito". O Zé deu um soco na mesa: "O Delúbio está errado. Isso não pode acontecer. Eu falei para não fazer". Eu pensei: vai acabar. Mas continuou.

Folha – E a quem mais ?

Fui informando a todos do governo a respeito do "mensalão" [...] No princípio deste ano, em duas conversas com o presidente Lula, na presença do ministro Walfrido, do líder Arlindo Chinaglia, do ministro Aldo Rebelo, do ministro José Dirceu, eu disse ao presidente: "Presidente, o Delúbio vai botar uma dinamite na sua cadeira. Ele continua dando 'mensalão' aos deputados". "Que 'mensalão'?", perguntou o presidente. Aí eu expliquei ao presidente

Folha - Qual foi a reação dele?

O presidente Lula chorou.

Folha: Isso não existia também no governo passado?

Jefferson - Nunca aconteceu. Eu tenho 23 anos de mandato. Nunca antes ouvi dizer que houvesse repasse mensal para deputados federais por parte de membros do partido do governo.

Tabela 4: Reportagem fiscalizadora do Estado. Enfoque nos bastidores da política

Ano	Título da matéria	Veículo
1958	Morte em Alagoas	Correio da Manhã
1970	113 dias de angústia: impedimento e morte de um presidente	O Globo
1978	Fala Figueiredo	Folha de SP
1990	Candidatura de Silvio Santos	Jornal do Brasil
		Total 4

ANÁLISE DOS DADOS - TABELA 4

- ✓ As quatro matérias contam bastidores da política. O cotidiano do jornalismo político brasileiro se resume a cobrir as ações e articulações do governo e da oposição no Legislativo e no Executivo. Mas as vencedoras do Esso vão muito além disso. Relatam detalhes dos bastidores. *Fala Figueiredo* é uma entrevista pingue-pongue, onde os jornalistas conseguem mostrar um João Batista muito diferente da imagem que havia do então candidato oficial à sucessão de Geisel. A Folha publicou a entrevista nos dias 5 e 6 de abril de 1978, e surpreendentemente, os dois jornalistas “apertaram” Figueiredo com perguntas muito mais ousadas do que muitas entrevistas pingue-pongue, publicadas mais tarde, sob o signo da democracia.

- ✓ A primeira matéria premiada sobre a ditadura foi publicada em 78, já nos últimos suspiros do regime. É um pingue-pongue com o general Figueiredo, portanto autorizado por ele, na época candidato do governo à presidência: ditaduras não combinam com reportagens que fiscalizam os bastidores do poder.
- ✓ As quatro matérias foram publicadas em jornais, ocuparam páginas nobres do primeiro caderno e preencheram um espaço razoável da edição. Das quatro, duas tiveram viagens. As fontes das quatro são autoridades em *on* e em *off*. Nas quatro não aparecem brasileiros comuns. A fotografia é apenas ilustrativa. Das quatro, duas foram publicadas em formato de série. Não há um padrão de tempo da apuração nesse tipo de matéria - a de Carlos Chagas foi apurada em 113 dias. A de Márcio Moreira Alves em menos de 9 horas. As matérias que fiscalizam o poder e aquelas que fiscalizam os bastidores do poder têm processos de produção diferenciados, mas o custo financeiro das duas não é alto.
- ✓ Os jornalistas são personagens de duas das quatro premiadas, a de 58 e a 70, de Carlos Chagas. A de 58 tinha apenas 20 linhas e era um despacho telegráfico assinado por Márcio Moreira Alves (quadro abaixo).

QUADRO 7

FONTE: Correio da Manhã (13/9/57)

URGENTE ! URGENTE ! URGENTE

Maceió, 13 de setembro de 1957 (do enviado especial do Correio da manhã.

Márcio Alves)

Cheguei às 6 da manhã de hoje...As 15h10, deputados situacionistas subiram a escadaria vestindo capas, sob as quais portavam, metralhadoras. Nenhuma palavra chegou a ser trocada. Os deputados da situação abriram fogo a esmo. Vários feridos. Impossível dizer quantos porque figuro entre eles. De relance vi um deputado de terno escuro, de óculos, empunhando metralhadora, senti dor na perna e caí... Fratura de fêmur. Estado geral bom [

Márcio Moreira Alves noticiava um tiroteio na Câmara Legislativa de Alagoas durante a votação do impeachment do governador de Alagoas. Uma bala atingiu Marcito na coxa e outra matou o sogro do chefe do executivo alagoano. Mesmo sangrando, o jornalista mandou seu trabalho para o Correio da Manhã (leia o telex premiado de Marcito no quadro abaixo). O prêmio de 1958 é um caso típico da premiação de uma notícia e não de uma reportagem propriamente dita. Não pelo tamanho nem pelo formato. Mas pelas condições de produção e pelo compromisso com o ineditismo.

Carlos Castello Branco, o Castelinho, foi relator da comissão julgadora daquele ano, votou no trabalho de Marcito e, 22 anos depois, escreveu artigo *Visão e Coragem do Repórter que é Notícia* (in LUZ, 1980, p. 32) sobre o Esso de 1958: “Tratava-se de um relato sucinto e preciso. Márcio fora ferido numa das coxas, mas mesmo nessa situação não lhe faltaram a coragem e a visão da cena em que se envolvera como repórter e como testemunha”.

A vencedora de 1970 revela a agonia dos últimos dias de Costa e Silva na presidência e foi escrita por seu porta-voz, o jornalista e professor Carlos Chagas. Ao todo foram 20 matérias publicadas no Globo em formato de série. O primeiro capítulo, no dia 7 de janeiro de 1970 começa com uma sinceridade acachapante sobre os limites do jornalismo.

Escreve Chagas: “Jamais haverá uma única verdade. Cada fato acontece uma vez, apenas. Quando está acontecendo, é a verdade integral no tempo presente [...] Este relato dos acontecimentos verificados entre 27 de agosto (sempre agosto) e 17 de dezembro de 1969 será incompleto. Existirão mil outras verdades para serem relatadas. Superpostas e entrelaçadas à minha” .

Tabela . 5 Fiscais do Poder. Bastidores do poder (enfoque no passado)

Ano	Título da matéria	Veículo
1979	O seqüestro dos uruguaiois	Veja
1980	Dossiê Nuclear	Jornal de Brasília
1981	Bombas no Riocentro	Jornal do Brasil
1983	O caso Baumgarten	Veja
1984	Cabo Anselmo conta tudo	IstoÉ
1996	Guerrilha no Araguaia	O Globo
TOTAL		6

ANÁLISE DOS DADOS - TABELA 5

- ✓ Todas as seis reportagens desmontam a versão governamental de episódios importantes da ditadura. A reportagem que fiscaliza os bastidores do poder com enfoque no passado tem valor de documento histórico porque oferece uma nova leitura sobre um determinado período.
- ✓ Entre 79 e 84, cinco vencedoras do Esso trataram do regime militar. É evidente que se trata de um ciclo temático. A concentração do tema ditadura no pódio do Esso de 79 a 85, coincide com o último quinquênio do regime militar, onde de um lado a censura já estava mais branda e do outro, a linha dura não se conformava em entregar o poder. Os prêmios apontam para uma tendência da imprensa em momentos de redemocratização. Depois de anos de censura, o jornalismo brasileiro precisava expiar/espionar (com X e com S) o que se passara nos bastidores do governo e que ele fora proibido de contar aos leitores.

- ✓ Todas as seis reportagens passaram por longas apurações antes da publicação. Quatro foram produzidas a partir de viagens, todas têm informações importantes em *off* e quatro delas estão amparadas em documentos históricos inéditos. Das seis, cinco narram detalhes e descrevem ambientes. Fotografia e texto fazem parceria em todas as matérias e as imagens cumprem papel revelador tal e qual o texto. Todas apresentam a versão das autoridades, mas também recorrem a personagens “sem poder”. A reportagem que fiscaliza os bastidores do poder com enfoque no passado tem características próximas às das reportagens sociais. É a versão social da cobertura política. As duas têm valor documental, texto narrativo casado com a fotografia, personagens que não são apenas autoridades.

- ✓ Todas as reportagens tratam do regime militar, mas foram publicadas quando a ditadura capengava. Das seis, quatro chegaram às páginas depois de 1980, quase 16 anos após o golpe. Jornalismo revelador não combina com ditadura.

- ✓ Das seis reportagens, três foram publicadas em revistas, sendo que duas na *Veja*. Hoje uma revista editorializada e conservadora, *Veja* foi das publicações mais corajosas durante a ditadura. Só nos dois primeiros anos do governo Geisel, 64 reportagens da revista foram censuradas, segundo informação da própria revista, em seu livro digital, *Memórias do Regime Militar*.⁴²

- ✓ A reportagem de 1979, o seqüestro dos uruguaios, assinada por Luiz Cláudio Cunha em parceria com o fotógrafo J. B. Scalco, parte de uma denúncia anônima e termina por revelar a parceria entre os serviços de informação do Brasil de outras ditaduras da região, fórmula que ficou

⁴² O Projeto Memórias do Regime Militar – Brasil de 1968 a 1985 nas páginas de *Veja* pode ser acessado por assinantes da revista, em seu site, www.veja.com.br, no link especiais.

conhecida como Operação Condor. O repórter que fiscaliza os bastidores do poder tem que ter fonte entre as autoridades, paciência nas investigações e credibilidade entre os leitores e os editores.

Se seguir esse caminho, o jornalista tem a enorme chance de experimentar o efeito multiplicador da informação - a cada matéria publicada, a investigação cresce graças às novas informações que vão chegando ao jornalista. Foi o que aconteceu com o jovem Luiz Cláudio Cunha em 1979, então chefe da sucursal da *Veja*, em Porto Alegre.

Na tarde de 17 de novembro, Luiz Cláudio Cunha estava fechando a edição de *Veja* com o resultado das eleições quando recebeu uma ligação anônima. O interlocutor lhe fornecia o endereço do cativeiro de militantes de esquerda uruguaiois seqüestrados por uma operação conjunta entre militares uruguaiois e brasileiros.

Luiz Cláudio foi atrás, encontrou o lugar, escreveu

uma longa série de matérias e acabou virando personagem de sua própria coragem.

Leia no quadro acima trechos da primeira reportagem, publicada na *Veja*, de 20 de dezembro de 1978. É um exemplo de como o repórter

QUADRO 8 FONTE: *Veja*, 20/12/7878

MAIS PERTO DA VERDADE

... Antes de desligar, a voz do homem ao telefone, que dizia estar em São Paulo, recusou-se a fornecer a identidade... Eram 11 horas da manhã de 17 de novembro último... Às 16 horas, em companhia do fotógrafo J.B. Scalco saí para checar a informação.

Batemos à porta do apartamento 110 que foi aberta apenas alguns centímetros. Surgiu então o rosto de uma moça morena, de cabelos escorridos e enormes olhos negros. ..

Perguntei se ela era LÍlian e, diante da resposta afirmativa, disse-lhe que havia recebido um telefonema de São Paulo e queria saber se estava tudo bem. Antes que pudesse responder, LÍlian saiu de cena e a porta foi escancarada para duas pistolas apontadas para nossas cabeças, bem entre os olhos.

pode carregar o leitor pelas mãos até a escuridão dos bastidores do poder.

Ao todo foram identificadas 25 reportagens fiscais do poder, sendo 15 fiscalizadoras dos poderosos e 10 dos bastidores do poder. Das 25, 12 são posteriores a 1990.

Tabela 6 Reportagens Internacionais

Ano	Título da Matéria	Veículo
1974	Volta ao Ponto de Partida	Jornal do Brasil
1991	Cobertura da Guerra do Golfo	Estadão
1993	Os Arquivos Secretos de Moscou	Estadão
Total		3

ANÁLISE DOS DADOS – TABELA 6

- ✓ Menos de 10% das reportagens vencedoras foram internacionais. Os poucos prêmios para as coberturas internacionais refletem mais do que uma tendência do Esso. Refletem a pouca importância que o jornalismo brasileiro dá aos temas internacionais, o que diferencia o Esso de seu inspirador *Pulitzer*. O prêmio americano costuma honrar o trabalho dos correspondentes internacionais, assim como o jornalismo americano prioriza a cobertura internacional.

Já os jornais brasileiros sequer investem em correspondentes e recheiam as editorias de Mundo com despachos de agências de notícias. As três matérias premiadas foram produzidas a partir de viagens e de longas apurações, tem fotorreportagens, personagens comuns e texto narrativo. As duas matérias em 1991 e 1993 foram assinadas pelo mesmo jornalista William Wack publicada no mesmo jornal, *O Estado de SP*.

A reportagem internacional é cara, boa e rara. Ela tem perfil parecido com a reportagem social e é fruto muito mais de uma teimosia do repórter do que de um investimento sistemático das empresas.

Tabela 7 Reportagens Culturais. Enfoque – Comportamento

Ano	Título da matéria	Veículo
1965	Os filhos proibidos (sobre a pílula)	Fatos & Fotos
1969	Psicanálise: remédio ou vício?	Última Hora (RJ)
1975	As drogas	Jornal do Brasil
1982	A geração abandonada	O Estado de S. Paulo
Total		4

ANÁLISE DOS DADOS – TABELA 7

- ✓ As quatro matérias foram publicadas em jornais e produzidas sem viagens, sem fotorreportagem, com tempo de apuração curto. Todas são entrecortadas por análises de especialistas, apresentam personagens comuns e não foram publicadas nos primeiros cadernos. As reportagens comportamentais, são baratas, podem ser bem escritas, podem ajudar ao leitor, mas também podem servir à picaretagem e a banalização de temas complexos. A fórmula *especialistas + personagens + matérias leves*, estourou no Brasil a partir dos anos 90 e ganhou a rubrica de qualidade de vida. O caso mais notório desse movimento é o da *Veja* e de seus capas sobre estética, saúde.
- ✓ As quatro matérias premiadas foram publicadas durante o regime militar, sendo que duas delas nos anos de endurecimento do regime. As matérias de comportamento coincidem com o endurecimento regime militar. Em 1969, por exemplo, a matéria premiada falava de psicanálise

e foi publicada na *Última Hora*, de Samuel Wainer, única empresa jornalística que em 1964 não fez coro com os golpistas. O autor, Luís Edgar de Andrade, ex-presos político ao receber o prêmio no Hotel Glória, no Rio, subiu ao palco e denunciou a tortura que testemunhou na cadeia.

✓ Samuel Weiner⁴³ pautou pessoalmente *Psicanálise, Remédio ou Vício* .

Queria que o jornalista Luiz Edgar de Andrade revelasse que a criação de Freud não passava de um modismo picareta. O resultado da apuração, no entanto, saiu muito melhor do que a encomenda e revelou pela primeira vez na imprensa brasileira o que se passa com quem deita no divã (leia opinião de jurado do Esso sobre a reportagem, no quadro abaixo).

QUADRO 9

BARBA, DESEMPREGO E REPORTAGEM PREMIADA

Carlos Lemos (Jurado do Esso em 1969)

“Pode parecer estranho que, em 1969, a reportagem vencedora tenha sido sobre a psicanálise. Afinal, aquele foi ano em que estourou a guerrilha urbana no Brasil e se instalou a tortura. Pode parecer, mas não é. A ditadura que nos oprimiu de 1964 a 1978 soube usar brilhantemente contra nós essa arma incrível que é a censura [...] No mínimo, a vitória da reportagem mostra que quando lhe permitem, ainda existem jornalistas capazes de fazer um excelente trabalho [...] De todas as manifestações jornalísticas que nos entusiasma, nenhuma é melhor do que a reportagem. É na reportagem que o jornalismo é mais nobre, mais fascinante, mais sofrido, mais difícil, mais importante.”

* FONTE: Integra do Artigo está publicada em *25 anos de imprensa no Brasil*, Rio de Janeiro, Esso, 1980.

⁴³ A história é contada em *Minha Razão de Viver*, biografia, recém reeditada com organização do jornalista jornalista Augusto Nunes

- ✓ A matéria Psicanálise, Remédio ou Vício, publicada na *Última Hora* em 1969, ano de implementação do A1-5 decretado em dezembro de 68, é mais do que um para “não dizer que não falei de flores” em meio à crise política nacional. Luiz Edgar de Andrade demorou três meses para apurar seu trabalho, se disfarçou de paciente, gravou consultas e por fim entendeu que o charlatanismo estava na cabeça de quem não admitia a importância de cuidar da cabeça.

Tabela 8 Reportagens Esportivas

Ano	Título da matéria	Veículo
1967	O Futebol brasileiro ... da fome à fama	Jornal do Brasil
1968	Juiz, ladrão e herói	O Estado de S. Paulo
		Total 2

ANÁLISE DOS DADOS – TABELA 8

- ✓ O texto da reportagem de 1967 é uma obra-prima e revela a luta vã de milhares de atletas que sonham com a glória nos gramados, mas que, apesar do talento, acabam condenados por suas origens sociais. Foi assinada por João Máximo e publicada no *Jornal do Brasil* em 30 de agosto de 1967 (trechos ao lado). A de 68 desvendava uma quadrilha formada por juizes de futebol que favoreciam determinados clubes durante os jogos em troca de dinheiro.

As duas reportagens esportivas são reportagens sociais, e mostram uma realidade que vai muito além do espetáculo esportivo.

- ✓ As duas reportagens premiadas foram publicadas na fase negra da ditadura militar. Como nas matérias culturais e sociais premiadas nos anos de chumbo, os jornalistas esportivos também buscavam uma forma de driblar a censura e dizer que nem tudo ia bem no governo dos generais.

QUADRO 10 Fonte:Jornal do Brasil, 30/8/1967

**FUTEBOL BRASILEIRO: O LONGO
CAMINHO DA FOME À FAMA**

João Máximo

Um jovem jogador, conhecido por Ivã Pelé, morre com os pulmões minados, sem realizar o sonho de craque, mas Hidelrado Luis Belini ergue uma taça de ouro, criando para o mundo a imagem olímpica do atleta brasileiro.

Entre um e outro está o caminho, longo, que separa a fome da fama, mas a eterna fantasia do futebol fez cair no esquecimento o fim trágico do primeiro e perpetua numa estátua de bronze a pose heróica do segundo. A questão é saber qual dos dois reflete a realidade.

FONTE: Jornal do Brasil

Tabela 9. Reportagens Policiais

Ano	Título da matéria	Veículo
1977	Assassinato de Cláudia Lessin Rodrigues	Veja
1985	O assassinato do jornalista Mário Eugênio	Correio Braziliense
Total		2

Análise dos Dados – Tabela Polícia

- ✓ Todas as reportagens policiais que venceram o Esso trataram de crimes que ganharam repercussão nacional e partiram de uma cobertura diária sistemática. São matérias publicadas nas editorias de cidades, sem viagem, sem custo alto e com parceria entre o texto e as fotos. Os textos combinam descrições, personagens comuns, autoridades e documentos.

Tabela 10 Reportagens Econômicas

Ano	Título da matéria	Veículo
1986	O Plano Cruzado	Folha de S. Paulo

Análise dos Dados – Tabela Economia

- ✓ Apesar do espaço privilegiado que a editoria de economia ocupa nos jornais, só uma matéria econômica ganhou o Esso. Foi uma série de matérias assinada por Luis Nassif, sobre os bastidores do Plano Cruzado e mistura ingredientes políticos com econômicos. As fotos são ilustrativas, há imagens de documentos e o texto segue o receituário tradicional, objetivo, recheado de declarações e com algumas revelações importantes para aquele momento do país, submerso na crise inflacionária. O texto de Nassif aponta erros nos cálculos da previdência privada e de financiamentos habitacionais. Revela

também que o governo Sarney preparava na surdina um decreto que inviabilizava a lei original do Cruzado.

O Esso tem uma categoria específica para reportagens econômicas e talvez por isso a falta de matérias sobre economia na categoria principal. O fato, no entanto, é que a cobertura econômica no país segue a mesma tendência do jornalismo político: muito gabinete e pouca rua (como, aliás, é a nossa política econômica).

Resultado Geral em Números

POR CATEGORIA

Categorias	Anos	TOTAL
Reportagem Social	56-57-59-60-61-63-64-71-72-73-89-95	12
Fiscalizadoras do Poder	58-62-70-76-78-79-80-81-83-84-87-88-90-92-94-96-97-98-99-00-01-02-03-04-05	25
Culturais	65-69-75-82	4
Internacionais	74-91-93	3
Esportivas	67-68	2
Econômicas	86	1
	TOTAL	49

POR ENFOQUE

Fiscalizadoras do Estado	Total
Fiscalização dos poderosos políticos 62 87 88 92 94 97 99 2000 01 04 05	11
Fiscalização de outros poderosos 76 98 2002 2003	4
Fiscalização dos bastidores da política (atualidade) 58 70 78 90	4
Fiscalização dos bastidores da política (passado) 79 80 81 83 84 96	6
PERÍODO – 1956 A 2005 (50 ANOS) TOTAL	25

POR TIPO DE VEÍCULO

Categorias	Anos	Total
Revistas	56-63-65-72-77-79-83-84-92-01	10
Jornais	57-58-59-60-61-62-64-67-68-69-70-71-73-74-75-76-78-80-81-82-85-86-87-88-89-90-91-93-94-95-96-97-98-99-2000-02-03-04-05	39
	TOTAL	49

POR VEÍCULO

Categorias	Anos	Total
Jornal do Brasil	90-89-81-75-74-67-64-62-61	9
Estadão	95-93-91-82-76-73-68-59	8
Globo	2004-2003-2002-98-96-94-70-57	8
Folha	2005-97-88-87-86-78-60	7
Veja	92-83-79-77	4
Isto é	2001-84	2
Correio Braziliense	2000-85	2
Cruzeiro	63-56	2
Realidade	72	2
Fatos & Fotos	65	1
Última Hora	69	1
Correio da Manhã	58	1
Jornal de Brasília	80	1
Jornal da Tarde	71	1
Total		49

ANÁLISE GLOBAL DOS RESULTADOS

- ❖ A reportagem social está concentrada nos 50-60-70.
- ❖ Cobrir o poder é uma preocupação típica do jornalismo contemporâneo. Nos últimos seis anos, cinco prêmios saíram dessa categoria;
- ❖ O mito de que reportagem de fôlego é um produto típico de revista porque o formato semanal permite maior tempo de apuração, não corresponde aos fatos. *Veja e Isto é* só subiram no pódio seis vezes, sendo que a *Veja* há cinco anos proíbe seus jornalistas de se inscreverem no Esso, sob o argumento de que o comitê de jurados privilegia acordos políticos entre os juízes representantes dos veículos em detrimento da qualidade dos trabalhos. A decisão ocorreu depois que a *Veja* perdeu dois anos seguidos, em 2001, para a *Isto É* e em 2002, para *O Globo*.

- ❖ Os jornais ganharam quase quatro vezes mais prêmios do que as revistas, o que significa que os jornais podem oferecer ao leitor reportagens aprofundadas, desde que se planejem para isso. As últimas cinco reportagens vencedoras implicaram planejamento e mobilização de equipes.
- ❖ Nos últimos 13 anos, há nove trabalhos de equipe ou assinados por três pessoas. Esta é outra tendência importante: o jornalismo contemporâneo não é um jornalismo de autor, como no passado. A primeira matéria de equipe é de 1976, antes no máximo uma dupla assinava o trabalho.
- ❖ O jornal mais premiado, o *Jornal do Brasil*, é hoje uma instituição semimorta. Seu último prêmio foi há 15 anos.
- ❖ *O Globo*, um dos mais antigos na lista dos premiados só passou a fazer “jornalismo investigativo” com a redemocratização - antes era um jornal com forte tom oficial.
- ❖ Todos os trabalhos premiados foram publicados em jornais e revistas sediados no Rio, São Paulo e Brasília. Não há um único ou jornal regional, com exceção dos três trabalhos em jornais localizados em Brasília – dois no *Correio Braziliense* e um no *JBr*;
- ❖ A imprensa brasileira premiada é formada por 14 veículos, num país com mais de 1100 jornais. Dos 14 jornais e revistas premiados, cinco desapareceram e um agoniza, o *Jornal do Brasil*.

PREMIOS REGIONAIS E OUTRAS CATEGORIAS DO ESSO

VENCEDORES REPORTAGENS FISCALIZADORAS DO PODER

Como podemos observar no quadro abaixo, premiar o jornalismo fiscalizador do Estado, tanto no que se refere à fiscalização dos poderosos como a dos bastidores do poder também é uma tendência do Esso entre os vitoriosos das outras categorias que não a principal - incluindo as regionais, onde estão os concentrados os jornais fora do eixo Rio- São Paulo – Brasília. Da mesma maneira que no prêmio principal, aqui o ciclo das reportagens investigativas sobre os poderosos é recente e começou em 1978

Podemos observar outro dado importante na premiação regional. A maioria absoluta dos premiados está em veículos das capitais dos estados, sendo que na regional sudeste, os mesmo jornais que vences a categoria principal disputam a regional.

Da mesma forma que nas vencedoras da categoria principal, as vitoriosas regionais priorizam denúncias contra políticos em detrimento de outras autoridades detentoras do poder. Há poucas reportagens que revelam bastidores políticos da atualidade e registramos uma concentração maior de matérias que revelam bastidores políticos do passado, com destaque para sucessivas vitórias de matérias da regional nordeste sobre momentos do regime militar.

A seguir, o quadro com as matérias que seguem a “tipologia” de Fiscalizadoras do Estado e que venceram o Esso em outras categorias do Esso que não a principal. A lista completa de todas as vitórias está nos anexos dessa dissertação:

MATÉRIA	VEÍCULO	CATEGORIA	
1978	O modelo que os empresários, políticos economistas sugerem ao sucessor de Geisel	Exame	Inf. Econômica
1982	Os 403 dias que abalaram o Império	Playboy	Inf. Econômica
1984	BNH favorece a Delfin O escândalo da Capemi Leite fraude SOS presidente Eleições de 82 Espíões no Planalto	Folha de S. Paulo Estadão Estadão Diário do Nordeste (Fortaleza) Jornal do Brasil Correio Braziliense	Reportagem Informação econômica Informação Científica Regional Nordeste Regional Sudeste Regional Centro-Oeste
1984	Diretas Já (assinada por Augusto Nunes) O escândalo BNCC Bomba brasileira, projeto para 1990 Os vinte anos do BNH Crise econômica X religião	Veja Estadão/J.Tarde Estadão/J.Tarde Jornal da Tarde Estado de Minas	Reportagem Informação econômica Informação Científica Regional Sudeste Regional Centro-Oeste
1985	Corrupção no Inamps Império em Ruínas Radiografia do serviço secreto Jari- O império do Dr Ludwig	Estadão Veja Folha de SP A Crítica (Manaus)	Reportagem Informação econômica Política Regional Norte

	Eis a indústria da corrupção (por Carlos Wagner)	Zero Hora	Regional Sul
1986	O dia em que Sarney derrubou a inflação Brasil lesado em 300 milhões de US\$ (Teod. Braga) O Grampo de Sempre Por trás da Invasão do Distrito Industrial	Playboy Jornal do Brasil IstoÉ O Liberal (Belém)	Reportagem Informação econômica Informação Política Regional Norte
1987	O escândalo da CEHAB	O Globo	Regional Sudeste
1988	Fuga de divisas chega da bilhões de dólares Arquivos secretos do SNI Fraude no DNER	Jornal do Brasil Jornal do Commercio (Rio) A Notícia (Joinville SC)	Inf econômica Inf política Reg Sul
1989	O caso BR Estão sumindo com o dinheiro do seu FGTS O Brasil na era nuclear O Grande Golpe (por Gt Dimenstein) 10 anos de anistia Greve dos metalúrgicos As fazendas do governador Caso Brescor – a fraude nos seguros	Estadão Jornal da Tarde O Globo Folha de SP Jornal do Commercio O Dia Estado de Minas A Noticia (Joinville SC)	Reportagem Inf econômica Inf científica Inf política Reg Nordeste Reg Sudeste Reg Centro-Oeste Regional Sul
1990	Tortura na Base Fraudes na conversão dos Cruzados Collor chega à praia Carros furtados são retidos por autoridades de GO	Veja O Globo Veja Jornal de Brasília	Reportagem Inf econômica Inf política Reg Centro-Oeste
1991	Segredo Revelado (romance de Zélia e Bernardo) Rosane Collor (LBA – série) Bandeira do Brasil hasteada em Roraima Prontuário do DOPS	Estadão Jornal do Brasil Gazeta de Roraima Diário de Pernambuco	Reportagem Informação Política Regional Norte Regional Nordeste
1992	A testemunha-chave (motorista de Collor) Exército: compra com preço superfaturado A república do pó Os arquivos da UnB	Istoé Jornal do Brasil Jornal do Brasil Jornal de Brasília	Reportagem Informação política Regional Sudeste Regional Centro-Oeste
1993	Corrupção na polícia do Rio Anatomia de uma licitação Esquema QG	O Globo Folha de SP Diário de Pernambuco	Reportagem Rep especializada Regional Nordeste
1994	Pernambuco no centro do golpe Helio Vigio fatura alto com sequestros Xenofobia na América	Jornal do Commercio (PE) Jornal do Brasil Zero Hora	Regional Nordeste Regional Sudeste Regional Sul
1995	Consultoria no Sebrae A turma do calote A bomba dos guararapes A mafia dos condomínios	O Globo Veja Jornal do Commercio (PE) Correio Braziliense	Reportagem Inf econômica Reg. Nordeste Reg. Centro-Oeste
1996	Conversas fulminantes Operações fantasmas minaram Nacional A máfia da terra Máfia da Aposentadoria Os 162 Carellis da polícia	Istoé Estadão Provincia do Pará O Povo (Fortaleza) O Dia	Reportagem Inf econômica Regional Norte Regional Nordeste Reg Sudeste
1997	O escândalo dos precatórios	Estadão	Inf econômica
1998	O relatório Americano (viagem de Clinton ao Brasil) A conta do Proer Irregularidades nas casas de bingo	O Globo Istoé Estado de Minas	Reportagem Inf econômica Reg Centro-Oeste
1999	Riocentro Queda de Gustavo Franco Documentos ligam diretor da PF a de tortura O preço da liberdade	O Globo O Globo O Povo (Fortaleza) O Dia	Reportagem Inf econômica Regional Nordeste Regional Sudeste
2000	Defesa aberta Arquivo secreto – mortes na FAB As quentinhas	Istoé O Povo (Fortaleza) O Globo	Inf econômica Regional Nordeste Regional Sudeste

	Estão saqueando os cofres do FAT	Correio Braziliense	Regional Centro-Oeste
2001	LBV – O império da Boa Vontade Sinal verde para o contrabando O negócio do verde O desmonte da Malha Nordeste Os papéis secretos do Exército	O Globo O Globo Exame J. Comercio Folha de SP	Reportagem Inf econômica Inf científica Regional Nordeste Reg. Sudeste
2002	Os salários dos deputados estaduais mineiros	Estado de Minas	Reg. Centro-oeste
2003	Morto sob custódia Grilagem em Brasília A impunidade dos senhores de escravos Grampos Ilegais na Bahia Guerrilha no Araguaia	O Dia C. Braziliense O Paraense (Belém) A Tarde (Salvador) Correio Braziliense	Reportagem Reg Centro-Oeste Regional Norte Regional Nordeste Reg. Centro-Oeste
2004	Presidente e diretor do BC esconderam da Receita bens no exterior	IstoÉ	Inf econômica
	Máfia dos Vampiros	Estado de Minas	Reg Centro-Oeste

16 Conclusão: Mais dúvidas do que certezas

Essa pesquisa consumiu dois anos de trabalho árduo. Nos últimos seis meses varei noites cavoucando documentos, folheando jornais e revistas amarelados, conversando com velhos e jovens jornalistas, tabulando dados e dormindo sobre o teclado. O esforço valeu a pena. Consegui formar uma convicção profunda de que a reportagem é o mais sofisticado dos gêneros jornalísticos, tanto do ponto de vista da produção quanto de sua narrativa. Também estou convicta de que sua natureza difere dos fundamentos conceituais da notícia.

Demarcar as diferenças entre notícia e reportagem é, para meu trabalho, muito mais do que uma discussão conceitual. Tentei mostrar, através de retrospectivas históricas, que notícia e reportagem foram se aproximando de uma tal forma que, o compromisso com o factual, com a velocidade, com a objetividade, com o espaço curto e o texto enxuto, características próprias da “hard news”, viraram tiranos do jornalismo contemporâneo e liquidaram com as raízes que fundamentam o processo de produção das reportagens.

A reportagem é o único momento em que o profano jornalismo encosta na historiografia e tem valor documental. Daqui a 100 anos, se algum estudioso abrir o jornal de hoje e ler uma notícia sobre um trágico atropelamento na principal via do Distrito Federal ou se deter sobre a página de economia com a decisão do Conselho de Política Monetária em baixar a taxa de juros não conseguirá entender nem o caos urbano da capital do Brasil e muito menos conseguirá formar um retrato razoável da perversidade da política econômica.

Tampouco se esse leitor abrir a *Folha de São Paulo* com a entrevista de Roberto Jefferson ou *O Globo* com a matéria sobre o enriquecimento de parlamentares cariocas -ambas reportagens vencedoras do Esso e catalogadas em minha dissertação como

reportagens fiscalizadores dos poderosos – dificilmente formará um retrato da corrupção no Brasil.

Em compensação, quem quiser entender a problemática da Amazônia, os dramas da migração, o sofrimento da loucura, os medos de quem mora nas ruas, o levante comunista de 1935 terá nas reportagens sociais e internacionais vencedoras do Esso excelentes fontes de trabalho.

Outro ponto que está claro após a pesquisa de campo é que fazer reportagem é também uma opção ideológica. É o lugar dos que não têm voz e da denúncia sobre os deslizes daqueles que têm voz. Os que têm voz estão nas entrevistas ping-pongue, pergunta e resposta. Reportagem é o lugar dos anônimos. Mas, o reportariado moderno parece não ter ouvidos para os anônimos, aprendeu que fonte é gente que tem cargo e que o auge da profissão é ser repórter de gabinete ou editor de repórter de gabinete

Para os teimosos que insistem em farejar histórias há um único consolo, o jornalismo investigativo, filho caçula da reportagem, mas ainda engatinhando em dilemas éticos e, por vezes, confuso entre jornalismo e escândalo – não são raros os casos de fitas e relatórios secretos que chegam às redações em discutíveis atalhos. Ainda que cumpra importante papel de fiscalização do poder público, são textos de leitura indigesta.

Essa pesquisa não esgota os fundamentos da a agonia da reportagem, narrativa, mas já aponta para uma conjunção de fatores verificados durante a pesquisa:

Mudança do perfil do profissional, antes formado numa escola que prezava as letras e que hoje preza o diploma e a estabilidade no emprego;

Obsessão pela objetividade, pelos métodos de checagem e pelo texto direto, curto e simples;

Desprezo pela principal fonte do jornalista. Ele próprio, seus olhos e seus ouvidos. As fontes prioritárias se tornaram as autoridades, as declarações, a internet, os documentos;

A redução do espaço editorial a partir dos anos 80, sob os ditames do *USA Today*.

O calvário da grande reportagem, portanto, tem quatro dimensões: o de corte no tempo de apuração, o de redução de espaço editorial, o de economia orçamentária e o de empobrecimento do texto. Minha dissertação tentou dissecar os estágios desta crise a partir da pesquisa das matérias vencedoras do principal jornalístico do país, O Esso, desde sua criação, em 1956 até 2005.

Montamos um quadro para categorizar tipos de reportagens a partir de critérios de apuração e de publicação. Chegamos a sete categorias: sociais, fiscalizadoras do poder, internacionais, culturais, esportivas, policiais e econômicas. Verificamos uma forte tendência a priorizar a fiscalização do poder em detrimento das outros tipos de matérias, em particular a reportagem social, por definição aquela com narrativas mais ricas, multiplicidade de fontes, diversidade temática e longa e custosas apurações.

A última reportagem social que venceu o Esso foi em 1989. Tratava do assassinato de Chico Mendes e foi assinada por Zuenir Ventura, no Jornal do Brasil, com texto que virou livro, e que carrega o leitor para o faroeste amazônico, o Acre, com suas guerras pela terra, e com seus amores pela floresta. Leituras assim sumiram da imprensa e dos pódios.

De 1995 a 2005, de onze vitoriosos 10 ganharam com matérias com um único mesmo tema: corrupção e descaso dos poderosos com suas diversas esferas no Legislativo, no Executivo e no Judiciário, e concentrada em São Paulo, Rio e Brasília.

Os textos obedecem sempre a mesma fórmula: objetividade, poucos adjetivos, checagem exaustiva, muito *off* e farta documentação comprobatória. É uma leitura sem viagem, um passaporte para o desencanto, num mundo sem heróis e comandado por bandidos.

Grandes reportagens pressupõem apurações demoradas, espaço de publicação generoso, orçamento farto e riqueza de texto. Um quarteto de pressupostos que em menos de três décadas foram banidos gradativamente das redações. Primeiro, tomaram o tempo e o espaço das reportagens. O tempo de apuração e o espaço de publicação.

Diziam os “*especialistas reformuladores de jornais*”⁴⁴ que o mundo contemporâneo não combina com textos longos, que o leitor é um sujeito apressado, sem tempo para demoradas leituras e que o melhor seria oferecer –lhe um *fast-food* da informação, com notícias políticas, econômicas e amenidades “úteis” para o dia a dia da platéia.

A reportagem resistiu, esperançosa de que as novidades tecnológicas iriam livrar o leitor e o jornalista da ditadura das horas e redimir a jóia do ofício – triste ilusão. Os prazos de fechamento e os espaços editoriais ficaram ainda mais rígidos e ainda mais conectados com o caixa das empresas.

Segundo, cortaram as pernas e o orçamento das reportagens. Substituíram os salários dos repórteres experientes pelo deslumbramento barato dos estagiários. Os jornalistas trocaram as viagens pelos telefones, a sola do sapato pelo *Google*, a rua pela redação. Por fim, e como resultado de todos os fatores acima, veio o golpe mais duro e atingiu as entranhas das grandes reportagens. Seqüestraram-lhe o que lhe era mais caro, o verbo, a palavra. O texto jornalístico foi perdendo a tessitura até que virou um “big mac diário de informações” (FUSER, 1996).

Este jeito de narrar, de contar uma história detalhadamente, exaustivamente, apresentando o tema com multiplicidade de vozes, não é só um recurso de narrativa. É da natureza da reportagem, desde a sua apuração, e ajuda ao leitor construir um imaginário muito mais rico do que o texto seco das matérias entulhadas de números e declarações, porém vazias de histórias. O que permite construir uma imagem mais rica e real sobre o cotidiano dos nordestinos: as reportagens sobre o pau-de-arara nos anos 50 ou as denúncias atuais sobre os cortes orçamentários para o Nordeste, em que o leitor termina atordoado de números, mas não consegue construir um único olhar de um sertanejo?

Considero que, se há algo de novo em meu trabalho, é justamente o exame das tendências na reportagem brasileira e sua mutação no tempo, desde as mudanças no processo de produção até as transformações na publicação. Mas ainda tenho muitas

⁴⁴ Grupo de executivos que, a partir dos anos 80, se especializou em reformar graficamente os jornais e revistas usando o argumento de que os novos tempos midiáticos demandavam novos jornais e que se as redações não se adaptasse a essa nova era a imprensa escrita estaria fadada ao fracasso num futuro breve. Uma das principais vertentes dessa linha é a chamada Universidade de Navarra, na Espanha, e que prestou consultoria a diversos jornais brasileiros.

dúvidas em mente. A maior delas é como demonstrar com critérios objetivos o empobrecimento da narrativa nas grandes matérias.

Por fim, espero que minha dissertação abra caminho para novas investigações de cunho historiográfico e narrativo sobre as grandes reportagens no país. Há lacunas imensas nessa área tanto no que diz respeito ao resgate histórico das grandes coberturas como no entendimento sobre as especificidades desse gênero jornalístico, tanto do ponto de vista da narrativa quanto da apuração.

Considero também que os dados aqui apresentados podem contribuir para alertar a academia e as redações para repensarem a importância desse esquecido e fascinante gênero jornalístico chamado reportagem. Se, nessa empreitada universidades e redações desistirem do duelo silencioso e emburrecedor (para ambas) que costumam travar farão muito mais do que aliviar a crise da reportagem. Ajudarão a qualificar a informação requisita fundamental para o amadurecimento e a humanização da democracia.

Minha pesquisa não parou. Espero seguir dividida entre campus e redação para ajudar aliviar a agonia da reportagem no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Claudio. *A Regra do Jogo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.
- ALENCAR, José Roberto de. *Sorte e arte - Como foram feitas algumas reportagens que você leu*. São Paulo, Edicon, 1993.
- ALTMAN, Fábio (org.). *A arte da entrevista*. São Paulo, Scritta, 1995.
- AMARAL, Luiz. *A objetividade Jornalística*. Porto Alegre.,Sagra, 1996.
- ARBEX JR. ,José. *A notícia como espetáculo*. São Paulo, Casa Amarela, 2001.
- AZEVEDO FILHO, Carlos Alberto Farias de. *João Antônio - Repórter de "Realidade"*. João Pessoa, Idéia, 2002.
- BARCELLOS, Caco. *Abusado*. Rio de Janeiro, Record, 2002.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Edições 70, 1977.
- BAUER, Martin e GASKELL, George (orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. Petrópolis. Vozes, 2004 (3ª. ed.), p. 17-36. .
- BELOCH, Israel; FAGUNDES, Laura (org). *Uma história escrita por vencedores*. Rio de Janeiro, Memória Brasil, 2006.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas II: Rua de Mão Única*. 5ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1995.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 24ª ed. Petrópolis, Vozes, 2004.
- BERNAL, Sebastião e CHILLÓN, Luís Alberto. *Periodismo Informativo de Creación*. Barcelona, Mitre, 1985.

- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- BRAGA, José Luiz. *O Pasquim e os anos 70*. Brasília, Editora UnB, 1991.
- BRANCO, Carlos Castello. Visão e Coragem do Repórter que é Notícia. in: Luz, Olavo (org.). *25 anos de imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Esso, 1980.
- BUCCI, Bucci - *Sobre Ética e Imprensa*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- CAPOTE, Truman. *A sangue frio*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.
- CARVALHO, Luiz Maklouf. *Cobras Criadas - David Nasser e O Cruzeiro*. São Paulo, Senac, 2001.
- CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- CHAUÍ, Marilena. *Filosofia Moderna*. São Paulo. Editoria da USP, 2003
- COIMBRA, Oswaldo. *O texto da reportagem impressa*. São Paulo, Ática, 1993.
- COSTA, Cristiane. *Pena de Aluguel - Escritores Jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário Etimológico*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.
- CUNHA, Luís Cláudio. Como IstoÉ se tornou IstoEra. Observatório da Imprensa. 26/3/2006
- DANTAS, Audálio (Org). *Repórteres*. 2ª ed. São Paulo, Senac, 2004.
- DEMO, Pedro. *Vícios Metodológicos*. Brasília, Editora da UnB, 2003.
- DINES, Alberto. *Morte no paraíso - a tragédia de Stefan Zweig*. Rio de Janeiro, Rocco, 2004.
- DINES, Alberto. *O Papel do Jornal*. Rio de Janeiro, Artenova, 1974.

DINES, Alberto. *A mídia e o jornalismo fiteiro* (livro eletrônico). Observatório da Imprensa. 2004 (www.observatoriodaimprensa.com.br).

DORNELES, Carlos. *Deus é Inocente, a Imprensa Não*. Rio de Janeiro, Globo, 2002.

DUCH, Lluiz. *Antropologia da Vida Cotidiana*. Madrid, Troata, 2002

DUNCAN, Guilherme. Caminhando junto com as redações, in BELOCH, Israel; FAGUNDES, Laura (org). *Uma história escrita por vencedores*. Rio de Janeiro, Memória Brasil, 2006.

ESSO. *Premio Esso de Fotografia*. Esso, Rio de Janeiro, 1988.

FAERMAN, Marcos. *Com as mãos sujas de sangue*. São Paulo, Global, 1979.

FARO, J.S. Revista Realidade. *Tempo da Reportagem na Imprensa Brasileira*. AGE Editora, Porto Alegre, 1999.

FERRARI, Maria; SODRÉ, Muniz. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo, Summus, 1986

FIGUEIREDO, Wilson. Prêmio de 64 reflete conjuntura política, in: Luz, Olavo (org.). *25 anos de imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Esso, 1980.

FILHO, Adonias. Quando o repórter se aproxima do etnólogo in: Luz, Olavo (org), *25 anos de Imprensa no Brasil*, Rio de Janeiro, Esso, 1980.

FUSER, Igor (org.) . *A Arte da Reportagem*. São Paulo, Scritta, 1996.

GENTILLI, Victor. *Democracia de Massas. Jornalismo e Cidadania*. Porto Alegre, EDIPURS, 2005.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas em Pesquisa Social*. São Paulo, Atlas, 1994.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural na Esfera Pública*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2003.

HERSEY, John. *Hiroshima*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002

Jornal Unidade, ano 1, número 8. Sindicato dos Jornalistas Profissionais de São Paulo, março de 1976.

KAPUSCINSKI, Ryszard. *Los cínicos no sirven para este oficio: sobre el buen periodismo*. Barcelona, Anagrama, 2003.

KOVACH, Bill, e ROSENSTIEL, Tom. *Os elementos do jornalismo*. 2ª ed. São Paulo, Geração Editorial, 2004.

LAJE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro, Record, 2001.

_____. *Linguagem Jornalística*. 5ª ed. São Paulo, Ática, 1997.

_____. *Estrutura da Notícia*. 3ª ed. São Paulo, Ática, 1993.

LIMA, Edvaldo. *Páginas Ampliadas*. Tamboré, Manole, 2004

LIMA, Edvaldo Pereira. *O que é livro-reportagem*. São Paulo, Brasiliense, 1993.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo; Santos, MARIO VITOR (org.). *Manual de Redação da Folha de São Paulo*. São Paulo, Edifolha, 1996.

LLOSA, Mario Vargas. *Cartas a un joven novelista*. Madrid, Ariel/Planeta, 1997.

_____. *Historia de un Deicidio*. Barcelona, Barral Editores, 1971.

LUZ, Olavo (Org). *Prêmio Esso de Jornalismo, 25 anos de imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Esso, 1980.

MAYRINK, José Maria. *Vida de Repórter*. São Paulo, Editora Best Seller, 1992.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Ediciones Dominicales. Cuardenos Del taller de Periodismo*, v.1. Medellín, FNPI, 1999.

MARQUEZ, Gabriel García. *Como contar um conto*. São Paulo, Casa Jorge Editorial, 1995.

MARTINS, Eduardo (org) *Manual de Redação do Estadão*. São Paulo, Estado, 1995.

MARTINEZ, Tomás Eloy. *Periodismo y Narracion: Desafios para el Siglo XXI*. Conferência na Assembléia da SIP, em 26 de outubro de 1997, em Guadalajara, no México.

McPHEE, John. *The second John McPhee reader*. Nova York, Noonday, 1996.

MEDINA, Cremilda. *Notícia: um produto à venda*. São Paulo. Summus, 1978.

_____. *Narrativas a céu aberto: modos de ver e viver Brasília*. Brasília, UNB, 1998.

_____. Cremilda. *Povo e Personagem*. Canoas, Ulbra, 1996.

MELO, José Marques de *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*. Petrópolis, Vozes, 1985

MELO, José Marques de. *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*. Petrópolis, Vozes, 1985.

MERCADANTE, Luiz Fernando. *20 perfis e uma entrevista*. São Paulo, Siciliano, 1994.

MITCHELL, Joseph. *O segredo de Joe Gould*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

MORAES, Mário. A Saga do repórter na Fase Heróica da Profissão in: Luz, Olavo (org.). *25 anos de imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Esso, 1980.

MORAIS, Fernando *Chatô, O Rei do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994

MORAIS, Fernando. *Chatô, o rei do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

MOTTA, Gonzaga. *Teoria da Notícia e Imaginário- Realidade e Ficção*. Revista Comunicação e Espaço Público, , v. 1, n. IV. Editora da UnB, Brasília, 2001.

_____. (Org). *Imprensa e Poder*. Brasília, Editora da UnB, 2002.

_____. *Narratologia: Análise da Narrativa Jornalística*. Brasília, Casa das Musas, 2004.

NOBLAT, Ricardo. *A Arte de Fazer um Jornal Diário*. São Paulo, Contexto, 2002.

_____. *O que é ser jornalista*. Rio de Janeiro, Record, 2004.

ONAGA, Hideo. Repórter ainda é essencial, in: Luz, Olavo (org.). *25 anos de imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Esso, 1980.

PADILHA, Guimarães. Quando foi preciso não dar o prêmio maior, in: Luz, Olavo (org.). *25 anos de imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Esso, 1980.

QUEIROZ, Adolfo. *A TV de Papel*. ContraEdição, Revista de Comunicação, Brasília, Universidade de Brasília, 1990.

RAMONET, Ignácio. *A Tirania da Comunicação*. Petrópolis, Vozes, 1999.

REED, John. *Os dez dias que abalaram o mundo*. São Paulo, Ediouro, 2002.

REMNICK, David (orgs.). *Life stories - profiles from "The New Yorker"*. New York, Modern Library, 2001.

RESENDE, Otto Lara. *Gutenberg evoluiu mas vai vem, obrigado*, in: Luz, Olavo (org.). *25 anos de imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Esso, 1980.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

ROSS, Lillian. *Filme*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

SANTAMARIA, German. *Colombia Y otras sangres*. Bogotá, Planeta, 1987.

SABATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

SEABRA, Roberto. *Dois séculos de imprensa no Brasil*, in Motta, L.G (org). *Imprensa e Poder*. Brasília. Editora da UnB, 2002.

SILVEIRA, Joel. *A Milésima Noite da Avenida Paulista*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

SKIDMORE, Thomas. *Uma história do Brasil*. São Paulo, Paz e Terra, 1998.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo, Mauad, 1999

SQUARISI, Dad. *Manual de Redação e Estilo*. Brasília, Associados, 2005

TALESE, Gay e LOUNSBERRY, Barbara. *Writing creative nonfiction - the literature of reality*. New York, HarperCollins, 1996.

TALESE, Gay *O reino e o poder - uma história do "The New York Times"*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

_____. *A mulher do próximo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

_____. *Fama & anonimato*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

TRAQUINA, Nelson (org.) *Jornalismo: Questões, teorias, histórias*. Lisboa, Vega, 1999.

_____. *Teoria das Notícias: O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo, Unisinos, 2002

_____. *Teorias do Jornalismo*. v.1. *Porque as notícias são como são*. Florianópolis, Insular/UFSC, 2004.

_____. *Teorias do Jornalismo*. v. 2. *A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis, Insular/UFSC, 2005.

VENTURA, Zuenir. *Chico Mendes - crime e castigo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

_____. *Em país subdesenvolvido até os deuses têm vermes*, in: Luz, Olavo (org.). *25 anos de imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Esso, 1980.

VILAS BOAS, Sergio. *O estilo magazine*. São Paulo, Summus, 1996.

_____. *Biografias & biógrafos – jornalismo sobre personagens*. São Paulo, Summus, 2002.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa, Presença, 1995.

WOLFE, Tom. *Radical Chic: o novo jornalismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

ANEXO 1

Matérias Vencedoras do Esso

Categoria Prêmio Principal

A seguir, as reportagens vencedoras do Esso, com o autor, o local e o ano de publicação, o valor do prêmio e um rápido resumo do tema:

1956

UMA TRAGÉDIA BRASILEIRA: OS PAUS-DE-ARARA

Mário de Moraes e Ubiratan de Lemos

O CRUZEIRO

Cr\$ 50 mil

A saga dos fugitivos da seca do Nordeste, em busca de empregos e ilusões no Sul do País, é contada num impressionante relato dos repórteres que, durante 11 dias, viajaram incógnitos junto com 102 retirantes, num caminhão "pau-de-arara", por perigosas e esburacadas estradas, desde Salgueiro (Pernambuco) a Duque de Caxias (Baixada Fluminense).

1957

CEM DIAS NA FRONTEIRA DA LOUCURA

José Leal

O GLOBO

Cr\$ 50 mil

Dramática narrativa do repórter como interno numa clínica de tratamento de alcoólatras, editada em uma série de reportagens que, didaticamente, expõe a questão do confinamento da pessoa humana em comunidades controladas. O relato autobiográfico adquire o sentido de uma dolorosa confissão e se constituiu num libelo contra os abusos a que eram submetidos os pacientes.

1958

MORTE EM ALAGOAS

Márcio Moreira Alves

CORREIO DA MANHÃ

Cr\$ 100 mil + Viagem a NY

Durante a votação do "impeachment" do governador Muniz Falcão pela Assembléia Legislativa de Alagoas, em 1957, homens armados de metralhadoras interromperam os trabalhos com um intenso tiroteio. Ferido na coxa, o repórter, na cama do hospital, ainda conseguiu ditar para um médico o preciso relato de 18 linhas publicado no dia seguinte na primeira página do "Correio da Manhã".

1959

DIÁRIO DE UM FLAGELADO DAS SECAS

Rubens Rodrigues Dos Santos

O ESTADO DE S. PAULO

Cr\$ 100 mil + Viagem a NY

A realidade da grande seca de 1958 no Nordeste, contada numa série de reportagens que denunciou a exploração criminosa dos flagelados, o comércio de votos na região e o pouco interesse dos políticos em solucionar o problema. Para escrever seu diário e fazer as fotos, o repórter viveu como um flagelado, chegando a alistar-se na "frente de trabalho" que construía o então Açude Gargalheiras (RGN), uma das obras apontadas como exemplo da ineficácia no combate à seca.

1960

UM RIO DESAFIA O BRASIL

Mário Mazzei Guimarães

FOLHA DE S. PAULO

Cr\$ 150 mil + Viagem a NY

Ampla visão do Vale do Rio São Francisco, de suas potencialidades e de seus problemas sócio-político-geográficos, apresentada em 16 reportagens, sob um enfoque econômico, incomum na época em que foram escritas. Apesar de ter exigido muitos dias de viagem, nos mais diferentes meios de transporte disponíveis no Médio e Baixo São Francisco, o trabalho não envereda pelos aspectos folclóricos da região, guardando mais as características de um ensaio.

1961

ADOTE UMA CRIANÇA

Silvia Donato

JORNAL DO BRASIL

Cr\$ 150 mil + Viagem a NY

Uma campanha que se transformou em autêntico serviço social. A série de reportagens publicada de novembro de 1959 a março de 1960, derrubou barreiras e queimou etapas no processo de adoção, além de denunciar a indústria do orfanato, que recebia verbas oficiais e não cumpria a contrapartida de alimentar e vestir dignamente as crianças.

1962

FRAUDE ELEITORAL

José Gonçalves Fontes

JORNAL DO BRASIL

Diploma + Cr\$ 250 mil + Viagem a NY

Persistente trabalho investigativo, inicialmente publicado apenas nas páginas internas e sem muito destaque, a denúncia de fraude nas eleições legislativas de 1960, no Rio, cresceu em importância ao longo de 6 meses e alcançou repercussão nacional. Além de resultar na perda do mandato de um deputado fraudulentamente eleito, levou a Justiça Eleitoral a introduzir importantes modificações no processo de votação.

1963

GUAPÉ SERÁ APENAS UM RETRATO NA PAREDE

José Franco

O CRUZEIRO

Cr\$ 300 mil + Viagem a NY

A história do desaparecimento de uma pequena cidade do Sul de Minas, inundada pelas águas da barragem de Furnas, incluiu comovente relato do drama da população obrigada a abandonar seus lares, e antecipou impasses, choques e polêmicas que iriam fatalmente acontecer nos anos subsequentes, na medida em que a Nação intensificasse seu processo de desenvolvimento.

1964

CEM DIAS NA AMAZÔNIA DE NINGUÉM

Walter Firmo

JORNAL DO BRASIL

Cr\$ 500 mil + Viagem a NY

A Amazônia vista pelos olhos de um repórter-fotográfico, que revelou uma imagem real, muito diferente da que predominava nos livros didáticos e na versão oficial. Os problemas do Homem e da região, retratados com sensibilidade e com a premonição de que aquele cenário ainda persistiria por muito tempo.

1965

OS FILHOS PROIBIDOS

José Itamar de Freitas

FATOS & FOTOS

Cr\$ 1 milhão + Viagem a NY + US\$ 250

Escrita em capítulos, a reportagem constituiu-se em ampla abordagem sobre um assunto então polêmico mas de grande interesse popular: o uso da pílula anticoncepcional, que marcaria o início de uma revolução no comportamento da Humanidade.

1966

Prêmio Principal não foi concedido

1967

O FUTEBOL BRASILEIRO: O LONGO CAMINHO DA FOME À FAMA

João Máximo

JORNAL DO BRASIL

Cr\$ 4 mil + Viagem a NY + US\$ 250

O futebol brasileiro, até então freqüentemente exaltado através do espetáculo dos gramados e simbolizado pela figura olímpica do zagueiro Bellini erguendo a Taça do Mundo de 1958, teve exibida sua outra face. A reportagem investigou os males do subdesenvolvimento presentes na história mais ou menos comum de jogadores, quase todos oriundos de uma infância de miséria, e cujo caminho até a fama nem sempre pôde ser percorrido.

1968

JUIZ, LADRÃO E HERÓI

Vital Bataglia e Hedyl Valle Jr.

O ESTADO DE S. PAULO

Cr\$ 3 mil + Viagem a NY +US\$ 300

Um detalhado perfil da atividade de juiz de futebol é exibido numa série de sete reportagens contendo aspectos dolorosos e pitorescos do exercício da profissão. Cidades inteiras contra um só homem, subornos, verdadeiras guerras em cidades do interior, narrativas de jogos mal apitados e a visão que os cartolas têm dos árbitros, permitem concluir que a paixão clubística vai muito além dos estádios ao proclamar que "honesto ou não, o nome do juiz é ladrão".

1969

PSICANÁLISE: REMÉDIO OU VÍCIO?

Luís Edgar de Andrade

ÚLTIMA HORA (Rio de Janeiro)

Cr\$ 5 mil + Viagem a NY + US\$ 350

Numa época em que a psicanálise entrava na moda no Brasil, a reportagem fornece um quadro completo do tema, com a descrição de técnicas, entrevistas, depoimentos, pesquisa, testemunhos contra e a favor, além do testemunho pessoal do repórter. O título interrogativo revela bem o conteúdo da série que convida o leitor a julgar a técnica psicanalítica através de um texto leve, objetivo e fácil de ser entendido.

1970

113 DIAS DE ANGÚSTIA - IMPEDIMENTO E MORTE DE UM PRESIDENTE

Carlos Chagas

O GLOBO

Cr\$ 5 mil + Viagem a NY + US\$ 350

A série de 20 reportagens foi baseada no registro diário da atuação do então Presidente Costa e Silva, realizado pelo repórter que, na época, era o Secretário de Imprensa da Presidência da República. O texto relata os problemas enfrentados pelo ex-Presidente para redemocratizar o País e para convencer os militares da importância do Estado de Direito, dificuldades, querelas e diálogos reconstituídos por um espectador privilegiado e atento.

1971

RECEITA PARA SÃO PAULO

José Maria Mayrink e Ricardo Gontijo

JORNAL DA TARDE

Cr\$ 10 mil + Viagem aos EUA ou Europa + US\$ 350

Publicada em sete cadernos de quatro páginas cada um, a série de reportagens relacionava os mais diversos problemas da Capital paulista nas áreas de saúde, habitação, abastecimento, educação, cultura, bem-estar social, serviços públicos, circulação e transportes, uso do solo e máquina administrativa. Os dados foram coletados em entrevistas com diversos técnicos e personalidades da administração pública que, além de informações eram estimulados a sugerir soluções para os problemas apresentados.

1972

EDIÇÃO ESPECIAL SOBRE A AMAZÔNIA

Equipe da revista Realidade

REVISTA REALIDADE

Cr\$ 10 mil + Viagem aos EUA ou Europa + US\$ 500

Uma das mais completas descrições já feitas do universo amazônico, mobilizou 16 jornalistas em deslocamentos mata a dentro e visitas a mais de uma centena de cidades, num percurso maior que o de uma viagem à Lua. Da Amazônia, trouxeram 30 mil fotografias, incontáveis relatos e uma visão de contrastes onde 1,5 milhão de pessoas vivia uma existência de miséria sobre a riqueza mitológica do solo.

1973

EXPEDIÇÃO DE CONTACTAÇÃO DOS ÍNDIOS KRANHACARORE

José Marqueiz

O ESTADO DE S. PAULO

Cr\$ 15 mil + Viagem aos EUA ou Europa e Troféu Tucano de Ouro

O relato da expedição dos irmãos Vilas-Boas para contatar os índios kranhacarore culmina com uma emocionante descrição do encontro definitivo entre os sertanistas e os índios-gigantes: o medo dos fotógrafos, como o fogo foi usado para atraí-los, os presentes que receberam, os corpos atléticos dos silvícolas, os gestos de aproximação e os cânticos da tribo ouvidos pela primeira vez pelo homem branco.

1974

VOLTA AO PONTO DE PARTIDA

Humberto Borges

JORNAL DO BRASIL

Cr\$ 20 mil + Viagem aos EUA ou Europa e Troféu Tucano de Ouro

As aventuras de um repórter-navegador que se perde no Caribe, "túmulo de barcos e marujos incontáveis", e acaba atirado, após quatro dias de tempestade numa prisão da Cuba de Fidel Castro. A série de cinco capítulos descreve ainda os 36 dias de prisão à espera da solução do processo aberto para apurar se o repórter era realmente um náufrago, ou um perigoso inimigo do regime.

1975

AS DROGAS

Juarez Bahia

JORNAL DO BRASIL

Cr\$ 30 mil + Viagem aos EUA ou Europa e Troféu Tucano de Ouro

Um quadro assustador do desenvolvimento do mercado de drogas no País, sobretudo entre os adolescentes, já a partir dos 10-12 anos, é descrito na série de reportagens publicada entre 20 e 25 de julho de 1975. O texto exhibe um país ainda essencialmente consumidor, mas que começava já a ser utilizado também como entreposto e rota do tráfico internacional, antecipando as dimensões do drama que anos mais tarde se abateria sobre toda a sociedade brasileira.

1976

ASSIM VIVEM OS NOSSOS SUPERFUNCIONÁRIOS

Equipe do Jornal O Estado de S. Paulo

O ESTADO DE S. PAULO

Cr\$ 30 mil + viagem aos EUA ou Europa e troféu Tucano de Ouro

Regalias, vantagens, e abusos na concessão de benefícios a funcionários públicos e de empresas estatais foram minuciosamente investigados por uma equipe de 40 repórteres em todo o Brasil e denunciados numa série de 3 reportagens. A repercussão do trabalho popularizou a expressão "mordomia" rótulo utilizado pela burocracia para designar os privilégios concedidos a funcionários dos mais altos escalões da administração pública.

1977

ASSASSÍNIO DE CLÁUDIA LESSIN RODRIGUES

Valério Meinel e Amicucci Gallo

REVISTA VEJA

Cr\$ 30 mil + Viagem aos EUA ou Europa

Partindo de contradições e evidências detectadas ao longo de muitas investigações e entrevistas, a série de reportagens revela o nome dos principais suspeitos do assassinato de uma jovem de classe média no Rio e detalha a maneira provável como o crime foi cometido.

1978

EXCLUSIVO: FALA FIGUEIREDO

Getúlio Bittencourt e Haroldo Cerqueira Lima

FOLHA DE S. PAULO

Cr\$ 50 mil + Viagem aos EUA ou Europa

A paciente reconstituição de uma longa entrevista do general Figueiredo, à época candidato do regime à sucessão presidencial, e que proibia que suas palavras fossem gravadas ou anotadas, revelou à Nação o linguajar, as idéias e o temperamento do futuro Presidente, em tudo diferentes da propalada imagem oficial.

1979

O SEQÜESTRO DOS URUGUAIOS

Luiz Cláudio Cunha e J.B. Scalco

REVISTA VEJA

Diploma + Cr\$ 65 mil + Viagem aos EUA ou Europa

A partir de uma informação anônima, a reportagem confirma e reconstitui o seqüestro de dois cidadãos uruguaiois com a ativa participação de policiais brasileiros. Mais do que o seqüestro em si, a reportagem confirma a extensão dos acordos entre as polícias políticas dos países do chamado Cone Sul na perseguição e captura dos dissidentes das ditaduras ali implantadas.

1980

DOSSIÊ NUCLEAR

Jorge Oliveira

JORNAL DE BRASÍLIA

Diploma + Cr\$ 200 mil + Viagem aos EUA ou Europa

A divulgação de um documento secreto em que o antigo SNI relacionava representantes de setores da sociedade brasileira como opositores do Acordo Nuclear Brasil-Alemanha gerou indignação e sustentou uma campanha de 30 dias que culminou com uma CPI. Da "lista negra do Acordo Nuclear", como a relação passou a ser conhecida, constavam políticos de oposição, professores universitários, empresários e jornalistas, os quais eram constantemente vigiados e sofriam veladas restrições em suas atividades profissionais.

1981

BOMBAS NO RIOCENTRO

Equipe do Jornal do Brasil

JORNAL DO BRASIL

Diploma + Cr\$ 350 mil

A denúncia de que dois militares do Exército eram a um só tempo vítimas e autores numa tentativa de atentado à bomba aos espectadores de um show musical no pavilhão de exposições do RioCentro comoveu a Nação e revelou pela primeira vez a existência do "terrorismo oficial" entre os métodos de intimidação dos opositores do regime.

1982

A GERAÇÃO ABANDONADA

Luiz Fernando Emediato

O ESTADO DE S. PAULO

Diploma + Cr\$ 500 mil

O retrato do comportamento de uma parcela da juventude urbana, a partir de dados obtidos em entrevistas com jovens entre 15 e 24 anos de oito capitais brasileiras, revelou a passividade com que a maioria aceitava os seus ídolos, o elevado número dos que dependiam de droga, os problemas com sexo e as saídas buscadas por alguns na tentativa de recuperação.

1983

O CASO BAUMGARTEN

Francisco Vargas, Bella Stall, Norma Couri e Leda Beck

REVISTA VEJA

Diploma + Cr\$ 700 mil

O que parecia ser mais um caso doloroso de afogamento no mar, adquire conotações de verdadeira conspiração a partir da revelação de uma carta em que o jornalista Alexandre Von Baumgarten, acusa os principais chefes do Serviço Nacional de Informações pela sua morte. A hipótese ganha sustentação quando a autópsia mostra que o jornalista, ligado aos órgãos de segurança e informações, fora na verdade assassinado.

1984

CABO ANSELMO CONTA TUDO

Octávio Ribeiro

ISTO É

Diploma + Cr\$ 1.500 mil

As suspeitas de que o Cabo Anselmo, personagem constante de revoltas na Marinha nos primeiros anos da década de 60, fosse na verdade um agente encarregado de estimular seus companheiros a uma rebeldia inconseqüente, acabam confirmadas no depoimento do próprio militar que, no exílio a que se impusera, relata com detalhes os episódios de que participou.

1985

O ESQUADRÃO DA MORTE EM BRASÍLIA E O ASSASSINATO DO JORNALISTA MÁRIO EUGÊNIO

Equipe do jornal Correio Braziliense

CORREIO BRAZILIENSE

Diploma + Cr\$ 6 milhões

As denúncias de que policiais de Brasília integravam um grupo encarregado da execução de marginais, feitas pelo jornalista Mário Eugênio, acabariam por torná-lo também uma vítima. Coube a seus colegas do CORREIO BRAZILIENSE provar que os assassinos estavam entre os mesmos policiais que o jornalista denunciara em vida.

1986

O PLANO CRUZADO

Luiz Nassif

FOLHA DE S. PAULO

Diploma + Cz\$ 80 mil

A série de reportagens abordou diversos aspectos da edição do Plano Cruzado, identificando, inclusive, erros nos cálculos de conversão dos planos de previdência privada e financiamentos habitacionais. O ponto máximo da série foi a denúncia de uma sorrateira reedição do decreto que instituiu o Cruzado contendo alterações em relação ao Decreto original que permitiam a manutenção da legislação arcaica sobre a concordata e a liquidação extrajudicial. A publicação da denúncia obrigou o Governo a voltar atrás, mantendo o texto original do decreto.

1987

CONCORRÊNCIA DA FERROVIA NORTE-SUL FOI UMA FARSA

Jânio De Freitas

FOLHA DE S. PAULO

Diploma + Cz\$ 250 mil

Para provar a farsa, o jornalista fez publicar antecipadamente, de forma cifrada, entre os anúncios classificados, o resultado da concorrência destinada a escolher as empresas construtoras de diversos trechos da Ferrovia Norte-Sul, que só deveria ser conhecido quando da abertura dos envelopes contendo as propostas. A confirmação da informações contidas no anúncio, provou a existência de um acordo prévio entre as candidatas à execução da obra, que nada tinham de concorrentes.

1988

A LISTA DA FISILOGIA

Gilberto Dimenstein

FOLHA DE S. PAULO

Diploma + Cz\$ 500 mil

A série de reportagens que se prolongou por seis meses desmascarou o tráfico de influência envolvendo o Executivo e o Congresso através da distribuição de favores a parlamentares. Revelando dados sigilosos mantidos em computadores, o trabalho apontou as rotas dos recursos que saíam de Brasília para os mais remotos pontos do País, numa trilha que deixou a descoberto clientelismo, desperdício e corrupção. E mostrou que, sem mecanismos de transparência, o Orçamento estava indefeso diante de grupos de pressão que agiam pelas sombras, usando os mais variados artifícios.

1989

AS PISTAS PERDIDAS NO ACRE DE CHICO MENDES

Zuenir Ventura e Equipe

JORNAL DO BRASIL

Diploma + Cz\$ 60 mil

Resultado de quase dois meses de apuração, a série de nove reportagens revela um quadro de incompetência, desinteresse e cumplicidade das autoridades encarregadas de prender os assassinos do seringalista Chico Mendes, militante de organizações ecológicas e defensor da preservação da Amazônia, da qual era considerado um símbolo. As pistas levantadas pelo repórter contribuíram para que o processo admitisse novas evidências não descobertas pela investigação policial, como a presença de poderosos mandantes do crime.

1990

CANDIDATURA DE SÍLVIO SANTOS

Teodomiro Braga e Teresa Cardoso

JORNAL DO BRASIL

Diploma + Cr\$ 500 mil

Em sucessivas reportagens, os jornalistas narraram os bastidores da frustrada tentativa do animador e empresário de TV, Sílvio Santos, de lançar-se candidato à Presidência da República, praticamente às vésperas da eleição. As negociações, o ambiente político e a reação do Tribunal Superior Eleitoral, reagindo à manobra, são descritos passo a passo pelos repórteres que exibem toda a trama e seus principais personagens.

1991

COBERTURA DA GUERRA DO GOLFO

William Waack e Hélio Campos

O ESTADO DE S. PAULO

Diploma + Cr\$ 3 milhões

Insatisfeitos com as restrições impostas à cobertura da Guerra do Golfo pelos comandantes militares a serviço da ONU, os repórteres aproveitaram um momento de liberdade e iniciaram um longo percurso pelo deserto do Kwait rumo a Bagdá. Presos pelos soldados de Saddam Hussein, acompanharam de perto as batalhas pelo controle da cidade de Basra, de onde foram mais tarde libertados com alguns filmes e muitas lembranças que os permitiram reconstituir a aventura.

1992

COBERTURA DO CASO PC - COLLOR

Equipe da Revista Veja

REVISTA VEJA

Diploma + Cr\$ 75 milhões

As acusações de favorecimento e corrupção feitas pelo empresário Pedro Collor contra o seu irmão e então Presidente da República, Fernando Collor de Mello, publicadas na Revista Veja, marcaram o início de uma série denúncias envolvendo a figura do Presidente e de alguns de seus auxiliares mais diretos. A seqüência de reportagens da revista revela ainda que o gigantesco esquema de obtenção ilegal de fundos para garantir a eleição de Fernando Collor permaneceu em funcionamento durante o seu período de governo.

1993

OS ARQUIVOS SECRETOS DE MOSCOU

William Waack

O ESTADO DE S. PAULO

Diploma + Cr\$ 800 milhões

Publicado em caderno especial de 10 páginas, o trabalho, realizado a partir de extensa pesquisa nos arquivos da KGB, esclarece dúvidas históricas e revela detalhes até então desconhecidos da trajetória do comunismo no Brasil, como o financiamento pela União Soviética das ações de agentes e simpatizantes que culminaram nas insurreições de 1935 no Nordeste e no Rio de Janeiro.

1994

NILO AJUDOU BETINHO A RECEBER DOAÇÃO DE BICHEIRO

Agostinho Vieira, Elenilce Bottari e Edgard Arruda

O GLOBO

Diploma + R\$ 15 mil

A série de reportagens provocou um apaixonado debate sobre a necessidade de os gestos humanitários se circunscreverem aos limites da ética ao revelarem que o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, e o então Secretário de Polícia Civil, Nilo Batista, haviam intermediado uma doação de bicheiros para a ABIA - Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS.

1995

VIVER NAS RUAS DE SÃO PAULO

Rebeca Kritsch

O ESTADO DE S. PAULO

Diploma + R\$ 15 mil

Para realizar sua reportagem, Rebeca viveu cinco dias como uma sem-teto nas ruas de São Paulo. Durante esse período, aprendeu a mendigar, entrou no ramo da reciclagem de latas e se abrigou na vasta rede de auto-ajuda e solidariedade que os sem-teto estenderam pela cidade, constatando, que o povo das ruas tem que estar bêbado para enfrentar a vergonha de pedir.

1996

GUERRILHA NO ARAGUAIA

Aziz Filho, Amaury Ribeiro Jr., Adriana Barsotti, Consuelo Dieguez e Cid Benjamim
O GLOBO

Diploma + R\$ 15,5 mil

A partir de documentos obtidos junto a fontes militares e após extenso trabalho de jornalismo investigativo, a equipe do jornal O Globo reconstituiu a história da GUERRILHA DO ARAGUAIA. As reportagens abriram caminho para a descoberta de ossadas de alguns guerrilheiros em cemitérios clandestinos e também para que o Estado brasileiro assumisse a sua responsabilidade nos fatos, com o pagamento de indenizações às famílias.

1997

MERCADO DO VOTO

Fernando Rodrigues

FOLHA DE S. PAULO

Diploma + R\$ 20 mil

A série de reportagens intitulada MERCADO DE VOTO foi obtida a partir de gravações onde o deputado Ronivon Santiago confessa ter recebido R\$ 200 mil. As investigações acabaram envolvendo outros deputados, governadores e um Ministro de Estado, todos indicados nas gravações como integrantes do esquema destinado a garantir com propinas a passagem da emenda da reeleição no Congresso.

1998

TESTE DO GUARANÁ

Maria Elisa Alves, Rolland Gianotti e Equipe

O GLOBO

Diploma + R\$ 20 mil

MARIA ELISA ALVES, ROLLAND GIANOTTI e a equipe de O Globo denunciaram na série de reportagens intitulada TESTE DO GUARANÁ, que um grande número de laboratórios de análises clínicas estava despreparado para diferenciar um frasco de urina de um outro contendo guaraná. A confusão resultou na emissão de laudos absolutamente falsos por quatorze laboratórios de diversos pontos da cidade, o que desencadeou uma série de investigações da Vigilância Sanitária.

1999

CASO PC: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE AS MORTES DE PAULO CÉSAR FARIAS E SUZANA MARCOLINO

Mário Magalhães, Ari Cipola e Paulo Peixoto

FOLHA DE S. PAULO

Diploma + R\$ 20 mil

O trabalho vencedor consiste em uma série de reportagens que investigaram as mortes de Suzana Marcolino e Paulo César Farias, amigo e tesoureiro da campanha presidencial de Fernando Collor. A cobertura feita trouxe à tona novos e reveladores fatos, mudou o rumo do inquérito e fez com que o caso, que estava para ser arquivado

em maio, fosse reaberto em junho. Em novembro, a Polícia indiciou Augusto Farias e oito ex-funcionários de PC como co-autores do crime.

2000

CASO LUIZ ESTEVÃO

Antônio Vital e Equipe

CORREIO BRAZILIENSE

Diploma e R\$ 20.000,00

Meses de persistente e tenaz investigação por parte da equipe do CORREIO BRAZILIENSE em busca de irregularidades nas transações do Grupo OK, de propriedade do ex-senador Luiz Estevão, acabaram produzindo um dos mais veementes dossiês contra uma personalidade pública brasileira nos últimos anos. A investigação do jornal, somada a fatos levantados pelo Poder Legislativo, culminaram na cassação do senador por falta de decoro parlamentar, abrindo caminho para novas denúncias que continuam até hoje a freqüentar o noticiário da Imprensa.

2001

SENADORES ENVOLVIDOS NA FRAUDE DO PAINEL DE VOTAÇÃO DO SENADO

Andrei Meireles, Mino Pedrosa, Mário Simas Filho, Isabela Abdala, Sônia Filgueiras e Ricardo Miranda

ISTO É

Diploma e R\$ 20.000,00

A matéria revelava para uma nação estarrecida que o painel de votação do Senado Federal tinha sido violado para que fossem conhecidos os votos dos senadores no processo de cassação do mandato do ex-senador Luiz Estevão. A revelação constituiu o início de uma série de reportagens que tomou o título SENADORES ENVOLVIDOS NA FRAUDE DO PAINEL DE VOTAÇÃO DO SENADO, que culminou com a renúncia dos senadores Antônio Carlos Magalhães e José Roberto Arruda, acusados respectivamente de mandante e intermediário na ordem de violação do painel.

2002

SENTENÇAS SUSPEITAS

Chico Otávio, Bernardo de La Peña, Renato Garcia e Rodrigo Rangel

O GLOBO

Diploma e R\$ 30.000,00

Chico Otávio, Bernardo de La Peña e a equipe do jornal O GLOBO realizaram uma série de reportagens, intitulada SENTENÇAS SUSPEITAS, que mostra como juízes e advogados usam liminares para trancar ações e livrar os acusados da prisão, além de fornecer sentenças duvidosas em causas milionárias e participam de manobras processuais que desprezam a lei em favor de interesses privados, causando prejuízos aos cofres públicos.

2003

TRAFICANTES NOS QUARTÉIS

Antônio Werneck

O GLOBO

Diploma e R\$ 30.000,00

A partir da consulta a arquivos e processos no Ministério Público Militar, o jornalista ANTÔNIO WERNECK, do jornal O GLOBO, descobriu o quão freqüentes vêm sendo os desvios de armas e munições dos quartéis das Forças Armadas no Rio. A série de reportagens que se seguiu, intitulada TRAFICANTES NOS QUARTÉIS revela o envolvimento direto de militares nesses desvios e constata também, que armas, munição e granadas das Forças Armadas da Argentina estão em poder de criminosos nas favelas do Rio.

2004

OS HOMENS DE BENS DA ALERJ

Angelina Nunes, Alan Gripp, Carla Rocha, Dimmi Amora, Flávio Pessoa, Luiz Ernesto Magalhães e Maiá Menezes.

O GLOBO

Diploma e R\$ 30.000,00

Depois de investigar os bens acumulados pelos deputados do Rio no período de 1996 a 2001, a equipe de repórteres do jornal O GLOBO, revelou que 27 parlamentares tiveram aumento de mais de 100% em seus patrimônios. O levantamento apresentado na série de reportagens dos últimos anos passou longe do principal endereço político do Rio: o Palácio Tiradentes, sede da Assembléia Legislativa.

2005

DENÚNCIA DO MENSALÃO

Renata Lo Prete

FOLHA DE S. PAULO

Diploma e R\$ 30.000,00

O trabalho revela, a partir de entrevista com o então deputado Roberto Jefferson, um esquema de compra de votos na Câmara Federal para garantir a aprovação de projetos do Governo. A entrevista deflagrou uma série de investigações que provocaram o afastamento de ministros e de pessoas de influência no Governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, resultando na cassação do Deputado José Dirceu, seu ex-Chefe da Casa Civil.

Fonte: Arquivo do Prêmio Esso

ANEXO 2

OUTRAS CATEGORIAS DE PREMIADOS: REGIONAIS, ECONOMIA, REPORTAGEM E OUTROS

A seguir, as matérias que venceram o Esso fora da categoria principal. Não estão listadas as vencedoras nas categorias de esportes, fotojornalismo, de primeira página, de criação gráfica, além das menções honrosas e de categorias esporádicas, como informação cultural, prêmio de equipe e melhor contribuição à imprensa.

1957

Regional 1

BORRACHA: DINHEIRO, SANGUE E MISÉRIA
DIÁRIO DA TARDE(Manaus)

Regional 2

GARIMPO: CANAÃ DAS ILUSÕES
ESTADO DO PARANÁ

1958

Regional 1

A CIDADE DA ESPERANÇA
PROVÍNCIA DO PARÁ

1959

Regional 1

SECA, IRRIGAÇÃO, ACUDAGEM E PSICULTURA
O POVO (FORTALEZA)

Regional 2

O DRAMA DAS POPULAÇÕES MARGINAIS

DIÁRIO DE NOTÍCIAS (Porto Alegre)

Regional 3

CENTRAL DO BRASIL: DOIS PONTOS
JORNAL DO BRASIL

1960

Regional 2

POLÍGONO DOS CONTRASTES
CORREIO DO POVO (Porto Alegre)

Regional 3

REPORTAGEM SOBRE O NORDESTE

(assinada por Antonio Callado)
CORREIO DA MANHÃ

1961

Regional 1

INAUGURAÇÃO DE BRASÍLIA

(assinada por Perseu Abramo)

ESTADÃO

Regional 3

BRASÍLIA E OS HOMENS

CORREIO BRAZILIENSE

1962

Regional Grupo A

O EPISÓDIO DO STA MARIA

ESTADÃO

Regional Grupo B

O GRANDE DESPERTAR

(assinada por Juarez Bahia)

A TRIBUNA (Santos)

Regional Grupo C

DIÁRIO DA TARDE ROMPE A CORTINA DA VERGONHA

DIÁRIO DA TARDE

Regional Grupo D

OURO E FOME, BINÔMIO DO TAPAJÓS

A PROVÍNCIA DO PARÁ

1963

Regional Grupo A

AMAZÔNIA POR DENTRO

REVISTA QUATRO RODAS

Regional Grupo B

O XISTO BETUMINOSO DO RS

DIÁRIO POPULAR (Pelotas)

Regional Grupo C

APITO DE NAZARÉ É GRITO DE DOR

A TARDE (Salvador)

Regional Grupo D

TERRA RICA EM GENTE POBRE

A ORDEM (Natal)

1964

Regional Grupo A

SÃO PAULO

(assinada por Mino Carta, José Hamilton Ribeiro, Vitor Gouveia, Paulo Patarra e

José Roberto Pena)
REVISTA QUATRO RODAS

Regional Grupo B

SPI: Flagelo de uma civilização
Cinco de Março (Goiânia)

Regional Grupo C

AQUI SE MORRE COMO UM PASSARINHO
ALTEROSA (Belo Horizonte)

Regional Grupo D

GUERRA À JANGADA (assinada por Manoel Carlos Chaparro)
A ORDEM (Natal)

1965

Regional Grupo A

1964: MOBILIZAÇÃO DA AUDÁCIA
ESTADÃO

Regional Grupo B

JAGUNÇOS EM GUERRA: UM VELHO TEMA GERANDO DESGRAÇAS
NOVAS

DIÁRIO DO PARANÁ

Regional Grupo C

VIDA E OBRA DO ALEIJADINHO
O DIÁRIO (Belo Horizonte)

Regional Grupo D

A FRONTEIRA DO FIM-DO-MUNDO
GAZETA DE NOTÍCIAS

1966

Reportagem

BRASILEIROS, GO HOME
REALIDADE

Informação econômica

AS DEZ MÃOS DO ARTESÃO
DIÁRIO DE PERNAMBUCO

Regional

INTERPRETAÇÃO ECONÔMICA DO FUTEBOL BRASILEIRO (assinada por
Roberto Drumond)
ESTADO DE MINAS

Regional

PORTO ALEGRE PESQUISA
FOLHA DA TARDE (Porto Alegre)

1967

Reportagem

OS MENINOS DO RECIFE

REALIDADE

Informação Científica

UMA VIDA POR UM RIM

(assinada por José Hamilton Ribeiro)

REALIDADE

Regional

AS GUERRILHAS DO CAPARAÓ

ESTADO DE MINAS

Regional

SOS PARA O SISAL (assinada por Juarez Bahia)

A TRIBUNA (Santos)

Regional

NO MUNDO AMARGO DO AÇÚCAR

GAZETA DE NOTÍCIAS (Fortaleza)

1968**Reportagem**

ELES ESTÃO COM FOME

REALIDADE

Informação Econômica

O PROGRESSO DO NORDESTE E A DIFÍCIL FEZ DE JOSÉ

JORNAL DO COMÉRCIO

Informação Científica

DE QUE MORRE O BRASIL

(assinada por José Hamilton Ribeiro)

REALIDADE

Regional

OS MENORES ESTIVADORES DO MUNDO

JORNAL DO BRASIL

1969**Informação Econômica**

O BRASIL DECLARA A RENDA

VEJA

Informação Científica

MARCINHA TEM SALVAÇÃO: AMOR

REALIDADE

Regional

MULHER, RECEITA MINEIRA

ESTADO DE MINAS (assinada por Roberto Drumond)

Regional

A DESCOBERTA DO TEMPO PERDIDO

DIÁRIO DO PARANÁ

Regional

CHARLATANISMO NO COMBATE AO CÂNCER

JORNAL DO COMMERCIO (RECIFE)

1970

Regional

DEPÓSITO DE PRESOS
ESTADO DE MINAS

Regional

ASSIM É O LITORAL
PANORAMA (Curitiba)

Regional

NORDESTE, TERRA ESQUECIDA POR DEUS
TRIBUNA DO CEARÁ

Informação econômica

IMPOSTO DE RENDA
VEJA

Informação Científica

OPERAÇÃO SALVA VÍTIMAS DO ENFARTO AGUDO
FOLHA DE SÃO PAULO

1971

Reportagem

ASSIM FOI INICIADA UMA GUERRA
JORNAL DO BRASIL

Informação Científica

QUEIXAS E ESPERANÇAS
VEJA

Informação Econômica

ESTA FLORESTA É SUA
EXAME

Regional 2

ITABIRA, CIDADE DA MALDIÇÃO
DIÁRIO DE MINAS

Regional 3

SALÁRIO MÍNIMO
A TRIBUNA (Santos)

Regional 4

ESTÁ NASCENDO EM CAMPINAS O PRIMEIRO COMPUTADOR
ELETRÔNICO DA AMÉRICA LATINA
CORREIO POPULAR (Campinas)

1972

Reportagem

DEPONDO PARA A HISTÓRIA
JORNAL DA TARDE

Informação científica

POLUIÇÃO ALIMENTAR

CRUZEIRO

Informação econômica

A RENDA DOS BRASILEIROS

VEJA

Regional 2

UM POVO CONDENADO

ZERO HORA

Regional 3

A INVASÃO DO CONTINENTE

A TRIBUNA (Santos)

1973

Informação científica

SEU CORPO PODE SER UM PRESENTE

(assinada por José Hamilton Ribeiro)

REALIDADE

Informação econômica

NAVEGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

ESTADÃO

Regional

BR-101, A ESTRADA DO SOL

A TRIBUNA (Santos)

Regional

TRATADO DE ITAIPU

FOLHA DA MANHÃ (Porto Alegre)

Regional

COM OS COLONOS MINEIROS NA SELVA AMAZÔNICA

ESTADO DE MINAS

1974

Informação científica

NASCEU O PRIMEIRO BRASILEIRO PELO MÉTODO LEBOYER

JORNAL DA TARDE

Informação econômica

A NOVA IDADE AVANÇADA DA AVIAÇÃO BRASILEIRA

JORNAL DO BRASIL

Regional

A EUFORIA DA DA SOJA (série)

ZERO HORA

Regional

MATE O BARBEIRO ANTES DO GOVERNO

ESTADO DE MINAS

Regional

ERRO JUDICIÁRIO DE VITÓRIA DA CONQUISTA

JORNAL DA BAHIA

1975

Informação científica

MEDICINA 75 – AS NOVAS FRONTEIRAS

MANCHETE

Informação econômica

AGRICULTURA NO BRASIL

JORNAL DA TARDE

Regional

MIGRAÇÃO E MARGINALIZAÇÃO

ZERO HORA

Regional

INCENTIVOS PARA UMA ECONOMIA DE CORDEL

O NORTE (João Pessoa)

Regional

A ESPERANÇA MUITO PASSAGEIRA DO TREM DO SERTÃO

ESTADO DE MINAS

1976

Informação científica

AGRICULTURA NO NORDESTE: PROTEÍNA A BAIXO CUSTO EM ÁGUAS OCIOSAS

AGRICULTURA DE HOJE

Informação econômica

PERFIL DO OPERÁRIO BRASILEIRO, HOJE

JORNAL DO BRASIL

Regional Sudeste

GRANDE ABC: A METAMORFOSE DA INDUSTRIALIZAÇÃO

DIÁRIO DO GRANDE ABC

Regional Norte/nordeste

TODOS OS CAMINHOS LEVAM A JUAZEIRO (assinada por Ricardo Noblat)

DIÁRIO DE PERNAMBUCO

1977

Informação econômica

FINANÇAS, 12 ANOS DEPOIS

ESTADÃO

Informação Científica

UM VELHO INIMIGO SE TORNA ALIADO

DIÁRIO DE PERNAMBUCO

Regional Norte

SECA, BEP E SAGRI SÃO OS RESPONSÁVEIS (ASSINADA POR LUIZ MAKLOUF)

O ESTADO DO PARÁ

Regional Nordeste

CERCA (assinada por Jorge Pontual)

BOCA DO INFERNO (Salvador)

Regional Sudeste

Na boca da milésima extracorpórea (assinada por José Hamilton Ribeiro)

Dia e Noite (S.J.Rio Preto)

Regional Centro-Oeste

SERVENTE DE PEDREIRO ACUSA A POLÍCIA E DIZ QUE FOI DESTRUÍDO EM OITO DIAS
ESTADO DE MINAS

Regional Sul

FOTO DA VISITA DE SYLVIO FROTA À CIDADE DE OSÓRIO
ESTADÃO

1978

Informação econômica

O MODELO QUE OS EMPRESÁRIOS, POLÍTICOS E ECONOMISTAS SUGEREM AO SUCESSOR DE GEISEL
EXAME

Informação Científica

O MUNDO ELETRÔNICO DOS ANOS 80
ESTADÃO

Regional Norte

ESTÃO MATANDO A FLORESTA (OS HOMENS MORRERÃO DEPOIS)
A NOTÍCIA (Manaus)

Regional Nordeste

O DIA-A- DIA NO GRANDE RECIFE
JORNAL DO COMMERCIO

Regional Sudeste

OS MENTIROSOS (assinada por Sebastião Nery)
ISTOÉ

Regional Centro-Oeste

A SEGUNDA-GUERRA: A SUCESSÃO DE GEISEL (assinada por André Gustavo S. e Merval Pereira)
JORNAL DE BRASÍLIA

Regional Sul

DOIS SÉCULOS DE DESMATAMENTO NO RIO GRANDE DO SUL

CORREIO DO POVO

1979

Informação econômica

O DESAFIO DA ABUNDÂNCIA
EXAME

Informação Científica

FUNDAÇÕES AMEAÇAM SEGURANÇA DE ANGRA II
ESTADÃO

Regional Norte

Não selecionado

Regional Nordeste

A GUERRA ESTAVA GANHA
DIÁRIO DE PERNAMBUCO

Regional Sudeste

IML ENTREGA FOTO DE AÉZIO QUE OCULTARA

JORNAL DO BRASIL

Regional Centro-Oeste

Não premiada

Regional Sul

GUERRILHA NO SUL: 23 HOMENS TENTARAM LEVANTAR O PAÍS

COOJORNAL

1980

Reportagem

CLÍNICA DE REPOUSO CONGONHAS

FOLHA DE SP

Informação econômica

Não selecionado

Informação Científica

A EPIDEMIA DO SÉCULO

VEJA

Regional Norte

O SOFRIMENTO DO SEGURADO DO INAMPS

ESTADO DO PARÁ

Regional Nordeste

RECÉM-NASCIDOS SÃO EXPORTADOS

O POVO (Fortaleza)

Regional Sudeste

CASO VALE

JORNAL DO BRASIL

Regional Centro-Oeste

NOS PORÕES DA LOUCURA

ESTADO DE MINAS

Regional Sul

OS RELATÓRIOS DO EXÉRCITO SOBRE AS GUERRILHAS

COOJORNAL

1981

Reportagem

RIOCENTRO

ESTADÃO

Informação econômica

A DITADURA DO FISCO

VEJA

Informação Científica

A VIDA CIBERNÉTICA (assinada por Tales Alvarenga)

VEJA

Regional Norte

FOTO (NA ESCOLA DA VIOLÊNCIA)

Regional Nordeste

CORRUPÇÃO: O ESCÂNDALO DO BANCO DO BRASIL EM FLORESTA
JORNAL DA CIDADE (Pernambuco)

Regional Sudeste

A PREVIDÊNCIA NO BRASIL: NA FILA DA FALÊNCIA
JORNAL DA TARDE

Regional Centro-Oeste

O QUE SE PASSA DO OUTRO LADO DA PORTEIRA
ESTADO DE MINAS

Regional Sul

ENCRUZILHADA NATALINO
ZERO HORA

1982**Reportagem**

O FUTURO ABRE CLAREIRAS (assinada por Tales Alvarenga, Augusto Nunes e
Eurípedes Alcantara)
VEJA

Informação econômica

OS 403 DIAS QUE ABALARAM O IMPÉRIO
PLAYBOY

Informação Científica

ESTE BEBÊ VAI MORRER PARA VIVER
MANCHETE

Regional Norte

O APOCALIPSE LIBERTOU SUA PRIMEIRA BESTA
A CRÍTICA (Manaus)

Regional Nordeste

EXU- 200 ANOS DE GUERRA
DIÁRIO DE PERNAMBUCO

Regional Sudeste

FOTO – CHUVA MATA 67 E FERRE 300 NO ESTADO
JORNAL DO BRASIL

Regional Centro-Oeste

O DRAMA MAXACALI
ESTADO DE MINAS

Regional Sul

PONTE DO SALTO
JORNAL DE STA CATARINA

1983**Reportagem**

BNH FAVORECE A DELFIN
FOLHA DE S. PAULO

Informação econômica

O ESCÂNDALO DA CAPEMI
ESTADÃO

Informação Científica

LEITE FRAUDE

ESTADÃO

Regional Norte

FOTO - BISPO AGREDIDO

O LIBERAL (Belém)

Regional Nordeste

SOS PRESIDENTE

DIÁRIO DO NORDESTE (Fortaleza)

Regional Sudeste

ELEIÇÕES DE 82

JORNAL DO BRASIL

Regional Centro-Oeste

ESPIÕES NO PLANALTO

CORREIO BRAZILIENSE

Regional Sul

AS ENCHENTES DE JULHO

JORNAL DE STA. CATARINA

1984**Reportagem**

DIRETAS JÁ (assinada por Augusto Nunes)

VEJA

Informação Econômica

O ESCÂNDALO BNCC

ESTADÃO/J.TARDE

Informação Científica

BOMBA BRASILEIRA, PROJETO PARA 1990

ESTADÃO/J.TARDE

Regional Norte

OURO NO AMAZONAS

CRÍTICA (MANAUS)

Regional A Nordeste

JUVENTUDE DE PERIFERIA

A GAZETA (Vitória)

Regional Sudeste

OS VINTE ANOS DO BNH

JORNAL DA TARDE

Regional Centro-Oeste

CRISE ECONÔMICA X RELIGIÃO

ESTADO DE MINAS

Regional Sul

CLANDESTINO(assinada por Carlos Wagner)

ZERO HORA

1985

Reportagem

CORRUPÇÃO NO INAMPS
ESTADÃO

Informação econômica

IMPÉRIO EM RUÍNAS
VEJA

Informação Científica

ESSES ILUSTRES DESCONHECIDOS HABITANTES DA ILHA
O ESTADO (Floripa)

Informação Política (inauguração da categoria)

RADIOGRAFIA DO SERVIÇO SECRETO
FOLHA DE SP

Regional Norte

JARI- O IMPÉRIO DO DR LUDWIG
A CRITICA(Manaus)

Regional Nordeste

A FÉ E A CRISE
A GAZETA (Vitória)

Regional Sudeste

A CATÁSTROFE DA SERRA DO MAR
A TRIBUNA (SANTOS)

Regional Centro-Oeste

LIVRAI-NOS DO FOGO DO INFERNO
ESTADO DE MINAS

Regional Sul

EIS A INDÚSTRIA DA CORRUPÇÃO
ZERO HORA
(assinada por Carlos Wagner)

1986

Reportagem

O DIA EM QUE SARNEY DERRUBOU A INFLAÇÃO
PLAYBOY

Informação econômica

BRASIL LESADO EM 300 MILHÕES DE DÓLARES (assinada por Teodomiro
Braga)

JORNAL DO BRASIL

Informação Científica

AS FALSAS CURAS DO CÂNCER
SAÚDE

Informação Política

O GRAMPO DE SEMPRE
ISTOÉ

Regional Norte

POR TRÁS DA INVASÃO DO DISTRITO INDUSTRIAL
O LIBERAL (Belém)

Regional Nordeste

POLUIÇÃO

A GAZETA (Vitória)

Regional Sudeste

NA PONTA DO BISTURI
VEJA

Regional Centro-Oeste

MORTE NO PANTANAL
ESTADO DE MINAS

Regional Sul

BRASIGUAIOS (assinada por Carlos Wagner)
ZERO HORA

1987

Reportagem

RIO SOFREU O PIOR QUEBRA-QUEBRA
JORNAL DO BRASIL

Informação econômica

DIGA NÃO AO LEÃO

Informação Científica

SUPERINSETOS
ESTADÃO

Informação política

O ELEITOR FOI EMPACOTADO
VEJA

Regional Norte

RONDÔNIA: A FRONTEIRA DA ESPERANÇA ACABA NO CONFLITO FINAL
A CRÍTICA

Regional Nordeste

O NORDESTE POR TRÁS DAS GRADES
DIÁRIO DO NORDESTE

Regional Sudeste

O ESCÂNDALO DA CEHAB
O GLOBO

Regional Centro-Oeste

O CASO ALAN
ESTADO DE MINAS

Regional Sul

O HOMEM ERRADO
ZERO HORA

1988

Reportagem

COBERTURA DO ACIDENTE COM O CÉSIO 137 EM GOIÂNIA
O GLOBO

Informação econômica

FUGA DE DIVISAS CHEGA DA BILHÕES DE DÓLARES
JORNAL DO BRASIL

Informação Científica

CHOQUE COM A VIDA
VEJA

Informação política

ARQUIVOS SECRETOS DO SNI
JORNAL DO COMMERCIO (Rio)

Regional Norte

POLUIÇÃO: TRISTEZA E MORTE NOS DESCAMINHOS DO OURO
O LIBERAL (Belém)

Regional Nordeste

SUPERSAFRA: O SONHO ACABA NAS MÃOS DO ATRAVESSADOR

DIÁRIO DO NORDESTE (Fortaleza)

Regional Sudeste

ROCINHA SOCIEDADE ANÔNIMA
JORNAL DO BRASIL

Regional Centro-Oeste

Não foi concedido

Regional Sul

FRAUDE NO DER
A NOTÍCIA (JOINVILLE SC)

1989

Reportagem

O CASO BR
ESTADÃO

Informação econômica

ESTÃO SUMINDO COM O DINHEIRO DO SEU FGTS
JORNAL DA TARDE

Informação Científica

O BRASIL NA ERA NUCLEAR
O GLOBO

Informação política

O GRANDE GOLPE (Gilberto Dimenstein)
FOLHA DE SP

Regional Norte

EDUCAÇÃO (SÉRIE)
JORNAL DA MANHÃ (Teresina)

Regional Nordeste

10 ANOS DE ANISTIA
JORNAL DO COMMERCIO

Regional Sudeste

GREVE DOS METALÚRGICOS
O DIA

Regional Centro-Oeste

AS FAZENDAS DO GOVERNADOR
ESTADO DE MINAS

Regional Sul

CASO BRESCOR – A FRAUDE NOS SEGUROS
A NOTICIA (Joinville SC)

1990**Reportagem**

TORTURA NA BASE
VEJA

Informação econômica

FRAUDES NA CONVERSÃO DOS CRUZADOS
O GLOBO

Informação Científica (não foi concedido)**Informação política**

COLLOR CHEGA À PRAIA
VEJA

Regional Norte

JAPONESES COMPROVAM MERCÚRIO ESTÁ MATANDO ÍNDIOS E
GARIMPEIROS
O LIBERAL (Belém)

Regional Nordeste

LUIZ GONZAGA
DIÁRIO DE PERNAMBUCO

Regional Sudeste

UM MERGULHO NO OUTRO MUNDO
JORNAL DO BRASIL

Regional Centro-Oeste

CARROS FURTADOS SÃO RETIDOS POR AUTORIDADES DE GOIÁS
JORNAL DE BRASÍLIA

Regional Sul

O RIO GRANDE CASTELHANO
ZERO HORA

1991**Reportagem**

SEGREDO REVELADO (sobre o romance de Zélia Cardoso e Bernardo Cabral)
ESTADÃO

Informação econômica

AQUI COMEÇA O CAMINHO PARA O PACÍFICO
GLOBO RURAL

Informação Científica

COMO O BRASILEIRO SE ALIMENTA
SUPERINTERESSANTE

Informação Política

ROSANE COLLOR (LBA – SÉRIE)
JORNAL DO BRASIL

Regional Norte

BANDEIRA DO BRASIL HASTEADA EM RORAIMA
GAZETA DE RORAIMA

Regional Nordeste

PRONTUÁRIO DO DOPS
DIÁRIO DE PERNAMBUCO

Regional Sudeste

FOME NA BAIXADA
O DIA

Regional Centro-Oeste

OPERAÇÃO ARRASTÃO
HOJE EM DIA (Belo Horizonte)

Regional Sul

RIO GRANDE DEVASTADO
ZERO HORA

1992**Reportagem**

A TESTEMUNHA-CHAVE (motorista de Collor)
ISTOÉ

Informação política

EXÉRCITO:COMPRA COM PREÇO SUPERFATURADO (assinada por Boechat)

JORNAL DO BRASIL

Regional Norte

Não foi concedido

Regional Nordeste

SOS PERNAMBUCO

Regional Sudeste

A REPÚBLICA DO PÓ
JORNAL DO BRASIL

Regional Centro-Oeste

OS ARQUIVOS DA UNB
JORNAL DE BRASÍLIA

Regional Sul

CONTRABANDO DE LÃ
ZERO HORA

Informação econômica (categoria não constou do prêmio)

Informação Científica (categoria não constou do prêmio)

1993

Reportagem

CORRUPÇÃO NA POLÍCIA DO RIO DE JANEIRO
O GLOBO

Reportagem especializada (substituiu a categoria de reportagem política)

ANATOMIA DE UMA LICITAÇÃO
FOLHA DE SP

Regional Norte

FIM DE LINHA
A CRÍTICA

Regional Nordeste

ESQUEMA QG
DIÁRIO DE PERNAMBUCO

Regional Sudeste

A MAFIA DOS FERRO-VELHOS
JORNAL DO BRASIL

Regional Centro-Oeste

FOTO SALTO PARA A VIDA
ESTADO DE MINAS

Regional Sul

O EXTERMÍNIO DE MENORES NO RIO GRANDE DO SUL
ZERO HORA

Informação econômica (categoria não constou do prêmio)

Informação Científica (categoria não constou do prêmio)

1994

Reportagem

MULHER – A GRANDE MUDANÇA NO BRASIL
VEJA

Regional Norte

VIDA E ÁGUA SE MISTURAM NA VÁRZEA
O LIBERAL

Regional Nordeste

PERNAMBUCO NO CENTRO DO GOLPE
JORNAL DO COMMERCIO (Recife)

Regional Sudeste

HELIO VIGIO FATURA ALTO COM SEQÜESTROS
JORNAL DO BRASIL

Regional Centro-Oeste

BRASIL REAL
CORREIO BRAZILIENSE

Regional Sul

XENOFOBIA NA AMÉRICA
ZERO HORA

1995

Reportagem

CONSULTORIA NO SEBRAE
GLOBO

Informação econômica

A TURMA DO CALOTE
VEJA

Informação Científica

CAIAPÓS S/A (assinada por Ricardo Kotscho)
CAMINHOS DA TERRA

Regional Norte

O SUBMUNDO DA PROSTITUIÇÃO
A PROVÍNCIA DO PARÁ

Regional Nordeste

A BOMBA DOS GUARARAPES
JORNAL DO COMMERCIO (Recife)

Regional Sudeste

MULHER, CRIME E CASTIGO
VEJA

Regional Centro-Oeste

A MAFIA DOS CONDOMÍNIOS
CORREIO BRAZILIENSE

Regional Sul

O BRASIL DAS BOMBACHAS
ZERO HORA

1996

Reportagem

CONVERSAS FULMINANTES
ISTOÉ

Informação econômica

OPERAÇÕES FANTASMAS MINARAM NACIONAL
ESTADÃO

Informação Científica

A SAGA DOS ÍNDIOS GIGANTES
GLOBO

Regional Norte

A MÁFIA DA TERRA
PROVÍNCIA DO PARÁ

Regional Nordeste

MÁFIA DA APOSENTADORIA
O POVO (Fortaleza)

Regional Sudeste

OS 162 CARELLIS DA POLÍCIA
O DIA

Regional Centro-Oeste

GUERRILHEIROS COLOMBIANOS SEQÜESTRAM BRASILEIROS
ESTADO DE MINAS

Regional Sul

AS BRUXAS DE GUARATUBA
ESTADO DE MINAS

1997

Reportagem

PROSTITUIÇÃO INFANTIL
O GLOBO

Informação econômica

O ESCÂNDALO DOS PRECATÓRIOS
ESTADÃO

Informação Científica

ARAMAR TEVE ACIDENTES RADIOATIVOS
JORNAL DO BRASIL

Regional Norte

EXPEDIÇÃO QUILOMBO
AMAZÔNIA EM TEMPO

Regional Nordeste

CASO FRANÇA
O POVO (Fortaleza)

Regional Sudeste

INFÂNCIA A SERVIÇO DO CRIME
O DIA

Regional Centro-Oeste

CRITOS DO MASSACRE DE CARAJÁS
HOJE EM DIA (BH)

Regional Sul

NO LIMIAR DA CIVILIZAÇÃO
ZERO HORA

1998

Reportagem

O RELATÓRIO AMERICANO (sobre a viagem de Clinton)
O GLOBO

Informação econômica

A CONTA DO PROER
ISTOÉ

Informação Científica

REAPRENDENDO A VIVER
ISTOÉ

Regional Norte

FOGO NO CAMINHO DAS CRIANÇAS DE PARAGOMINAS
A PROVÍNCIA DO PARÁ

Regional Nordeste

GOLPE DOS SIMILARES

A TARDE (Salvador)

Regional Sudeste

ALVO SEM PROTEÇÃO

O GLOBO

Regional Centro-Oeste

IRREGULARIDADES NAS CASAS DE BINGO

ESTADO DE MINAS

Regional Sul

A FRONTEIRA DO CRIME

ZERO HORA

1999**Reportagem**

RIOCENTRO

O GLOBO

Informação econômica

QUEDA DE GUSTAVO FRANCO

O GLOBO

Informação Científica

RASTROS INDOMÁVEIS

GLOBO RURAL

Regional Norte

VIOLÊNCIA ENTRE GALERAS FAZ LEGIÃO DE MUTILADOS

A CRÍTICA

Regional Nordeste

DOCUMENTOS INÉDITOS LIGAM DIRETOR DA PF A CASOS DE TORTURA

O POVO (Fortaleza)

Regional Sudeste

O PREÇO DA LIBERDADE

O DIA

Regional Centro-Oeste

CRIANÇA NO LIXO, NUNCA MAIS

ESTADO DE MINAS

Regional Sul

A VIDA QUE NINGUÉM VÊ

ZERO HORA

2000**Reportagem**

DEFESA ABERTA

ISTOÉ

Informação econômica

OPERAÇÕES QUEBRARAM O BOAVISTA

VALOR ECONÔMICO

Informação Científica

A FONTE DA VIDA

ISTOÉ

Regional Norte

CENSURA, NÃO

A GAZETA (Rio Branco)

Regional Nordeste

ARQUIVO SECRETO – MORTES NA FAB

O POVO (Fortaleza)

Regional Sudeste

AS QUENTINHAS

O GLOBO

Regional Centro-Oeste

ESTÃO SAQUEANDO OS COFRES DO FAT

CORREIO BRAZILIENSE

Regional Sul

COMIDA PERIGOSA

AMANHÃ (Porto Alegre)

2001**Reportagem**

LBV – O IMPÉRIO DA BOA VONTADE

O GLOBO

Informação econômica

SINAL VERDE PARA O CONTRABANDO

O GLOBO

Informação Científica

O NEGÓCIO DO VERDE

EXAME

Regional Norte

MEDO – SOLDADOS TEMEM GUERRA NA FRONTEIRA A CRÍTICA

Regional Nordeste

O DESMONTE DA MALHA NORDESTE

JORNAL DO COMMÉRCIO

Regional Sudeste

OS PAPÉIS SECRETOS DO EXÉRCITO

FOLHA DE SP

Regional Centro-Oeste

OS SALÁRIOS DOS DEPUTADOS ESTADUAIS MINEIROS

ESTADO DE MINAS

Regional Sul

MÃOS ÀS ARMAS – MENINOS!

O ESTADO (Curitiba)

2002

Reportagem

MORTO SOB CUSTÓDIA

O DIA

Informação econômica

ACORDO DE CONCILIAÇÃO LESA TRABALHADORES

FOLHA DE SP

Informação Científica

PLANETA TERRA

O GLOBO

Regional Norte

CONTRADIÇÃO

AMAZÔNIA JORNAL (Belém)

Regional Nordeste

RAÍZES DA VIOLÊNCIA

JORNAL DO COMMERCIO

Regional Sudeste

PM RECRUTA PRESOS PARA COMBATE AO PCC

FOLHA DE SP

Regional Centro-Oeste

GRILAGEM EM BRASÍLIA

CORREIO BRAZILIENSE

Regional Sul

ADOLESCÊNCIA PROSTITUÍDA

JORNAL PIONEIRO (Caxias do Sul)

2003

Reportagem

ESTADOS UNIDOS ATACAM O IRAQUE

FOLHA DE SP

Informação Econômica

A TERCEIRIZAÇÃO QUE MATA

O GLOBO

Informação Científica

AMAZÔNIA BRASILEIRA

OBSERVATÓRIO SOCIAL

Regional Norte

A IMPUNIDADE DOS SENHORES DE ESCRAVOS

O PARAENSE (Belém)

Regional Nordeste

GRAMPOS ILEGAIS NA BAHIA

A TARDE (Salvador)

Regional Sudeste

CRIME SOBRE RODAS

O DIA

Regional Centro-Oeste

GUERRILHA NO ARAGUAIA

CORREIO BRAZILIENSE

Regional Sul

UMA VIAGEM AO PAÍS BANDIDO

(assinada por Carlos Wagner)

ZERO HORA

2004

Reportagem

A TRAGÉDIA DE FELIPE KLEIN

JÁ (Porto Alegre)

Informação econômica

PRESIDENTE E DIRETOR DO BC ESCONDERAM DA RECEITA BENS NO EXTERIOR

ISTOÉ

Informação Científica

CÂNCER AFETA 18 VIZINHOS DO CÉSIO

O POPULAR (Goiânia)

Regional Norte

VIOLÊNCIA E DESTRUÇÃO EM TERRAS AMAZONENSES

A CRÍTICA

Regional Nordeste

FRANCISCO JULIÃO, AS LIGAS E O GOLPE MILITAR DE 64

DIÁRIO DE PERNAMBUCO

Regional Sudeste

MORTE ANUNCIADA: PARAÍBA AGONIZA

O GLOBO

Regional Centro-Oeste

MÁFIA DOS VAMPIROS

ESTADO DE MINAS

Regional Sul

DEVORADOS PELA MISÉRIA

GAZETA DO POVO

2005

Reportagem

JANELA INDISCRETA

EXTRA

Informação econômica

A VERDADE SOBRE A TRANSPOSIÇÃO DO S. FRANCISCO

ESTADO DE MINAS

Especial Interior

A ROTA DAS MULAS

FOLHA DA REGIÃO (Araçatuba)

Informação Científica

NATUREZA À DERIVA

O GLOBO

Regional Norte

ESCRAVAS NO SURINAME

O LIBERAL (Belém)

Regional Nordeste

ASSALTO AO BANCO CENTRAL

O POVO (Fortaleza)

Regional Sudeste

CHACINA

O DIA

Regional Centro-Oeste

OURO DE MINAS – 300 ANOS DE HISTÓRIA

ESTADO DE MINAS

Regional Sul

PAIXÃO PELO FUTEBOL

ZERO HORA